

Olga Maria de Azevedo Almeida

Utopias realizadas

Da New Lanark de Robert Owen à Vista Alegre de Pinto Basto

Porto, 2010



Ao meu Lima Reis, que foi o meu verdadeiro porto de abrigo,
e aos meus filhos, pela relação de cumplicidade nos
momentos bons e menos bons, dedico este trabalho.

Eu acho que, para toda a gente, o que é necessário haver num país são os três S: S número um, sustento; S número dois, saber; S número três, saúde. Só a seguir ao sustento é que vem o saber. E perguntar às pessoas «o que querem aprender?», e eu digo isto para grandes e para pequenos. (...) O mundo acaba sempre por fazer o que sonharam os poetas.

Agostinho da Silva

Resumo

No contexto do século XIX, na sequência da Revolução Francesa e em plena Revolução Industrial, New Lanark afirmou-se como a maior fábrica da Grã-Bretanha, palco das experiências sociais que Robert Owen viria a descrever, em termos teóricos em *A New View of Society*. Robert Owen, gestor de sucesso, tentou obsessivamente convencer os políticos e poderosos do seu tempo da eficácia das suas teorias para a resolução dos terríveis problemas sociais que assolavam a Europa.

Em Portugal, a burguesia, mais do que uma revolução industrial, queria “ter sangue azul” e assim se adiantavam o progresso e desenvolvimento económicos. O liberalismo, adaptado à realidade portuguesa, permitiu que José Ferreira Pinto Basto ampliasse o seu património imobiliário, se tornasse um homem verdadeiramente rico e persistentemente transformasse uma quinta numa povoação, fundando a primeira fábrica de porcelanas do país.

Este trabalho não tratará dos aspectos técnicos do fabrico da porcelana ou do seu papel no desenvolvimento do país, visando antes cotejar New Lanark e a Vista Alegre tendo em consideração seus traços comuns, isto é, a organização espacial das comunidades fundadas e as obras sociais realizadas.

Será dado particular destaque aos aspectos tocantes ao tipo de relações estabelecidas entre patrões e operários, à educação e à religião nestas duas utopias paternalistas realizadas.

Palavras-chave: utopia realizada, utopia paternalista, New Lanark, Vista Alegre, socialismo utópico, José Ferreira Pinto Basto, Robert Owen, educação, religião, liberalismo; revolução industrial

Abstract

In the 19th century, after the French Revolution and in the midst of the Industrial Revolution, New Lanark appears as one of the major factories of Great Britain, and Robert Owen transformed it into a model where he experimented his theories which were later published in *A New View of Society*. Robert Owen, a successful manager, will obsessively convince the politicians and the powerful of his time about the efficiency of his theories in the resolution of the terrible social problems that devastated Europe.

In Portugal, the bourgeoisie wanted royal blood more than an industrial revolution, and, thus, progress and development were delayed. Liberalism, adapted to the Portuguese reality, allowed José Ferreira Pinto Basto to enlarge his real estate and become a truly rich man, who persisted in transforming a farm into a village through the foundation of the first porcelain factory in the country.

This dissertation will not look at the technical aspects of the porcelain factory nor its role in the development of the country. On the contrary, it will compare New Lanark and Vista Alegre taking into consideration their common traits either through the spacial organization or the social work done.

Special attention will be given to aspects related to the type of relationship established between employers and employees, to education and to religion.

Having considered that New Lanark and Vista Alegre are achieved utopias, I shall also analyse its paternalistic character.

Keywords: achieved utopia, paternalism, New Lanark, Vista Alegre, utopian socialism, José Ferreira Pinto Basto, Robert Owen, education, religion, liberalism, industrial revolution

Résumé

Dans le contexte du 19^e siècle, à partir de la Révolution Française et en pleine Révolution Industrielle, New Lanark apparaît comme la meilleure usine de la Grande-Bretagne, planche des expériences sociales que Robert Owen viendra à décrire, en théorie, à *A New View of Society*. Robert Owen, gérant du succès, a essayé obstinément de convaincre les politiciens et les influents de son temps de l'efficacité de ses théories pour la résolution des terribles problèmes sociaux de l'Europe.

Au Portugal, la bourgeoisie, plus qu'une révolution industrielle, voulait « garder le sang bleu » et ainsi ajourner le progrès et le développement économiques. Le libéralisme, adapté à la réalité portugaise, a permis à José Ferreira Pinto Basto d'amplifier son patrimoine immobilier et de devenir un homme véritablement riche qui réussit à force de persévérance à transformer une ferme dans un petit village, fondant ainsi la première usine de porcelaines du pays.

Ce travail ne traitera pas des aspects techniques de la fabrication de la porcelaine ou de son rôle dans le développement du pays; il s'agit plutôt de comparer les points communs entre New Lanark et Vista Alegre c'est-à-dire l'organisation spatiale des communautés fondées et les travaux sociaux réalisés.

Nous accorderons une attention particulière aux aspects qui concernent le type de relations établies entre patrons et ouvriers, à l'éducation et à la religion dans ces deux utopies paternalistes réalisées.

Mots-clés: Utopies réalisées, utopies paternalistes, New Lanark, Vista Alegre, socialisme utopique, José Ferreira Pinto Basto, Robert Owen, éducation, religion, libéralisme, révolution industrielle

Agradecimentos

Confesso que nunca tinha encarado os agradecimentos como coisa realmente séria. Mas dois anos de árduo trabalho ensinaram-me que, mesmo este pequeno estudo não me teria sido possível realizar, no período em que me propus cumpri-lo, não fora a colaboração, ajuda e compreensão de muitas pessoas que comigo se cruzaram.

A primeira pessoa de quem me lembro é a Professora Doutora Fátima Vieira, que, para além de ter acreditado na validade do meu projecto, sempre me incentivou a ir cada vez mais longe. Para além da disponibilidade, não posso esquecer o profissionalismo e rigor que sempre imprimiu aos comentários e à orientação do meu trabalho. Para ela vão os meus agradecimentos mais especiais.

Na Vista Alegre agradeço à Dr.^a Filipa Quatorze, conservadora do Museu da Vista Alegre, que me disponibilizou informação e alguma bibliografia; ao Senhor João Santiago por ter perdido tantas horas comigo, testemunhando as características peculiares desta comunidade. Obrigada pelo entusiasmo com que dirigiu aquela visita de estudo que pela primeira vez fiz a essa fábrica e que tanto interesse me suscitou.

Na escola onde trabalho, não posso esquecer todos os colegas que generosamente trocaram horas de reuniões ou que comigo permutaram aulas para que eu pudesse dar resposta à minha nova condição de estudante - trabalhadora. Aos mais chegados, obrigada por justificarem as minhas faltas aos jantares de convívio, sem desistirem de me incluir na lista de pessoas a desencaminhar. Aos meus alunos CEF, agradeço por, embora sem terem compreendido a utilidade desta dissertação, me terem abraçado num dia em que percebi ter perdido parte substancial de um trabalho a apresentar num seminário. A todos os restantes alunos que me desculparam algumas impaciências, que certamente não mereciam e a que não estavam habituados, o meu reconhecimento também. Agradeço à minha coordenadora, Ana Vilaça, por aceitar, sem reclamar, os relatórios quase sempre no limite do prazo. À Paula Sinde, não só por ter ajustado os horários permitindo-me frequentar o curso de mestrado, mas, sobretudo, por sempre ter acreditado nos meus projectos, um muito obrigada.

Aos meus amigos em geral, e em particular à Aldora, aos Landrús, à Olga, à Salette e ao Zé Rego (meu fotógrafo de serviço), agradeço a paciência, e, especialmente, a sua disponibilidade.

Ao meu querido amigo João Antunes, cuja presença guardo na minha alma, por se ter lembrado da visita de estudo à Vista Alegre... sei que gostaria de ler o que escrevi.

Na Faculdade de Letras, muito obrigada a todos os professores, colegas e à Helena por me fazerem sentir bem-vinda no regresso a uma casa de onde me ausentara havia muito tempo. Não posso, no entanto, deixar de referir, com um carinho especial, o grupo das “cotas”: a Clara, a Paula, a Sara e a Teresa (a ordem é alfabética) – sem vocês tinha sido possível, mas não era a mesma coisa!

Por último, agradeço à minha família, que sempre esteve na minha retaguarda. Ao meu pai por me ter feito voltar aos meus tempos de estudante e de filha, à minha mãe, para quem nada é impossível, e que sempre se desdobrou para que as minhas ausências não se notassem. Ao Tozé, ao João e ao Pedro pela terna paciência.

Sumário

Nota de Abertura

Introdução

Parte 1 – New Lanark

1.1 Inglaterra no século XIX

1.2 Robert Owen – breves notas biográficas

1.3 Influências políticas e filosóficas no pensamento de Robert Owen

1.4 New Lanark de Dale

1.5 New Lanark de Owen – uma utopia realizada

1.5 Owen o propagandista

1.6 Owen e a educação

1.7 Owen e a religião

1.8 Owen o teorizador – Owenites

1.9 Owen e o socialismo utópico

Parte 2 – Vista Alegre

2.1 Portugal no século XIX

2.2 José Ferreira Pinto Basto - breves notas biográficas

2.3 Precursores do socialismo utópico em Portugal: a voz de Francisco Solano Constâncio

2.4 Vista Alegre – fundação de uma fábrica

2.5 Vista Alegre – uma utopia realizada

2.6 A educação na Vista Alegre

2.7 A Igreja e a religião na Vista Alegre

Conclusão

Apêndices

Anexos

Há coisas de que não me lembro se esqueci. E há coisas de que não sei se me lembro....

Adalberto Dias de Carvalho

Lembro-me...

... de, nos meus tempos de escola, uma professora de história ter falado dos socialistas utópicos, de como Robert Owen tinha posto em prática as suas ideias na sua fábrica e de como tinha melhorado consideravelmente as condições de vida dos trabalhadores. Lembro-me de que o facto de serem utópicos não ficou muito claro, já que, para mim, utópico significava irrealizável e Robert Owen tinha afinal concretizado as suas ideias. Mas as vicissitudes da idade encarregaram-se de apenas registar este facto.

Recordo-me da visita de estudo à Vista Alegre, para a qual fui convidada, como professora, e me pareceu algo sem interesse especial. Que poderia eu encontrar numa fábrica que não fossem fastidiosas máquinas e gente que todos os dias fazem a mesma coisa? Mas fui! E como tantas coisas na vida que nos acontecem por acaso, afinal a Vista Alegre não era bem apenas uma fábrica sem interesse e, tal como Robert Owen, impressionou-me.

Muitos, mesmo muitos anos mais tarde, enquanto a escola me desiludia e inevitavelmente não realizava os sonhos que sempre almejei, voltei à Faculdade de Letras procurando não sei bem o quê.

Lembro-me dos Seminários de Estudos Culturais e o facto de a Professora Fátima Vieira falar de Robert Owen, de New Lanark, de New Harmony... E lembro-me de me ter lembrado da Vista Alegre....

E seja o que for que ainda me espere como destino e experiência, há-de incluir alguma caminhada e alguma subida de montanhas: na sua vivência, afinal, uma pessoa apenas se repete a si própria.

Nietzsche

Introdução

A utopia é, sem dúvida, uma forma de reflexão sobre o presente, revelando o que existe de errado nesse tempo e nesse espaço. Por outro lado, sugere soluções para se alcançar, não o paraíso, mas, e dado que me debruçarei sobre o século XIX, uma sociedade onde prevaleça sobretudo uma maior justiça social.

A utopia conduz-nos sempre para espaços que, de algum modo, são melhores do que aqueles em que vivemos; daí que a reinvenção de espaços físicos e sociais seja fundamental para a realização de uma utopia.

Yona Friedman defende na sua obra *Utopies Réalisable (2000)* que, para uma utopia ser realizável, depende sempre da utilização de uma estratégia viável para concretizar uma mudança social, adaptando ou transformando espaços. O espaço, neste contexto, pressupõe relações culturais e políticas, tornando-se, por conseguinte, importante identificar o conceito de espaço que adoptarei. Assim, parece-me ajustada a definição de Soja contida na seguinte afirmação: “The generative source for a materialist interpretation of spatiality is the recognition that spatiality is socially produced and, like society itself, exists in both substantial forms (concrete spatialities) and as a set of relations between individuals and groups, an ‘embodiment’ and medium of social life itself” (Soja 120).

Na consideração de utopias realizáveis adoptarei, como ferramenta conceptual, a teoria de Yona Friedman desenvolvida na obra supracitada.

Segundo Friedman, para que uma utopia seja realizável há que ponderar os seguintes axiomas:

- a. a utopia nasce de uma insatisfação colectiva;
- b. as utopias supõem a existência de uma técnica ou de uma conduta aplicável para que seja eliminada a causa da insatisfação, (utopia positiva);
- c. a solução tem a aprovação de um grupo (consentimento);

A diferença entre uma utopia literária e uma utopia realizável reside no facto de a primeira não passar da criação literária de um indivíduo, e não uma obra lentamente aperfeiçoada por um conjunto de indivíduos envolvidos no mesmo objectivo. A utopia realizável necessita de um certo período de tempo, a que chamarei desfasamento, já que nenhuma situação insatisfatória desaparece rapidamente, sendo também por esta razão que jamais uma utopia poderá ser construção de uma só pessoa. Daí a importância da referência aos pensamentos económicos e filosóficos que precederam os homens que

pensaram as utopias em análise. Deve existir um certo desfasamento a separar os três estados descritos pelos axiomas (insatisfação, invenção de uma técnica aplicável e o estado do consentimento). A análise da New Lanark e da Vista Alegre enquanto utopias que considero realizadas, será sempre baseada nestas premissas.

Dentro deste quadro, há que distinguir duas situações relativamente ao posicionamento daquele que opera na concepção da utopia:

– o autor, aquele que opera (indivíduo ou colectividade), concebendo a utopia, faz parte da colectividade insatisfeita. Todos os elementos são igualmente responsáveis pelas decisões e de igual forma assumem as consequências. Estamos então perante uma utopia não paternalista.

– o autor, aquele que opera (indivíduo ou colectividade), concebendo uma utopia não faz parte da colectividade insatisfeita que, devendo consentir na aplicação técnica (ou mudança de conduta) proposta pelo autor, não se assume como responsável pelas decisões, embora assumas as consequências. O autor assume-se como alguém que sabe melhor o que é bom para a colectividade. Neste caso estamos perante uma utopia paternalista.

Assim, New Lanark e Vista Alegre, as comunidades fabris que me proponho estudar, são utopias paternalistas, na medida em que um indivíduo ou grupo, benevolente e exterior, tentaram impor uma via escolhida por eles para a colectividade que consideraram infeliz. Não se deve confundir ou atribuir qualquer significado negativo a estas utopias, considerando-as abusivas, já que, como foi referido, o consentimento é fundamental. Sem estes dois axiomas – o da insatisfação e o do consentimento –, não há utopia realizada, uma vez que é desta forma que se define a colectividade para a qual a utopia foi pensada. Nos casos em estudo, quem concebe a técnica a aplicar pertence a um grupo de indivíduos que é uma elite. Estas utopias paternalistas socorrem-se de uma espécie de “propaganda” que conduzirá ao consentimento dos persuadidos. Os indivíduos criadores de utopias paternalistas sabem melhor (ou pensam saber) o que é bom ou não para os outros.

O autor do plano utópico tem de ter o dom da persuasão, de modo a conseguir a adesão daqueles que desempenharão um papel na realização da utopia. Esta persuasão só se pode verificar se o grupo for relativamente restrito, uma vez que, em grandes grupos, a comunicação directa¹ se torna impossível. Por este motivo, Friedman

¹ Friedman desenvolve este aspecto das utopias irrealizáveis no capítulo III de *Utopies Réalisables*. Este investigador considera que a crença em utopias únicas e superiores é específica do Ocidente e uma

considera a impossibilidade de realizar utopias universais. Embora a história da humanidade esteja repleta de utopias que se prendem com os grandes valores humanos, como a paz mundial ou a justiça social, estas são irrealizáveis pela impossibilidade de se estabelecer regras de conduta válidas para toda a humanidade (53-5).

Os utopistas Robert Owen e José Ferreira Pinto Basto imaginaram como certos aspectos do espaço social do seu tempo poderiam ser transformados e New Lanark e a Vista Alegre foram a realização dessas utopias. Segundo a teoria de Friedman, estes teriam sido modelos paternalistas. Mas teria sido possível a criação de uma utopia não paternalista e, por isso, mais igualitária, no século XIX, em pé de igualdade com os mais desfavorecidos? Teremos verdadeiramente ideia do que seria ser-se realmente pobre, ou, como se dizia na época, desvalido? Os relatos que temos de situações de grande sofrimento ou injustiça humana são quase sempre feitos por outrem e, por conseguinte, são sempre subjectivos. É sempre o ponto de vista de uma pessoa que pode ser solidário, ou até descomprometido, mas, na verdade, trata-se sempre de alguém a quem falta a qualidade de pertença. É sempre uma relação de alteridade baseada na desigualdade, ainda que possa ser de compaixão.

Tentarei, ao longo do meu trabalho, demonstrar que New Lanark e a Vista Alegre foram utopias realizadas e que José Ferreira Pinto Basto, ao contrário do que é defendido por alguns autores, terá sido mais influenciado pelo modelo experimentado em New Lanark e preconizado por Robert Owen do que pelas teorias de Saint-Simon.

herança da cultura grega e do cristianismo. Há uma crença que incita à conquista para salvar os outros, ainda que por vezes contra a sua vontade. Há uma incapacidade do Ocidente de compreender a impossibilidade da comunicação global. Embora não falem os meios de comunicação, o que falha é a inadaptação biológica do ser humano que torna impossível essa comunicação global. Há uma incapacidade estrutural do ser humano em coordenar um excesso de informação. Um exemplo prático para demonstrar esta teoria é o facto de ser relativamente fácil resolver problemas ao nível de um bairro que se haviam revelado de impossível solução ao nível macro (68-9).

Parte 1

New Lanark

1.1 A expansão da Europa e a Inglaterra no século XIX

No século XVIII, os Europeus tinham alcançado uma situação de domínio e expansão mundial. Esta expansão foi acompanhada de grande crescimento populacional e um desenvolvimento tecnológico sem precedentes, confirmando a superioridade tecnológica da Europa.

Embora o século XVIII tenha sido marcado pelo pensamento de grandes nomes da filosofia europeia, o Iluminismo afirmou-se como o movimento que congregou as diferentes visões no que concerne à crítica social, ao cepticismo religioso e às reformas políticas. Peter Gay ilustrou este movimento intelectual da seguinte forma:

[f]rom Edinburgh to Naples, Paris to Berlin, Boston to Philadelphia, the philosophers made up a clamorous chorus, and there were some discordant voices among them, but what is striking is their general harmony, not their occasional discord. The men of the Enlightenment united on a vastly ambitious program, a program of secularism, humanity, cosmopolitanism, and freedom, above all, freedom of speech, freedom of trade, freedom to realize one's talents, freedom of aesthetic response, freedom, in a word, of moral man to make his own way in the world. (cit. Rostow & Kennedy 14)

Em 1784, Kant afirmou que, finalmente, o homem tinha emergido e imposto a sua tutela sobre o mundo, afirmando-se como um ser responsável, alguém que, como ele disse, *sapere aude* -“soube ser audaz”. Assim, o ser humano passou a assumir os riscos da descoberta e o direito de criticar, aceitando as consequências e a solidão da emancipação.

Com a Revolução Francesa de 1789 e a introdução das ideias liberais por toda a Europa, a classe média foi transformando o poder económico em poder político. Os regimes constitucionais emergiam. A soberania nacional no Ocidente deixaria gradualmente de se basear na Lei Natural, que reflectia a ordem divina, para se basear na doutrina perigosa e nacional da vontade popular. Como refere John Bowle, o Papa

deixava de ser o guardião espiritual do ocidente para ser apenas “mais um outro poder no caleidoscópio da política europeia” (18 – minha tradução).

Os ingleses consideravam-se uma exceção face a outros povos da Europa, uma vez que não se submetiam a governos tiranos e a liberdade fazia parte da sua cultura sem necessidade de ser conquistada. A imprensa, nomeadamente os periódicos britânicos, desempenharam um papel fulcral na construção deste aspecto da identidade britânica, mas também na divulgação de obras literárias e ideias políticas. Os precursores dos periódicos britânicos remontam às últimas décadas do século XVII e começaram por se dedicar quase exclusivamente à crítica literária. No início do século XIX, surgem os *quarterlies*, que se dedicavam também ao debate dos grandes temas da actualidade política, vindo o seu sucesso a derivar do seu alinhamento partidário, tornando-se verdadeiros formadores da opinião pública. O combate ideológico passaria a acontecer sobretudo através dos periódicos (Silva 76-80). A este propósito, refere Walter Graham, em *English Literary Periodicals*:

[i]n any study of politics and the English press, certain marked tendencies are observed. In the first place, those who wished to oppose the King or attack the government had a ready weapon. In spite of licensing acts and stamp taxes, they used it. And with all their severe repressions and punishments, Kings and Kings Ministers early learned that the only effective weapon for fighting the press was the press itself. So fire was fought with fire. So also for two centuries Tories and Conservatives were in a manner, on the defensive. [...] Thus it was in a world long accustomed to political warfare, with attacks and counter-attacks carried on in every form of newspaper and periodical that the two most pretentious organs of this kind, the *Edinburgh* and *Quarterly Reviews* appeared in the first decade of the nineteenth century. (cit. Silva 81)

Na sociedade pré-industrial, o horizonte do “grande agricultor” estava confinado à sua vila e ao mercado da sua cidade. Na Inglaterra do século XIX, tudo se transformava a um ritmo acelerado. Com a aplicação da ciência e das tecnologias no desenvolvimento económico e no processo de industrialização, os velhos problemas pareciam solucionáveis, imperando o positivismo.

O meio, que tinha prevalecido quase inalterado durante milénios, alterava-se a um ritmo vertiginoso. Uma sociedade pobre, limitada e provinciana, entrou em ruptura, e embora o século XIX tenha trazido consigo mudanças, instabilidade e conflito, trouxe

também conhecimento e desenvolvimento sem precedentes, que levaram ao controlo do meio pelo ser humano. Este foi talvez o feito mais original do Ocidente e, especialmente, da Inglaterra.

Para alguns historiadores, a essência da Revolução Industrial não residiu na transformação espectacular das indústrias do carvão, do ferro ou dos têxteis, ou mesmo na aplicação da energia do vapor, mas sim na “substituição das regulamentações medievais que anteriormente controlavam a produção e a distribuição da riqueza pela livre concorrência” (Briggs 195).

Para compreender a Revolução Industrial na Inglaterra, será necessário ter-se em consideração as intrincadas relações comerciais inglesas: a existência de um grande número de intermediários comerciais; a existência de inúmeras indústrias rurais antes do desenvolvimento das fábricas; as aptidões e os conhecimentos de muitos ingleses na área da mecânica; o uso da energia hídrica antes do aparecimento da máquina a vapor; o aumento da população; a procura crescente de produtos que podiam ser mais baratos através de novos processos de fabrico; as forças, animal e humana, que começaram a ser substituídas ou complementadas pelas máquinas.

No final do século XVIII, havia a consciência de que a história progrediria rapidamente no grande desenvolvimento capitalista que permitiria à Inglaterra a criação de um tipo de sociedade que viria a incorporar o símbolo da modernidade.

A grande alavanca da mudança foi a invenção que permitiu atingir grandes aumentos da produção. Mais de metade do progresso técnico foi realizado entre 1780 e 1860. Apesar do interesse suscitado pela ciência e do papel que esta desempenhou em todo o processo de desenvolvimento, quanto mais não fosse na criação de um espírito curioso e inspirador baseado no princípio de que nada era impossível ao ser humano, este progresso dependeu mais do esforço empírico do que da ciência. É desta dinâmica social resultante de um crescimento económico, que deu origem ao surgimento de uma classe de empreendedores, que emergiu a revolução industrial (Woodward 17-9). Era necessário ter-se capital e estar-se disposto a correr riscos, e, foram por isso poucos os pobres que enriqueceram, tendo a mobilidade social pertencido sobretudo à burguesia.

Apareceu uma nova classe, o proletariado, que incorporava um enorme grupo de trabalhadores fabris, em grande parte subcontratados, temporários assemelhando-se muitas vezes a “tribos errantes” de trabalhadores migrantes (Briggs 198). A maioria desta nova população vinha maioritariamente da Irlanda. O seu baixo nível de vida tornou-se um problema social sério. Mais de dois terços dos dois mil pedintes de

Londres eram irlandeses (Woodward 2-3). Muitos britânicos, críticos do processo de industrialização, sentiam-se perturbados com a situação da maioria do povo, que vivia em péssimas condições. Havia quem comparasse as crianças que trabalhavam nas fábricas com os escravos negros. Apesar da riqueza aumentar, o estado de pobreza proliferava escandalosamente, sendo que muitos trabalhadores viviam com apenas dois *pence* por dia. Os salários diminuíram durante as guerras napoleônicas (1815-1820), os preços tornaram-se inconstantes, persistia uma alta taxa de desemprego e, só no final do século XIX, com a diminuição dos preços e reformas políticas, os pobres começaram a ter alguns benefícios sociais e econômicos resultantes do processo de industrialização (Thomson 134-5).

Muitos percebiam a revolução industrial de uma forma crítica. John Ruskin afirmava que a Inglaterra corria o risco de vir a ter “tantas chaminés quantos os mastros nas docas de Liverpool..., sem prados, árvores ou jardins; nem só um hectare de solo inglês estará livre de um veio de um motor.” Acerca de Manchester, escreve Tocqueville: “Deste esgoto sujo escorre o adubo que fertiliza o mundo inteiro. De um esgoto escorre ouro puro. É aqui que a humanidade atinge o seu maior, e mais abrutalhado, desenvolvimento” (cit. Briggs 201).

Porém, nem todas as comunidades eram assim tão negativas e terríveis. Nem todas as aldeias e vilas industriais tinham perdido a sua identidade. Em algumas floresceu até um certo paternalismo industrial que atraiu operários, cuja adaptação a este novo estilo de vida se tornou mais fácil. Seria este o caso de New Lanark, que será analisado neste trabalho.

Um dos aspectos mais importantes nas alterações vividas neste século XIX foi provocado pela crescente urbanização e aumento da população. No primeiro censo contavam-se quinze cidades com mais de 20.000 habitantes. O crescimento da população não parou e, em 1820, Manchester, Sheffield, Birmingham e Leeds registavam taxas de crescimento de cerca de 40%. A esperança média de vida era mais elevada em Londres que em Paris ou na Prússia (Woodward 1-2).

Apesar das diferenças que distinguiam as diversas cidades, havia características comuns a todas, tais como as habitações dos trabalhadores, alinhadas em longas fiadas de casas do mesmo tipo, construídas em tijolo vermelho. Os problemas de saúde pública eram também basicamente os mesmos, más condições de habitação e populações brutalizadas pela ignorância e pelo excessivo consumo de álcool, tornavam a manutenção da ordem uma tarefa difícil na maioria das cidades (Thomson 12).

É certo que a imagem dada por inúmeros historiadores e escritores da época, mostrando uma Inglaterra deplorável, quer do ponto de vista paisagístico, quer do ponto de vista de grande miséria social de uma parte significativa do povo, deve ser relativizada, não por uma questão de indiferença perante as más condições de vida da maioria da população, mas sobretudo pela ausência de comparação com a sua situação em tempos antecedentes.

Não é difícil preferir uma imagem mais rural, pura e até inocente, lamentando a substituição do agricultor e do artífice por grandes cidades com fábricas e máquinas. Não podemos, no entanto, esquecer as condições em que vivia a maioria dos ingleses na passagem do período feudal para a era moderna. Essa realidade é-nos retratada por Thomas More, e é sem dúvida o pano de fundo histórico que ele critica na sua *Utopia*. De qualquer modo, não seria difícil imaginar alimentar cerca de catorze milhões de pessoas, em 1821 (o dobro da população existente um século antes), mesmo a um nível miserável, sem a introdução de maquinaria que permitiu aumentar a produção. Este aumento da população, sentido desde a segunda metade do século XVIII, deveu-se não só ao facto de as pessoas casarem mais cedo, mas sobretudo à evolução e melhoramento das condições de vida causados pelos avanços nas ciências médicas e farmacêuticas, assim como o facto de agora as populações terem acesso a mais e melhores produtos. A título de exemplo, refira-se as roupas de algodão baratas e os melhoramentos das condições sanitárias nas grandes cidades (Trevelyan 449).

A Revolução Industrial trouxe também melhoramentos às vias de comunicação que existiam desde a época romana. Desde o início do reinado de Jorge III que foi construída uma rede de canais que permitia ligar as cidades, trazendo-lhes os benefícios de que Londres gozava pela sua localização marítima. Mais tarde os caminhos-de-ferro² vieram substituir estes canais.

Em 1819, e apesar da industrialização, a maioria das populações ainda se mantinha ligada à produção agrícola, seguida da construção civil e prestação de serviços domésticos.

A verdadeira mudança deu-se com a aplicação do carvão na transformação do ferro. Com a indústria do ferro e a invenção e fabrico de maquinaria, nasceu uma nova

² A primeira locomotiva a vapor usando trilhos, foi construída pelo inglês Richard Trevithick em 1804. O passo maior para o desenvolvimento da locomotiva foi dado por George Stephenson. Este Inglês, mecânico nas minas de Killingworth, construiu a sua primeira locomotiva, a Bluchen, em 1814. A Bluchen destinava-se ao transporte dos materiais da mina e conseguiu transportar trinta toneladas à velocidade de seis km por hora. Em 1825 foi inaugurada a primeira linha férrea Stockton and Darlington Railway.

classe – a dos mecânicos, no conceito moderno da palavra. Se estas mudanças trouxeram poucos progressos ao trabalho quase desumano das mulheres e crianças da época, criaram, por outro lado, uma nova classe de engenheiros e técnicos que eram bem pagos e respeitados. A este respeito afirmou G. M. Trevelyan:

[t]here was nothing bourgeois about the origins of the man who invented the locomotive, after having taught himself to read at the age of seventeen. The motto of the coming age was “self-help”, or individual opportunity, and its benefits were not entirely monopolized by the middle class. It was from the “Mechanics Institutes” that the adult education of the new age took a start. (451)

Os fluxos migratórios verificados desde 1760 traziam “[m]an-power for the new industrial world, ‘bowing their heads for bread’, but glad to escape from rural England, Scotland, Wales, and Ireland, where only starvation awaited them” (*idem* 453).

A riqueza aumentava sobremaneira nas cidades e no campo mas, apesar dos aparentes melhoramentos nas condições de vida, a diferença entre ricos e pobres era cada vez maior.

O século XIX, por outro lado, não só trouxe vigor democrático ao Parlamento, Municípios, Igreja, Escola e Serviços Cívicos, como foi também o período das uniões sindicais, reformas eleitorais, cooperativas, comissões e comités com fins filantrópicos e do socialismo utópico (Thomson 20-1). Estes movimentos, claramente de origem britânica, distinguiram-se dos movimentos mais revolucionários e, por vezes, mais violentos da restante Europa, que lutava para pôr fim aos regimes absolutistas e implementar regimes liberais.

A igreja anglicana continuou a ser a igreja do regime, sendo os bispos oriundos de famílias aristocráticas, a estrutura religiosa do país acompanhava e acentuava a estrutura política. A Igreja, na Inglaterra, encontrava-se assim associada ao poder local das classes dirigentes, perdendo o contacto com as classes populares. Esta religião não fornecia qualquer apoio ou conforto aos trabalhadores e camponeses perturbados pelos sentimentos de injustiça e instabilidade gerados pela miséria. Surgem assim as respostas das seitas dissidentes ou não-conformistas, que, apesar de tudo, se mostravam também

impotentes no apoio às massas populares. Seriam os metodistas³, que, falando para as massas, se tornariam numa igreja que hoje conta com milhões de fiéis.

A influência do metodismo no povo inglês foi imensa. Tal como os primeiros puritanos, também os metodistas condenavam a atitude de tolerância desregrada da época e defendiam a tradição de manter o domingo inglês. Os pastores hierarquicamente mais baixos da igreja anglicana, influenciados por esse movimento, passaram a dirigir-se aos seus fiéis imitando o estilo de Wesley. À semelhança do metodismo, outras seitas religiosas organizaram-se em igrejas que se tornavam cada vez mais emocionais. Desta forma, as diferentes correntes do cristianismo iam ocupando os mais pobres, que se sentiam menos tentados pelas doutrinas revolucionárias do Continente. Em Inglaterra, a classe média respeitava a Bíblia, enquanto os intelectuais, poetas e filósofos se deixavam influenciar pelos ideais jacobinos da revolução francesa e pela filosofia de Rousseau (Maurois 252).

Ao nível das alterações políticas, as guerras napoleónicas afastavam as grandes reformas. A classe média, embora arredada do poder político, mantinha-se ocupada, aumentando o seu poder financeiro sem realmente desafiar o poder político. Apesar do proletariado, motivado pela situação miserável em que vivia, ser frequentemente agitado pelos radicais Cobbet e Hunt, ainda era possível mantê-los relativamente controlados pela classe média.

Adam Smith, Ricardo, Godwin e Malthus dominavam o cenário das teorias económicas na Inglaterra, gerando enormes influências no panorama europeu. Foi nessa Inglaterra que Robert Owen surgiu com ideias que viriam a ser apelidadas de socialismo utópico, proporcionando o mote a Karl Marx e Engels nos seus estudos fundadores de uma nova visão sobre um mundo marcado por novas relações de trabalho.

O século XIX produziu cerca de três vezes mais utopias literárias do que todos os séculos anteriores juntos. Segundo Lyman Sargent, foram publicadas cerca de cento e

³ Em 1726, em Oxford, é fundado o “Holy Club” por John Wesley, filho de um pastor anglicano, e alguns amigos, que jejuavam, rezavam, visitavam os pobres, pregavam ao ar livre e confessavam uns aos outros os seus pecados. Foi-lhes dado o nome de metodistas. John Wesley considerava ter sido chamado a cumprir uma missão mais vasta: converter ao cristianismo o mundo invadido pela indiferença. Partiu com o irmão para as colónias na América, onde não teve muito sucesso pelo aparente ardor que punha na conversão de jovens mulheres, tendo regressado a Inglaterra, onde começou uma vida de pregador, juntamente com o seu amigo Whitefield. Juntos pregaram em bairros operários e nos campos. Rapidamente se espalhou a influência dos seus sermões. Homens e mulheres desmaiavam parecendo entrar em transe face às suas palavras. A igreja anglicana recusava-se a reconhecer os seus méritos, bem como a ordenar os pregadores seus adeptos. Já no fim da vida, Wesley foi obrigado a conformar-se com a situação, ordenando ele próprio os seus sacerdotes fundando assim o metodismo, que em 1810 já contava com cerca de duzentos e trinta mil membros (Maurois 251).

sessenta utopias entre 1800 e 1887, sendo que nas mesmas as principais preocupações se prendiam com a constituição de um sistema económico mais igualitário, com movimentos comunitários e com as questões do papel da mulher na sociedade (3).

1.2 Robert Owen: Breves notas biográficas

Robert Owen, figura proeminente dos primórdios do socialismo britânico, nasceu em Newtown, País de Gales, a 14 de Maio de 1771. Teve sete irmãos, havendo, porém, apenas referências ao irmão mais velho, com quem Robert Owen terá colaborado no período inicial da sua vida.

Nessa altura, Newtown era uma pequena cidade rural com alguma actividade comercial e, de acordo com as memórias de Owen, “a neat, clean, beautifully situated village, rather than a town, not containing more than one thousand inhabitants, with ordinary trades, but no manufactures except a very few flannel looms” (Donnachie 2000: 3). Foi talvez este local, ainda muito rural, que influenciou Owen no gosto pela natureza. Para alguém que passou a maior parte da sua vida em meios urbanos, tais como Manchester, Glasgow e Londres, são evidentes as memórias da sua infância no amor pela natureza e pelo campo. Quando, mais tarde, reflectiu sobre os efeitos do meio na formação do carácter, foi visível a importância que conferiu ao estudo da natureza e da geografia na educação das crianças.

Começou a frequentar a escola aos quatro ou cinco anos e foi certamente um excelente aluno, já que, com a idade de sete anos, se tinha tornado assistente do seu professor. Lia compulsivamente obras literárias e sobre temas históricos, assim como biografias. A sua origem e vivência no País de Gales, além de o terem tornado bilingue, foram certamente relevantes para a sua atitude de simpatia e tolerância para com os “Highlanders”⁴, que tiveram um efeito significativo no perfil demográfico de New Lanark (Nicolson & Donnachie 23).

As obras que, no entender de Ian Donnachie, mais influenciaram Owen terão sido *The Pilgrim's Progress* e *Robinson Crusoe*. Esta última, terá, na verdade, sido marcante para a formação do seu carácter e das suas futuras convicções, tendo em conta as suas mensagens religiosas, económicas e ambientalistas. Ao longo da sua vida e,

⁴ O artigo “The New Lanark Highlanders: Migration, Community, and Language 1785- c. 1850” de Margaret Nicolson e Ian Donnachie trata com pormenor este aspecto das migrações desta comunidade e da importância que tiveram em New Lanark .

sobretudo, nas reformas que levou a cabo em New Lanark, Owen identificou-se com o herói no sucesso da construção meticulosa e paulatina da réplica do mundo físico e moral em que tinha vivido. Muitos anos depois, New Lanark tornar-se-á a sua “ilha”, onde, à semelhança do seu herói, tudo usará para construir o modelo de sucesso a que se propunha (2000: 8).

Robert Owen frequentou uma escola de dança e música, onde aprendeu a dançar e a tocar clarinete. Parece que a dança, bem como o convívio com o sexo oposto que esta lhe proporcionava, lhe dava particular prazer, pelo que, possivelmente, teriam sido estas memórias que estiveram na base da importância que dava a essas actividades extracurriculares na educação das crianças de New Lanark, tendo mesmo introduzido aulas de canto e dança.

O pai de Robert Owen era um homem de algum prestígio na aldeia sendo que, para além de responsabilidades religiosas, cabia-lhe também a tarefa de distribuir o correio. Esta última actividade, sobretudo, permitiu ao jovem Owen lidar com dinheiro, preencher documentos, separar correspondência, atender pessoas de estratos sociais superiores e desenvolver aptidões que certamente o tornariam mais preparado para enfrentar a vida em Londres, para onde partiu com a idade de dez ou onze anos.

A partir desse momento da sua vida, Owen tornou-se independente, provando ser capaz de subsistir por si só. Conseguiu emprego, graças a esforços feitos pelo seu pai, numa loja de tecidos da cidade, contando também com o apoio do seu irmão mais velho, William, já casado e instalado em Londres. Posteriores dificuldades nessa loja tê-lo-ão levado para Stamford, uma pequena mas rica e próspera cidade em Lincolnshire, para trabalhar numa loja de tecidos.

Foi nessa loja, que pertencia a James McGuffog, que a geria com extremo rigor e organização, que Owen aprendeu a trabalhar metódica e eficazmente. Sendo uma das mais prestigiadas lojas da cidade, tornara-se uma espécie de ponto de encontro da nobreza local. Aí, Owen teve a oportunidade de se familiarizar com pessoas com quem mais tarde se relacionaria. Por outro lado, aprendeu técnicas de gestão eficazes, bem como formas de ganhar e investir dinheiro. Aprendeu ainda que uma das estratégias comerciais residia na capacidade de fazer os produtos valerem pelo seu preço, mais do que pela qualidade⁵. McGuffog exigia disciplina e método no trabalho, mas foi

⁵ “[a]rt of turning a profit, a sense of debasing nature of selling and its frequent reliance upon dissimulation, and a feel for cloth”(Claeys viii).

extremamente protector e generoso, proporcionando a Robert Owen tempo livre, que ele aproveitava para ler.

Nesse período, Owen era ainda um jovem religioso e Donnachie acredita que poderá ter sido nesta altura que ele começou a debater-se com dúvidas relativamente à validade das escolhas religiosas (28). McGuffog era presbiteriano e a sua mulher era anglicana. Porém, este facto não parecia afectar o casal, que se dividia pelas duas igrejas e respectivos cerimoniais. Owen acompanhava-os habitualmente nas obrigações religiosas, sendo possível que, apesar de ser ainda muito jovem, se tenha começado a aperceber do seu carácter dogmático. Sobre o assunto, Claeys escreve: “Owen at ten concluded that all existing theologies were erroneous. Notwithstanding, for several years he continued to seek ‘the true religion’, which would inspire genuine kindness and charity, [...]. But he also came to believe that religious preferences resulted from upbringing” (vii).

Revelando desde cedo um espírito crítico e interventivo, Owen resolveu escrever uma carta a William Pitt⁶, que se tornaria, anos mais tarde, primeiro-ministro, chamando a atenção para o desrespeito pelo *Sabbath* e pelo seu sentido religioso por parte dos comerciantes que mantinham lojas abertas. Dias depois, uma notícia no jornal referia que o Parlamento se tinha debruçado sobre o assunto e que aprovara Recomendações quanto ao respeito a acautelar pelo *Sabbath*. Certamente teria sido uma feliz coincidência que não deixou, no entanto, de impressionar o jovem Owen, bem como os McGuffog.

Aos catorze ou quinze anos, regressou a Londres, onde passou algum tempo com o irmão e a cunhada. Arranjou emprego numa loja, onde experimentou uma realidade completamente oposta à anterior. Os clientes pertenciam a uma classe social baixa e o ritmo de trabalho era frenético: trabalhava das oito da manhã às nove ou dez da noite. Os produtos ficavam numa tal confusão que, muitas vezes, tinham de ficar até às duas da madrugada a organizar a loja e o armazém. Ali, Owen aprendeu um outro aspecto a considerar no negócio, a rapidez, ao mesmo tempo que sofria na pele os exageros do descomedimento de horas de trabalho tão frequentes na época.

⁶ William Pitt foi um herói das Guerras Napoleónicas e tornou-se um acérrimo opositor aos ideais da Revolução Francesa e aos movimentos radicais que apoiavam o jacobinismo e as reformas políticas. Defendia a igreja de Inglaterra, a continuidade e o tradicionalismo nos métodos governativos. Morreu em 1806 (Thomson 21-3).

Em 1788, partiu para Manchester. Com apenas dezassete anos, deparou-se com uma cidade altamente industrializada e com cerca de cinquenta mil habitantes. Gregory Claeys, na sua Introdução à obra de Robert Owen, *A New View of Society and Other Writings*, considera o período por ele vivido em Manchester vital para a construção do seu pensamento. Foi nessa cidade que se apercebeu das implicações nas alterações das formas de produção devido ao desenvolvimento tecnológico. Constatou que haveria uma rápida expansão da produção, um aumento da densidade populacional urbana e o aumento das doenças e morte prematura das massas trabalhadoras (viii).

Por volta de 1790, Owen constituiu sociedade com o seu amigo Jones, num negócio ligado ao fabrico de máquinas para a indústria têxtil, tendo começado o seu percurso como empresário de sucesso, já que este negócio iria permitir-lhe ter uma vida razoável e emancipada. O seu êxito abriu-lhe horizontes e deu-lhe sobretudo audácia e auto-confiança para conquistar um lugar ao sol no mundo dos negócios.

Drinkwater, um industrial verdadeiramente relevante e poderoso em Manchester, decidiu abrir uma nova fábrica e Owen teve conhecimento do facto através de um anúncio no *Manchester Herald*:

Superintendency of a factory wanted

A Person to superintend and conduct an extensive Mule Factory,
To whom any salary will be allowed proportionate to Merit.
No one need apply, whose character, in regard to Morals, as well as
Capacity and Steadiness, is not in every way respectable.
For particulars apply to Mr. Drinkwater, at his Warehouse in Manchester,
on Tuesday, Thursdays or Saturdays from eleven to two o'clock.

De acordo ainda com o que é referido por Donnachie (2000:43), Owen, apesar de muito jovem, terá conseguido o lugar, impressionando Drinkwater pelo arrojo de ter pedido um salário muito superior a qualquer dos seus concorrentes e sobretudo pelo facto de não consumir bebidas alcoólicas. O álcool era um problema social grave que, naturalmente, afectava o normal funcionamento das fábricas, originando constantemente situações de desordem que desagradavam especialmente a Owen. O álcool seria sempre o inimigo número um em New Lanark, sendo o alcoolismo um dos primeiros comportamentos a combater no seio dos operários.

Owen deparou-se com a difícil tarefa de dirigir cerca de quinhentos trabalhadores sem qualquer guia ou ajuda. Sentiu-se como Robinson Crusoe, perdido na sua ilha, “no one to give me assistance” (cit. Donnachie 2000: 44). Tinha chegado o tempo exacto para pôr em prática tudo o que tinha aprendido com McGuffog. Owen alcançou uma grande eficácia nesta unidade fabril, conseguindo produção em quantidade e qualidade. Embora se tenha preocupado desde o início em promover condições de higiene nas instalações fabris e em controlar o consumo de álcool entre os trabalhadores, estes eram obrigados a trabalhar das seis da manhã até às oito da noite, uma hora a mais do que na maioria das fábricas de Manchester.

Parece também claro, pela leitura dos estudos de Donnachie, que a preocupação com as condições de higiene e segurança nas instalações fabris havia partido de Drinkwater, que dera instruções claras nesse sentido aos engenheiros responsáveis pelas instalações. A este propósito, reflectiu o próprio Drinkwater: “[t]he object of keeping the factory sweet and wholesome is a matter which I cannot help considering of the utmost importance, whether as regards decency, convenience or humanity” (cit. Donnachie 2000: 46).

O trabalho e o sucesso de Owen, como gestor, terão sido reconhecidos por Drinkwater, que o convidou a reorganizar a sua outra fábrica em Northwich, trabalho que, sem dúvida, constituiu um valor acrescentado que Owen levou consigo para a sua futura experiência em New Lanark.

Durante esse período, em 1793, viveu-se em Inglaterra uma crise financeira grave, que afectou as exportações têxteis. Ao mesmo tempo, de França, chegavam notícias de graves motins revolucionários. Tudo isto preocupava Owen, cujas ideias políticas na época estavam ainda em consonância com o *status quo*. Mesmo numa fase mais avançada da sua carreira, em que propunha grandes reformas sociais, Owen sempre temeu as revoltas populares e as desordens causadas pelo descontentamento social. Este seria, de resto, o aspecto imutável no pensamento político de Owen e que, no futuro, faria dele uma figura ambígua na história do socialismo britânico, pondo-o à margem dos ideais que ele partilhou e esquecendo mesmo o inegável contributo que deu para a construção do socialismo utópico (Miliband 245). Na verdade, como Ralph Miliband afirma: “Owen was a social revolutionary and his doctrine, far from postulating reforms within the existing order, was set in the context of its complete subversion” (233). Na época que seguiu as guerras napoleónicas, Owen, mais do que ninguém, estava consciente dos danos sociais causados pelas mudanças que

rapidamente ocorriam por toda a Grã-Bretanha industrializada, mas, simultaneamente, estava convicto dos benefícios causados pelas novas tecnologias. Considerava que problemas sociais exigiam respostas sociais. Desta forma eram as condições de vida dos trabalhadores que deviam ser mudadas e não as instituições políticas (Thomson 44).

Em Dezembro de 1792, Owen assinou uma declaração publicada por um grupo de protestantes de Manchester, na qual os signatários afirmavam estar “steadily and affectionately attached to the British Constitution, consisting the Kings, Lords, and Commons... fully confident that a Constitution, thus formed, will not fail to redress every real grievance, and effect every necessary improvements” (Donnachie 2000: 50). Tornou-se, então, clara a demarcação de Owen das ideias republicanas vindas de França, bem como o seu apoio às instituições britânicas, descrente como era da eficácia das reformas políticas. Esta seria também uma convicção que defenderia até ao fim da sua vida. Além do mais, não tendo nunca perdido a fé na boa vontade dos detentores do poder, escreveu, num artigo para a *Millennial Gazette*, em Maio de 1856: “[i]t has always been my impression – and after much experience with all classes the impression is confirmed, that it will be much easier to reform the world through Governments, properly supported by the people, than by any other means” (cit. Miliband 95).

Em 1794 ou 1795, Owen deixou de trabalhar para Drinkwater, não restando dúvidas de que os lucros das suas fábricas aumentaram muito graças às suas competências superintendentes e gestoras. Não deixa também de ser verdade que foi deste modo que Owen se tornou conhecido, sendo aceite pelas elites sociais de Manchester. Foi também nessa altura que se tornou sócio de uma grande empresa em Manchester, a “Chorlton Twist Company”. Foi na qualidade de representante dessa empresa que teve oportunidade de visitar New Lanark e de conhecer Caroline Dale, filha mais velha de David Dale, com quem virá a casar, chegando assim à gestão da unidade industrial mais famosa da época.

1.3 Influências políticas e filosóficas no pensamento de Owen

Como já se referiu, os cerca de doze anos que passou em Manchester foram determinantes para o percurso de Owen, na definição das suas convicções políticas e na sua mundivisão. Foi nessa cidade que entrou definitivamente em contacto com as elites intelectuais e começou verdadeiramente a sua carreira enquanto figura pública. Em 1793, Owen participou, pela primeira vez, numa reunião da “Manchester Literary and

Philosophical Society”. Nesta associação, Owen tomou contacto com figuras proeminentes do Iluminismo britânico, tais como Thomas Barnes, Thomas Henry, John Ferriar, John Dalton e Percival, figura central deste grupo.

Segundo Donnachie, é provável que o primeiro contacto que Owen teve com Percival⁷ tenha sido numa das inspecções que este efectuou às instalações fabris de Drinkwater. Quanto a Thomas Barnes, para além de pertencer ao “Board of Health” e à “House of Recovery”, afirmou-se também enquanto reformador da educação, tendo estado envolvido na fundação do “College of Arts and Science”. John Ferriar, formado em Medicina, desempenhou um papel fundamental nos estudos que relacionavam directamente a propagação de doenças com as condições sociais e com a falta de condições de higiene e segurança nas instalações fabris (2000: 60).

Nessa prestigiada associação, onde os intelectuais se reuniam regularmente, Owen teve a oportunidade de melhorar a sua educação, ampliando conhecimentos em áreas tão diversas como a filosofia, a política e a saúde pública, discutindo questões sociais relacionadas com o crescente problema dos pobres nas áreas urbanas. Foi sobretudo nesse espaço de grande estímulo intelectual que Owen começou a falar em público, tendo aí dado início à sua carreira política.

De todos, foi talvez Percival quem melhor o aceitou no grupo, mostrando apreço pela sua pessoa e convidando-o frequentemente para sua casa, mesmo quando recebia personalidades estrangeiras com quem mantinha contacto. Assim, Owen foi-se familiarizando com as elites a que, mais tarde, na sua fase propagandista, irá recorrer para expor as suas ideias.

Owen conseguiu, desta forma, somar contactos e aprendizagens que lhe virão a ser preciosas, quer nas futuras funções de gestor de New Lanark, quer nas suas concepções de soluções para os problemas sociais coevos.

Num dos debates dedicados à religião, moral e descobertas científicas, Owen teve a possibilidade de conhecer Coleridge, discípulo de William Godwin⁸ (que se virá

⁷ Percival estudou medicina em Edimburgo, onde conviveu com figuras notáveis do Iluminismo como Hume e Robertson. Interessou-se pelas condições sociais dos trabalhadores nas zonas industriais. Em 1773 publicou *Observations on the State of the Population in Manchester*, no qual tratou com especial cuidado o elevado índice de mortalidade infantil nos meios fabris. Em 1796 participou na fundação do “Manchester Board of Health”, do qual Owen também viria a fazer parte.

⁸ William Godwin (1756-1836) nasceu no seio de uma família não-conformista, tendo sido ministro dessa religião durante algum tempo. Os seus trabalhos literários e científicos foram influenciados pela educação religiosa no que se refere à lógica e ao método. Profundamente influenciado pela Revolução Francesa e pelas ideias de Rousseau, foi um acérrimo defensor das causas de igualdade e liberdade. Em 1789 publicou *An Enquiry concerning Political Justice*. Este livro provocou grande agitação pela forma como Godwin atacava a organização social da época. Reclamava a necessidade de reformas políticas e sociais

a relacionar também com Owen mais tarde) e de, com este, debater as suas ideias. Mais tarde, Coleridge virá a ler uma cópia de *A New View of Society*, confessando-se bastante impressionado com as ideias de Owen.

No período que passou em Londres para se dedicar à propaganda das suas ideias, Owen conviveu com Godwin. A partir da sua filosofia, Owen construiu e sistematizou a sua doutrina, sobretudo no respeitante ao princípio de que o ser humano não era responsável pelas suas acções, uma vez que o seu comportamento era determinado pelo meio. Godwin foi, sem dúvida, o filósofo que mais influenciou Robert Owen, sendo que a sua visão sobre a religião também viria a ser profundamente influenciada por aquele.

1.4 New Lanark de Dale

New Lanark, o “laboratório” onde Robert Owen pretendia testar as ideias que estariam na base da sua visão de um “novo mundo moral”, foi fundada por David Dale. Talvez mereça a pena retroceder um pouco no tempo para se perceber que o papel reformista de Robert Owen terá tido como precursor o seu sogro, que se evidenciou pelo seu papel humanitário no tratamento dado aos seus trabalhadores e aos pobres, em geral.

David Dale era um homem de negócios e banqueiro bem-sucedido, tendo feito de New Lanark uma das maiores e mais conhecidas unidades fabris do mundo. No artigo “A New Moral World? International Dimensions of Owenism 1815-1830”, Donnachie refere David Dale como o “dono paternalista de uma comunidade que atraía as atenções nacionais e internacionais, sobretudo pelo tratamento dado às crianças e indigentes” (2009: 185 – minha tradução).

David Dale foi considerado o responsável pela transformação desta cidade no centro mais importante da revolução industrial na Escócia. A sua fortuna e as suas convicções religiosas fizeram dele um apoiante de diversas causas humanitárias, sendo as suas atitudes filantrópicas reconhecidas na época. Das suas acções, destacam-se a

muito radicais, acentuando a necessidade de estas se realizarem de uma forma pacífica. Na sua opinião, as revoluções provocavam males incalculáveis, destruíam as liberdades públicas e quase sempre falhavam os seus propósitos. Foi um feroz opositor das teorias de Malthus contra as quais escreveu *An Inquiry Concerning Population*, em 1820. Esta obra foi traduzida para o francês por Francisco Solano Constâncio no ano seguinte ao da sua publicação. Desta forma tornou-se conhecida na Europa, já que o francês era uma espécie de língua franca. As suas propostas políticas influenciaram Samuel Coleridge e Robert Southey, entre outros, na planificação da *Pantisocracy*, uma comunidade utópica romântica a ser criada nos Estados Unidos. Influenciou os poetas William Wordsworth, Coleridge, Shelley e Lord Byron. Publicou ainda dois romances *The Adventures of Caleb Williams* (1794), *St. Leon* (1799) e *A History of the Commonwealth* (Amzalak 4-8, Trahair 157-8).

participação activa em associações de caridade em Glasgow que se encontrava, à época, verdadeiramente inundada por ondas sucessivas de imigração, criando sérios problemas de pobreza extrema. Tornou-se igualmente o impulsionador do hospital da cidade, tendo providenciado assistência médica aos seus trabalhadores de New Lanark. Acresce mencionar que apoiou John Howard na reforma prisional.

Paradoxalmente, dado que a sua fortuna se baseara na manufactura do algodão, apoiou o movimento antiesclavagista protagonizado por Wilberforce⁹.

Dale acolheu inúmeros imigrantes das “Scottish Highlands”, que, com eles, haviam levado a língua e a cultura galesas. Dadas as dificuldades que estes trabalhadores tinham em se adaptar ao trabalho em recintos fechados, era necessário recorrer à contratação de centenas de crianças órfãs ou institucionalizadas para os trabalhos fabris.

Neste período, inúmeras pessoas embarcavam para os Estados Unidos em barcos onde mal tinham espaço para sobreviver à viagem. Muitos desses barcos afundavam por excesso de carga, morrendo numerosos emigrantes, sobretudo crianças. Dale, profundamente chocado com a situação, e porque necessitava de mão-de-obra para a sua fábrica, associou-se à “Society for Preventing Emigration to Foreign Parts”, promovendo a sua fábrica na região das “Highlands” e oferecendo trabalho a essas famílias na sua fábrica (Nicolson & Donnachie 23).

O número de crianças empregadas na sua fábrica ascendia a quinhentas, recrutadas, na sua maioria, em instituições e orfanatos de Edimburgo e Glasgow, suscitando a curiosidade e interesse de muitos visitantes. A este propósito, Charles Hatchet, um notável cientista, escrevia no seguimento de uma visita a New Lanark, em 1796:

We went to see the Cotton Mills belonging to Mr. Dale [...] these consist of four immense buildings of six stories in which machines worked by water wheel and attended principally by children, cotton is carded and spun into yarn. In these works above 400 children are employed. (cit. Donnachie & Hewitt 47)

⁹ O tráfico de escravos constituiu um dos comércios mais rentáveis do comércio britânico com a América, estando intimamente ligado à manufactura do algodão. Mais de metade dos escravos levados para a América havia sido transportada em barcos ingleses. No século XVIII Horace Walpole tinha-se manifestado contra este negócio alegando razões morais, mas foi sobretudo Wilberforce quem, no início do século XIX, reforçou esta luta, tendo conseguido a abolição da escravatura em 1807. A libertação de todos os escravos do Império Britânico só ocorreu em 1830, ano em que morreu Wilberforce.

A este respeito, comentará, alguns anos mais tarde, Robert Owen, apesar de crítico relativamente a muitas políticas seguidas pelo sogro anteriormente à sua gestão: “[t]hese children were to be fed, clothed, and educated well [...] the benevolent patron spared no expense to give comfort to the poor children. The rooms provided for them were spacious, always clean, and well ventilated; the food was abundant, and of the best quality” (Owen 24-5).

A New Lanark de Dale despertou o interesse, e mesmo admiração, de um grande número de Europeus ligados à política e ao Iluminismo.

1. 5 New Lanark de Owen – uma utopia realizada

Owen foi para New Lanark em Janeiro de 1800, depois de ter casado com Caroline Dale (filha de David Dale), e com a convicção de que se poderia moldar o comportamento dos trabalhadores, eliminando-lhes os vícios através da disciplina, de uma supervisão severa e uma gestão baseada em princípios de justiça e bondade.

A abordagem que fez a New Lanark não foi socialista; de resto, a palavra só foi usada, pela primeira vez, em 1820. Nessa altura, Owen não defendia a partilha do lucro, nem pretendia eliminar a competição, que mais tarde virá a considerar uma das causas do desemprego.

Um dos primeiros problemas que Owen identificou prendia-se com o comportamento dos operários, constantemente alcoolizados e frequentemente envolvidos em rixas e actos de roubo. As ruas e as casas estavam sujas e em mau estado de conservação. Este foi o quadro apresentado por Owen no seu *Third Essay* identificando os problemas que haviam subsistido ao filantropismo de David Dale (Owen 37-40). Essa realidade, aliada à vontade de solucionar a situação problemática dos operários britânicos e conjugando-a com os interesses de gestor que visava o lucro, viria a dar origem a uma utopia paternalista. Owen propôs-se erradicar o vício sem recorrer ao castigo ou a argumentos de carácter religioso, promovendo, em vez disso, um ambiente razoável de trabalho e de vida dos seus habitantes. Todavia, na realidade, foi sobretudo através de regras rigorosas que, embora relutantemente, os habitantes se viam obrigados a cumprir, que Owen inicialmente conseguiu as suas reformas. As casas tinham de ser limpas uma vez por semana e pintadas uma vez por ano. As ruas deviam ser mantidas limpas, sendo proibido atirar lixo, água suja ou deixar o gado e os cães soltos. Durante o Inverno, não era permitido andar na rua a partir das 22.30h sem

autorização do responsável. Quem não autorizasse a inspecção regular das casas ou não cumprisse estas regras era banido para a parte insalubre da vila. Quem fosse apanhado alcoolizado em público, pagava uma multa. No entanto, era vendido whisky na mercearia local, que também era gerida pela administração da fábrica. Com todas estas medidas, pouco tempo depois, o ambiente passou a ser de ordem e disciplina.

Como recompensa, as classes trabalhadoras podiam gozar de conforto, tendo acesso a actividades desportivas e a distrações sadias e racionais. Ao mesmo tempo, ligavam-se afectivamente àqueles de quem dependiam, cumprindo de bom grado as tarefas. Estabeleciam-se, deste modo, laços de natureza humana que os faziam cumprir com mais empenho as tarefas que lhes competiam em prol do bem da colectividade/comunidade. Havia uma atitude paternalista e patriarcal por parte de Robert Owen na gestão de New Lanark. O proprietário assegurava directa e pessoalmente o bem-estar dos seus trabalhadores e estes dedicavam-se-lhe de uma forma agradecida. Owen conhecia os problemas que afectavam os trabalhadores, encontrou uma solução e tinha assim o consentimento da colectividade para a sua utopia.

Porém, apesar destes ideais filantrópicos, Owen pretendia também alcançar elevadas margens de lucro: empregava crianças com dez anos de idade (embora teoricamente propusesse doze anos como idade mínima para se poder ser contratado) e a maior parte dos seus operários trabalhava as habituais catorze horas por dia, até 1816, altura em que o horário foi reduzido para doze horas e Owen propunha dez horas diárias nos seus escritos.

Na verdade, o segredo para o sucesso, do ponto de vista da rentabilidade económica do projecto, residiu sobretudo na disciplina e na organização e gestão paternalista. O desempenho dos operários era regularmente avaliado e publicitado através dos “silent monitors”¹⁰ e dos “book of character”, a partir dos quais se pretendia estimular a produtividade dos trabalhadores. É de salientar que, nesta fase do seu percurso, Owen aceitava ainda a competitividade que virá a considerar nefasta anos mais tarde (Clayes ix).

A assistência médica continuou a ser providenciada e foi estabelecido um fundo de doença para o qual os operários contribuíam com um sexto do seu vencimento. Os trabalhadores com dificuldades podiam ainda recorrer a uma espécie de crédito por

¹⁰ Um sistema similar tinha já sido utilizado nas escolas pelo conhecido pedagogo Joseph Lancaster. Outras unidades fabris terão também utilizado este sistema. A grande inovação de Owen residia na possibilidade que os trabalhadores tinham de recorrer junto de si das decisões dos respectivos supervisores.

conta do salário seguinte. Foram construídas cozinhas e refeitórios públicos que providenciavam não só a possibilidade de uma melhor alimentação, como também aumentavam as condições de higiene, evitando a proliferação de doenças infecciosas responsáveis por baixas na produção e aumento da mortalidade.

Estes esforços não resultavam da mera generosidade da parte de Owen. Na verdade, a educação era paga com os lucros do armazém, apesar de os preços serem cerca de 25% mais baixos do que noutros lugares.

Para além de acalmar e controlar a sua força de trabalho, estas medidas reflectiam já uma vontade de experimentar aquilo a que, em 1812, Owen viria a chamar “Formation of Character”, tentando criar um ser humano delicado, activo e educado. Esta força de trabalho seria moldada através da criação de um ambiente favorável. Owen não se cansava de afirmar: “[t]he character of man is, without a single exception, always formed for him” (Owen 43).

No decurso do ano de 1812, Owen começou a desentender-se com os seus sócios, que não concordavam com as suas reformas, sobretudo no que dizia respeito à educação. Começou então a empreender esforços para encontrar quem os pudesse substituir e, em 1813, munido do primeiro *Essays on the Formation of Character*, redigido em 1812 e publicado em 1813, conseguiu formar com sucesso uma sociedade com quatro dos principais membros da “Society of Friends”: John Walker, Joseph Fox, Joseph Foster e o mais proeminente elemento do grupo, William Allen¹¹. Este, mais tarde, viria a desencantar-se com Owen, sobretudo no que se refere às suas controversas posições relativamente à religião. A este grupo juntar-se-ia ainda Jeremy Bentham¹²,

¹¹ William Allen (1770-1843) foi um químico proveniente de uma família rica “Quaker”. Envolveu-se nas questões da abolição da escravatura e na educação dos pobres. Foi muito influenciado pelo filósofo escocês James Mill. Publicou *Philantropist, a Repository of Hints and Suggestions Calculated to Promote the Comfort and Happiness of Man* (1811-1819). Depois das guerras Napoleónicas, viajou pela Europa e conheceu importantes personalidades. Trabalhou no sentido de divulgar o método de ensino de Lancaster em França. Em Julho de 1824 fundou uma colónia em Lindfield, que se destinava a aliviar o sofrimento dos pobres. Em 1838 publicou *Analysis of Human Nature* e mais tarde a sua autobiografia *Life of William Allen*. (Trahair 9)

¹² Jeremy Bentham, 1748-1832, publicou em 1776 *A Fragment on Government*, que lhe permitiu fazer amizade com Lord Shelburne, em cuja casa conheceu inúmeras celebridades. Em 1785 visitou a Rússia, onde o seu irmão mais novo organizou uma colónia-modelo na Ucrânia para o príncipe Potemkin. Viajou também através do Báltico. Em 1789 publicou *Introduction to the Principles of Morals and Legislation*, e em 1891 escreveu *Panopticon or the Inspection House*, onde apresenta as suas ideias extraordinárias para uma prisão-modelo. Em 1791 publicou *Essay on Political Tactics*, um excelente estudo dos métodos de governo inglês que ele sugeria que fossem utilizados pelos revolucionários franceses. Embora os franceses não tenham aceitado os seus conselhos, atribuíram-lhe o título honorário de cidadão francês. Alguns dos seus livros, traduzidos para o francês, circularam pela Europa. Os governos portugueses, russo e suíço solicitaram a Bentham sugestões de códigos legais, tendo ele tentado providenciar um modelo de Código Constitucional. Com o passar do tempo, as suas visões políticas foram-se tornando radicais. Em 1808 conheceu James Mill, que o influenciou favoravelmente no apoio a um governo

que viria a tornar-se também sócio de Owen. Este processo completou-se em Janeiro de 1814. Owen regressou triunfantemente a New Lanark, onde foi recebido com toda a pompa e circunstância por parte dos seus trabalhadores. Uma descrição desta recepção é publicada no *Glasgow Herald*, de 10 de Janeiro de 1814, do qual se destaca o seguinte excerto:

[t]here were Great rejoicings here yesterday on account of Mr. Owen's return, after his purchase of New Lanark. The Society of Free Masons at this place, with colours flying and a band of music, accompanied by almost the whole of the inhabitants, met Mr. Owen, immediately before his entrance into the burgh of Lanark, and hailed him with the loudest acclamations of joy; his people took the horses from his carriage and, a flag being placed in front, drew him and his friends along, amid the plaudits of the surrounding multitudes, until they reached Braxfield, [...] On being set down at his own house, Mr. Owen, in a very appropriate speech, expressed his acknowledgements to his people for warmth of their attachment, [...] Mr. Owen is so justly beloved by all the inhabitants employed at New Lanark, and by people of all ranks in the neighbourhood, that a general happiness has been felt since the news arrived of his continuing a proprietor of the mills. (cit. Donnachie 2000 :108)

Esta data marcou o início de uma nova era em New Lanark. Owen foi recebido em apoteose pelos trabalhadores, provando ter ganho o seu consentimento na construção desta utopia. A partir desse momento, estaria em posição de aplicar algumas das suas ideias que viriam mais tarde a ser conhecidas como “Owenism”.

1. 6 Owen, o propagandista

No Inverno de 1812, Owen foi para Londres, onde começou a fazer propaganda das suas ideias. Conhecia muitos comerciantes importantes, bem como Membros do Parlamento. A inteligência com que gerira New Lanark, bem como os seus pontos de vista, eram do conhecimento de muitos políticos, nomeadamente de Lorde Liverpool, que liderava a administração Tory. Liverpool não era partidário de grandes reformas parlamentares. Há, contudo, provas de que Owen teve contactos com Liverpool em 1810 (quando este era apenas Secretário da Guerra). Nesse encontro, Owen terá já feito

democrático. Apesar de levar uma vida calma e ficar nervoso em acontecimentos sociais, frequentava as festas das elites sociais e era conhecido por se vestir de uma forma excêntrica. Um contemporâneo seu escreveu: “It is impossible to conceive a physiognomy more strongly marked with ingeniousness and philanthropy” (Bowler 53-4).

referências à proposta de uma “bill for the formation of the character among the poor and Working Classes”, com o propósito de estabelecer um sistema nacional de educação (Donnachie 2000:115). Para Owen, a educação deveria ter como objectivo a formação do carácter.

Em Janeiro de 1813, Daniel Stuart, apoiante do governo Tory e proprietário do jornal *Courier*, ofereceu um jantar, no qual apresentou Owen a William Godwin que se tornou seu amigo.

Godwin e Owen partilhavam a ideia de que o carácter é formado pelas circunstâncias, que o vício é consequência da ignorância e que a verdade prevalecerá sobre o mal. Ambos acreditavam na regeneração do ser humano e na supremacia das reformas económicas em detrimento das políticas. Argumentavam que a melhor forma de erradicar o mal da sociedade não era através do sistema de punição e recompensa, mas antes por via de uma educação racional e do iluminismo universal.

Godwin apresentou Owen ao grande radical Francis Place, que, para além de lhe ter feito a revisão de alguns trabalhos, lhe disponibilizou a sua biblioteca. Place ficou incrédulo quando percebeu que Owen pensara ter sido o primeiro a observar que o ser humano era uma criatura que resultava das circunstâncias. Place descreveu Owen como:

[a] man of kind manners and good intentions, of an imperturbable temper, and an enthusiastic desire to promote the happiness of mankind. A few interviews made us friends and he told me he possessed the means, and was resolved to produce a great change in the manners and habits of the whole of the people, from the exalted to the most depressed. (cit. Donnachie 2000: 116)

A felicidade (que, para Owen, significava docilidade) dos trabalhadores poderia ser equacionada com lucros pecuniários, como ele próprio demonstrou. A sua inovação consistiu na aplicação destas teorias, preconizadas por Rousseau, a um contexto industrial. Os métodos paternalistas estariam aptos a produzir um regime humanitário e gerar maior produtividade, bem como um lucro que, teoricamente, todos poderiam partilhar. Owen reconhecia que o tipo de comunidade estabelecido em New Lanark assentava sobre uma visão paternalista. Os laços que ligavam patrões e empregados assentavam, no seu entender, na amizade e cumplicidade pela comunhão de interesses, sendo que, desta relação, só resultariam vantagens sociais claras.

Num ensaio especialmente dirigido aos industriais e a todos quantos davam trabalho a um grupo de pessoas, Owen explicava que o lucro poderia ser aumentado

através da implementação do bem-estar e da educação dos operários. Referia-se aos trabalhadores como um investimento que, tal como a maquinaria, necessitava de cuidados diários para funcionar bem. Para Owen, estes cuidados não deveriam ser encarados como um custo acrescentado para a empresa, mas, pelo contrário, como um investimento rentável:

Like you, I am a manufacturer for pecuniary profit. But having for many years acted on principles the reverse in many respects of those in which you have been instructed, and having found my procedure beneficial to others and to myself, even in a pecuniary point of view, I am anxious to explain such valuable principles, that you and those under your influence may equally partake of their advantages. [...] it was natural to conclude that the more delicate, complex, living mechanism would be equally improved by being trained to strength and activity; and that it would also prove true economy to keep it neat and clean; to treat it with kindness, [...] that the body might be preserved in good working condition, and prevented from being out of repair, or falling prematurely to decay [...] you will find that man, even as an instrument for the creation of wealth, may be still greatly improved. [...] Those who are so entirely at your mercy will essentially add to your gains, prosperity, and happiness. (Owen 4-7)

Robert Southey¹³ que, inicialmente, era um simpatizante de Owen, visitou New Lanark, em 1819, e considerou que a felicidade dos seus trabalhadores era aparente e que estes eram manipulados:

Owen in reality deceives himself, wrote Southey. Owen might as well be director of a plantation. Though the workers were white and could quit his service at any time, they were under the same “absolute management as so many negro-slaves”. Driven by a variety of motives Owen would make his “human machines” as happy as he could ...Owen was jumping to the “monstrous conclusion” that because he could manipulate 2.210 mill workers to do his will the whole of mankind could be “governed with the same facility”. (cit. Donnachie & Hewitt 110)

¹³ Robert Southey (1774-1843) nasceu em Bristol. Aos quinze anos tornou-se um fervoroso defensor da Revolução Francesa. Em 1794 planeou, juntamente com Samuel Taylor Coleridge e Robert Lovell, a “Pantisocracy”, uma comunidade utópica baseada nas teorias de Jean-Jacques Rousseau e de William Godwin. Esta comunidade, a ser criada nos Estados Unidos, seria dirigida segundo princípios igualitários descritos em *An Enquiry concerning Political Justice*. Com a morte de Lovell, o projecto terminou e Southey e a sua mulher regressaram à Europa, tendo vivido durante dois anos em Lisboa. Em 1803 regressaram a Inglaterra. Em 1809 Southey começou a escrever regularmente para o *Quarterly*, onde expôs as suas ideias para salvar o país, mas sem tomar parte activa na política, preferindo manter-se no seu retiro em Keswick como líder da sua “pantisocratic republic”. (Trahair 380)

1. 7 Owen e a educação

Num período em que cerca de dois terços das crianças pobres não tinham acesso a qualquer tipo de educação ou até a condições de vida minimamente dignas e em que muitos religiosos e filantropistas receavam que a educação pusesse em causa a ordem social estabelecida, Owen baseava toda a sua teoria de *A New View of Society* na importância da educação, na transformação do ser humano. Claeys defende que Owen acreditava que o cérebro humano era capaz de grande maleabilidade e que um bom carácter poderia ser “inscrito” em cada um (x).

Na perspectiva de Owen, a planificação ambiental e educativa detinha a chave para a formação do carácter – caracteres bem moldados produziriam uma classe trabalhadora pacífica, harmoniosa e, claro, produtiva.

Em 1809, este homem iniciou o projecto da fundação de uma nova instituição para a educação das crianças em New Lanark; no entanto, o “New Institute for the Formation of Character” só foi inaugurado em 1816. Na data da sua abertura, Owen proferiu um discurso para os cerca de mil e duzentos habitantes da vila, no qual expôs os seus objectivos relativamente à educação e à sua utilidade para a formação do carácter. Reiterou a convicção de que o carácter do homem é formado por causas exteriores ao próprio homem. Reforçou a importância da educação desde tenra idade, já que o bem e o mal se adquirem num estágio precoce da vida e o temperamento se determina antes do segundo ano de vida. Há, nesta sua visão dos efeitos da educação, claras influências do pensamento de William Godwin. No “First Essay on the formation of Character” inserido em *A New View of Society* pode ler-se:

These principles require only to be known in order to establish themselves: The outline of our future proceedings then becomes clear and defined, nor will they permit us henceforth to wander from the right path. They direct that the governing power of all countries should establish rational plans for the education and general formation of the characters of their subjects. – *These plans must be devised to train children from their earliest infancy in good habits of every description (which will of course prevent them from acquiring those of falsehood and deception). They must afterwards be rationally educated, and their labour be usefully directed. Such habits and education will impress them with an active and ardent desire to promote the happiness of every individual, and that without the shadow of exception for sect, or party, or country, or climate. They will also insure, with the fewest possible*

exceptions, health, strength, and vigour of body; for the happiness of man can be erected only on the foundations of health of body and peace of mind. (Owen 16)

Antes de 1813, as crianças de New Lanark eram ensinadas sobretudo através do sistema de monitores¹⁴, sendo usada, como meio auxiliar de leitura, a Bíblia. Este método era também conhecido pelo método de Lancaster¹⁵, sendo amplamente utilizado em toda a Grã-Bretanha.

Com a entrada dos novos sócios, Owen passou a ter liberdade total para pôr as suas ideias em prática sem qualquer constrangimento ou controlo. Assim, muito influenciado pelas teorias de Pestalozzi¹⁶, o seu sistema educativo preconizava paciência, bondade e a necessidade de ajudar os outros a serem felizes. A curiosidade das crianças devia ser suscitada através de materiais interessantes e do contacto com a natureza. Havia, frequentemente, palestras e debates sobre assuntos relacionados com Geografia, Ciências Naturais e História. As mesmas eram normalmente curtas, para que as crianças não se desinteressassem, e a maior parte do tempo era depois dedicado às questões por elas colocadas.

Muitos dos “Highlanders” que vinham trabalhar para New Lanark não eram bilingues. Este facto trazia naturalmente dificuldades, não só ao nível de trabalho, mas também e sobretudo do ensino. Owen considerava que as crianças deviam compreender

¹⁴ O sistema de monitores foi utilizado pela primeira vez pelo Reverendo Dr. Andrew Bell como forma de ensinar grandes massas. Como superintendente de um orfanato em Madrastra, usou um bom aluno para ensinar os seus colegas a ler e escrever na areia. O aluno revelou-se brilhante nos resultados obtidos e Bell publicou esta experiência em *An Experiment in Education* (1798). A partir de 1801 o sistema começou a ser divulgado em Inglaterra. Este tipo de ensino tinha por base modelos de exercícios repetitivos permitindo que cada monitor ensinasse centenas de crianças ao mesmo tempo e na mesma sala. Este ensino era baseado na Bíblia.

¹⁵ Joseph Lancaster sistematizou as medidas propostas por Bell. Usou o sistema pela primeira vez em 1801 numa escola onde ensinava cerca de 1000 alunos e publicou *Improvements in Education*. Em 1805 propôs que a educação de massas tivesse uma forte componente cristã. Em 1808 conseguiu o apoio de William Allen e Joseph Fox para a criação de uma instituição para a educação das classes trabalhadoras. Nestas instituições, para além de educar as crianças mais pobres, tinha como missão também formar e treinar monitores que deviam ter mais de 14 anos. Embora Owen tenha criticado estes métodos, até 1835 cerca de 1.450.000 crianças tinham usufruído deste tipo de ensino, que tinha normalmente a duração de um ano.

¹⁶ Johan Heinrich Pestalozzi (1746-1827) nasceu em Zurique no seio de uma família rica, estudou teologia e direito, mas foi à educação que dedicou toda a sua vida. Em 1775, fundou uma escola onde começou a experimentar métodos inovadores baseados nas teorias de Rousseau. Nessa escola, as crianças eram encorajadas a observar, a argumentar e a desenvolver interesse pelos estudos. Em 1780, por razões de carácter financeiro, teve de desistir do projecto. Entre 1781 e 1785 escreveu *Lienhardt and Gertrude: a book for the people*. Em 1798, com o apoio governamental, fundou um centro educativo para crianças pobres em Stanz. Entre 1804 e 1825 dirigiu uma escola em Burgdorf, onde realmente teve oportunidade de desenvolver as suas teorias. Pestalozzi é considerado o fundador da escola moderna e os seus métodos difundiram-se por muitos países da Europa. Opunha-se à memorização e à punição corporal, reforçando o amor e a compreensão pelo mundo das crianças. Para Pestalozzi a educação era um instrumento para a reforma social. As suas obras foram publicadas em dezasseis volumes entre 1869 e 1872 (Trahair 314).

o que liam, por isso deviam ser ensinadas na sua língua: “each child is to be told in language which he can understand that he is never to injure his play-fellows” (cit. Nicolson & Donnachie 30). No entanto, Owen defendia o domínio do inglês por todos os membros da comunidade. Aliava a unificação da língua a uma maior coesão social, melhorando a comunicação e reduzindo as diferenças. A língua que ele considerava estar em melhor situação para servir estes propósitos era o inglês (*idem* 31).

Owen era muito cuidadoso na escolha de professores para a sua escola. Os métodos tradicionais não se ajustavam à sua filosofia. Assim, acabou por recorrer a pessoal da sua vila, que devia seguir escrupulosamente as regras no tratamento das crianças. Era expressamente proibido bater-lhes e deviam ser tratadas com delicadeza e modos educados. Às crianças também era ensinado que, em todas as situações, deviam tornar os seus colegas felizes. Os mais velhos (quatro a seis anos) deviam tomar conta dos mais novos, assim como ensiná-los a tornar os outros felizes.

A existência de infantários tinha também a grande vantagem de permitir que as mães fechassem as portas das suas casas e se dedicassem aos seus deveres na fábrica e na comunidade sem terem de se preocupar com a família (Donnachie & Hewitt 102). Aos dez anos, a maioria das crianças deixava a escola para trabalhar na fábrica. No entanto, tinham aulas à noite para continuar os seus estudos, sendo sobretudo utilizado o sistema de monitores. Alguns dos melhores alunos eram escolhidos pelos mestres para ensinar os mais novos.

O “New Institute for the Formation of Character” constituía, sem dúvida, a jóia da coroa de New Lanark, sendo considerado, pelos visitantes, uma das maravilhas da modernidade na unidade fabril. De todos os aspectos que o contemplavam, os que verdadeiramente suscitavam a admiração dos cerca de vinte mil visitantes (entre 1815 e 1825) eram a dança, a música e o canto, normalmente em coros. Owen pretendia moldar os comportamentos das crianças e acreditava que estas actividades as afastariam dos vícios.

Para além do currículo normal, eram providenciadas aulas de dança e de canto. Os rapazes tinham treino militar, enquanto as raparigas aprendiam a costurar e a tratar da lida doméstica. Todas as crianças usavam uniforme. Nessa altura, começaram as desavenças com William Allen, que criticava veementemente o uso do Kilt, o ensino da dança, bem como as objecções de Owen ao ensino das Sagradas Escrituras na escola de New Lanark.

Este modelo educativo proposto por Robert Owen resultava de uma espécie de mistura do pensamento de educadores da época e, ao mesmo tempo, de um paternalismo filantrópico que permitia a criação bem-sucedida de crianças aparentemente felizes – dóceis, providas de conhecimentos básicos, capazes de virem a trabalhar nas fábricas de forma disciplinada e eficiente, sem serem contudo suficientemente autónomas para porem em causa a ordem e a organização social ou o poder estabelecido. Embora, por toda a Escócia, se encontrassem exemplos de trabalhadores de fábricas que sabiam ler e escrever, o que era realmente inovador era o porte, a disciplina, as boas maneiras e, sobretudo, o, pelo menos aparente, ar de felicidade das crianças de New Lanark (Donnachie 2000: 170-1).

Robert Owen virá a apelar aos poderosos e influentes do seu tempo para a necessidade de “educar” as classes trabalhadoras, com o intuito de estas se tornarem uma massa dócil e passiva, ávida de ser dirigida pelos seus superiores:

Train any population rationally, and they will be rational. Furnish honest and useful employments they will greatly prefer to dishonest or injurious occupations. It is beyond all calculation the interest of every government to provide that training and that employment: and to provide both is easily practicable. (Owen 72)

1. 8 Owen e a religião

Como foi já referido, desde cedo que Owen pôs em causa a validade da religião¹⁷, já que, tendo tido contacto com várias formas de cristianismo, tentou procurar uma verdade religiosa. Depois da publicação dos primeiros ensaios daquele que viria a ser o volume *A New View of Society*, em 1813, o clero começou a opor-se às suas perspectivas religiosas, tornando-se seu inimigo e considerando-o um agitador.

Ao considerar que o indivíduo por si só não é responsável, quer pelo seu carácter, quer pelos crimes que eventualmente venha a cometer, Owen refutava o

¹⁷ Em Inglaterra, a igreja estabelecida era rica e poderosa e contava com o apoio da aristocracia. Havia uma pequena minoria de católicos apostólicos romanos a quem eram negados direitos civis plenos apesar da “Toleration Act” de 1689. Os imigrantes irlandeses aumentaram o número de católicos sendo as suas preocupações sobretudo económicas e não religiosas. No País de Gales era elevado o número de dissidentes e na Escócia o presbiterianismo era dominante. No norte da Inglaterra a maioria da classe média professava o não-conformismo. Os pobres, pelo menos nas grandes cidades, eram pagãos com prática religiosa e muita superstição. A conduta religiosa era mais marcante na classe média (Woodward 502). A reforma da igreja começou em 1828 e o velho ideal de “one state, one church” lentamente será substituído pelo princípio da igualdade religiosa (Thomson 60).

princípio do livre arbítrio que pensava ser profundamente errado. Deste modo, retirava qualquer sentido ao pecado, bem como à recompensa ou punição, utilizadas pela religião para a remissão dos pecados.

Estas ideias estão claramente expressas no seu terceiro Ensaio, *The Principle of the Former Essays Applied to a Particular Situation*. Aqui provou (usando o exemplo de New Lanark), em primeiro lugar, que uma vida saudável, sem vícios e sem crimes, só se consegue através de uma educação adequada e para todos. Defendeu ainda uma educação baseada na razão, dado que, sendo o homem educado em princípios irracionais, será muito mais influenciado pelo vício e pelo ócio. Referiu ainda a importância do *Sabbath*, que, no seu entender, devia ser um dia instituído para o descanso, relaxe, gozo e felicidade: “[t]he Sabbath was originally so intended. It was instituted to be a day of universal enjoyment and happiness to the human race. It is frequently made, however, from the opposite extremes of error, either a day of superstitious gloom and tyranny over the mind or of the most destructive intemperance and licentiousness” (Owen 40).

Owen criticou o uso da Bíblia no ensino, explicando que os filhos dos trabalhadores eram ensinados a acreditar sem compreender devido à ignorância dos professores e à natureza dos livros pelos quais vulgarmente aprendiam – a Bíblia, a maioria das vezes. No seu entender, as crianças aprendiam coisas completamente inúteis, o que geraria adultos ignorantes e, por isso, facilmente atraídos para o mal, para o vício, a preguiça, o ócio, a pobreza e o crime.

O bem da humanidade não estava nas práticas religiosas mas sim na percepção, por parte da população, de que a felicidade individual residia na capacidade de contribuir para a felicidade dos outros, ou seja, na bondade humana. Esta seria apenas alcançada por via da educação por Owen preconizada. Na verdade, com a publicação, em 1816, de *Essay Third*, tornou-se clara a posição de Owen, segundo a qual, pelo menos à luz de um pretense racionalismo, questionava a validade dos diferentes credos religiosos. Lendo este ensaio, imediatamente se compreende por que razão o clero não podia ver com bons olhos este tipo de crítica, sendo a posição de Owen interpretada quase como um ataque público:

The last part of the intended arrangement of the New Institution remains yet to be described. This is the church and its doctrines; and they involve considerations of the highest interest and importance; inasmuch as a knowledge of truth on the

subject of religion would permanently establish the happiness of man; for it is the inconsistencies alone, proceeding from the want of this knowledge, which have created, and still create, a great proportion of the miseries which exist in the world.

The only certain criterion of truth is that it is ever consistent with itself. [...]

Those whose minds are equal to the subject will, ere this, have discovered that the principles in which mankind have been hitherto instructed, and by which they have been governed, will not bear the test of this criterion. Investigate and compare them: they betray absurdity, folly, and weakness; hence the infinity of jarring opinions, dissensions, and miseries, which have hitherto prevailed....

Is proof demanded? Ask in succession, those who are esteemed the most intelligent and enlightened of every sect and party, what is their opinion of every other sect and party throughout the world. Is it not evident that, without one exception, the answer will be, that they all contain errors so clearly in opposition to reason and equity that he can only feel pity and deep commiseration for the individuals whose minds have been thus perverted and rendered irrational? (Owen 50-1)

Paradoxalmente, Owen, enquanto gestor de New Lanark, tinha visto a religião como uma possibilidade de preservar a ordem e a moralidade, tendo até chegado a contratar pregadores e respeitado cerimônias, incluindo celebrações de datas religiosas. É possível que as suas visões sobre a religião tenham sido muitas vezes mal interpretadas e tenham até tido consequências perniciosas para as suas relações com os seus sócios, nomeadamente com William Allen (Donnachie & Hewitt 117).

Com efeito, Owen nunca foi um agitador de massas; muito pelo contrário, como ficou já claro, ele sempre foi, em termos políticos, um defensor do *status quo*, receando possíveis reacções reivindicativas violentas das classes trabalhadoras. Nunca considerou relevante o direito ao voto e, a propósito dos motins de Luddite, em 1813/14, insistiu na ideia de que os trabalhadores precisavam de ser bem liderados e guiados: “Owen did not cease to feel that the poor must be carefully shepherded into the good life, lest their independent actions lead to disastrous consequences” (Miliband 239). Na forma como se dirigia aos trabalhadores, Owen utilizava um tom paternalista, como se estes fossem crianças que necessitassem de ser constantemente protegidos da sua própria ignorância e, por isso, condenados a uma condição inferior.

1. 9 Owen, o teorizador - Owenites

Desde o início do século XIX que os trabalhadores se manifestavam de forma violenta contra as condições miseráveis em que viviam, decorrentes sobretudo dos baixos salários e do desemprego. Em 1811, estes movimentos ficaram conhecidos pelos ludditas.¹⁸ Por volta de 1817 /18, intensificaram-se as contestações, envolvendo um grande número de operários descontentes e prontos a agitar a sociedade. Os trabalhadores, pressionados pela fome e pelo desemprego, ameaçavam a ordem e a paz social do país, através de revoltas espontâneas ou organizadas. Tentavam mostrar à classe dominante, através das greves e da violência, todo o seu descontentamento. Um dos mais violentos motins ficou conhecido como o “Pentrich Rising”¹⁹.

Se até essa época Robert Owen difundia, a um nível nacional, as ideias que experimentara nas suas próprias fábricas em New Lanark, a crise e agitação social motivaram-no a pensar para além das fronteiras da Grã-Bretanha. Iniciou então uma espécie de internacionalização das suas ideias. Neste sentido, por esta altura, produziu inúmeras cópias que fez circular também pela Europa e que enviou a reis, académicos e pensadores ilustres, fazendo mesmo chegar uma delas a Napoleão, já exilado em Elba. Acreditava Owen que as suas propostas seriam a solução para os problemas sociais da pobreza e do desemprego, não só na Grã-Bretanha, mas também em todo o mundo. William Hazlitt comentou a este respeito: “Mr. Owen is the first philosopher we ever heard of, who recommended himself to the Great by telling them disagreeable truths” (cit. Claeys xii).

As ideias que virão a torná-lo um revolucionário, ou mesmo um radical, e que, de certa forma, se encontravam subjacentes a alguns textos de *A New View on Society*,

¹⁸ Ludditas – grupos de operários fabris que participavam em movimentos de contestação por toda a Grã-Bretanha e que protestavam contra o desemprego de que eram vítimas, destruindo máquinas de tecelagem. O movimento começou em Nottingham em 1811 e rapidamente se espalhou por todo o país. Muitas fábricas de têxteis foram destruídas tendo levado a confrontos violentos entre Ludditas e forças militares. A destruição de máquinas e a sabotagem industrial era considerada crime capital, pelo que muitos operários foram executados na sequência destas revoltas. <<http://en.wikipedia.org/wiki/luddite>> acedido em 20 de Março de 2010.

¹⁹ Pentrich Rising (1817): movimento constituído por cerca de duzentos a trezentos homens desempregados que, armados com picaretas, e algumas armas de fogo, destruíram fábricas e espalharam o pânico por onde passavam. Com o fim das guerras napoleónicas em 1815, o país entrou numa depressão económica séria. A crescente industrialização e a desmobilização de homens do exército levaram a uma onda de desemprego em massa. A situação era ainda agravada pelo aumento de impostos e do preço do pão causado por um ano de colheitas particularmente fraco. A violência das manifestações populares, respondeu o governo com medidas repressivas e punitivas. Apesar da repressão por todo o país surgiram comités revolucionários secretos (< <http://en.wikipedia.org/wiki/Pentrich,-Derbyshire>> acedido em 20 de Março 2010.

não estavam ainda suficientemente definidas, razão pela qual eram aceites por personalidades influentes e poderosas. Assim, em 1818, Owen foi nomeado membro da «Association for the Relief of the Manufacturing Poor», presidida pelo Duque de York e pelo arcebispo da Cantuária. Esta aparente aceitação, por parte de dois altos dignitários, levou-o a acreditar ser capaz de mudar a classe política, convencendo-a da eficácia das suas propostas. Na verdade, e na opinião de alguns autores, Owen não percebeu que, muitas vezes, era recebido e ouvido apenas por se tratar de um homem rico:

Owen's autobiography is crammed with the Great and good who he says identified with his ideas. It has to be said that Owen naïvely took the politeness of many of the British elite with whom he now associated as a commitment to act, when they simply prepared to listen to a rich man who had some interesting solutions to the daunting social problems that threatened the established order and their own class. (Donnachie 2000:138)

Segundo Owen, a assistência prestada pela “ Poor Law”²⁰ não era uma solução adequada, pois para além de implicar o desperdício de grandes somas, continuava a manter as famílias desempregadas, em níveis de miséria. Por outro lado, também não os motivava para o trabalho e produtividade, fomentando, ao invés, o ócio e o vício. Enquanto a maioria dos empresários propunha a criação de mais “work houses”²¹, Owen lançava a ideia de “aldeias cooperativas”, que, na sua opinião,

²⁰ Poor Law - As leis que promulgavam assistência obrigatória aos pobres e indigentes surgem em Inglaterra antes de qualquer outro país da Europa. A sua origem remonta ao fim da Guerra das Rosas e à dinastia Tudor, quando um grande número de desempregados (soldados que passavam à disponibilidade e camponeses expropriados pela “enclosure” ameaçavam a paz social. Este sistema consistia no pagamento obrigatório de uma taxa por parte dos proprietários de cada paróquia, sendo distribuído pelos pobres da mesma. Em 1601 foi promulgada a lei e a sua aplicação era severamente vigiada pelos Juizes da Paz. No reinado de Carlos II o “ Act of settlement” instituiu que qualquer paróquia poderia reenviar qualquer pessoa que se quisesse estabelecer fora da sua paróquia de origem. Desta forma cerca de 9/10 da população podia ser expulsa da sua paróquia desde que não fosse a da sua origem. Adam Smith veio a opor-se a esta lei por a considerar uma lei contrária à liberdade tradicional da Inglaterra e um obstáculo ao liberalismo económico. (Faria 154 em nota de rodapé)

²¹ A assistência paroquial e o trabalho nas “workhouses” eram um recurso que os trabalhadores desempregados só utilizavam em última instância, dadas as condições verdadeiramente humilhantes das mesmas. O problema da assistência agravou-se nos finais do século XVIII, com a gravíssima crise económica, as más colheitas e a guerra com a França. Os camponeses de muitas regiões encontravam-se na iminência de morrer de fome, o que levou os juizes a instituir uma espécie de salário mínimo que era calculado na proporção do preço do pão. Assim, os pobres recebiam um suplemento semanal conforme o número de elementos do agregado familiar. Aproveitando-se deste apoio, os proprietários sentiam-se desobrigados a aumentar os salários, continuando os trabalhadores a ser alvo da caridade pública mesmo em períodos de pleno emprego. O descontentamento desta medida veio a originar o fim da “Poor Law” constituindo as “ workhouses” como única forma de assistência pública. As condições de trabalho e de vida nestes locais eram as piores para que os trabalhadores nunca quisessem recorrer à caridade pública. (Faria 155 em nota de rodapé)

poderiam ser a forma de resolver o desemprego e a miséria resultantes da crescente mecanização (Claeys xiii).

As grandes cidades, superlotadas, não agradavam a Owen, que as considerava locais onde os jovens eram desviados para os vícios e conseqüente perdição. Os pobres amontoavam-se em bairros degradados onde a miséria apenas podia gerar violência. Por conseguinte, o seu modelo social representaria a solução quer para a verdadeira formação do carácter do homem do futuro quer para o problema do desemprego e da sustentabilidade.

Nas aldeias cooperativas – “Villages of Unity and Mutual Co-operation” – onde a indústria combinava com a agricultura, Owen propunha providenciar uma ocupação útil para cada indivíduo, criando uma nova geração de homens moralmente superiores, racionais, bondosos e dóceis, através da generalização da educação. As crianças deviam ser impedidas de adquirir maus hábitos por via da aprendizagem de bons costumes e preparação profissional útil. Por sua vez, aos adultos, devia ser dado trabalho ajustado à sua idade e capacidades, sendo que o mesmo deveria ser sempre supervisionado. Também era considerado importante que o ambiente fosse propício ao trabalho e que os afastasse de tentações. Acresce referir que, a esses habitantes, para além de assistência médica, seria providenciada uma espécie de assistência na velhice, através de reformas e lares.

Em termos arquitectónicos, essas aldeias seriam todas idênticas, estimando-se que nelas viveriam, no mínimo, quinhentas pessoas e, no máximo, mil e quinhentas. O protótipo destas pequenas comunidades, desenhadas em colaboração com Stedman Whitwell, tinha a forma de paralelogramos²² com edifícios residenciais nos quatro lados. Na Praça central e nos cantos estariam os edifícios comuns – a fábrica, a escola, a cantina, o local de culto e a biblioteca. Havia uma zona com apartamentos para os superintendentes e professores, bem como uma zona para as famílias dos trabalhadores e dormitórios para as crianças. A comunidade seria construída num ambiente rural (à semelhança de New Lanark), de modo a que os campos pudessem satisfazer, tanto com comida como com trabalho diversificado, os seus habitantes.

Em “Utopian designs: the Owenite Communities”, Donnachie defende a ideia de que a concepção dessas aldeias não foi apenas baseada na experiência pessoal de Owen em New Lanark, mas terá sido também o resultado de informações que foi

²² Cobbet chamava-lhes “Paralelogramos de indigentes”.

recolhendo ao longo da sua vida. Durante o período em que conviveu com Francis Place, é provável que tenha lido utopias literárias do século XVII, nomeadamente “Colleges of Industry” de John Bellers. Nas suas viagens pela Europa (1818), visitou a escola dirigida por Fellenberg, seguidor de Pestalozzi, que providenciava educação para crianças ricas e pobres, e combinava o saber académico com os trabalhos manuais e a agricultura (Donnachie 2007: 23).

Apesar da propaganda, os modelos daquelas aldeias não eram bem vistos por todos os sectores da sociedade. Ao contrário do que esperara, Owen não conseguiu reunir o apoio dos governantes, a quem tinha solicitado financiamento. A Comissão Parlamentar, bem como o clero e os políticos em geral, consideravam que esse modelo de aldeias proporcionaria uma vida tão boa aos pobres que os levaria a recusar o trabalho para se dedicarem ao ócio proporcionado pelos confortos considerados excessivos para as classes trabalhadoras.

Luísa Leal Faria salienta, na Introdução (44) à sua tradução de *A New View of Society*, que as “aldeias cooperativas” pretendiam dar resposta às teorias defendidas por Malthus²³ e Ricardo. Segundo este, os salários dos trabalhadores seriam inevitavelmente fixados num mínimo de subsistência, devido às leis naturais de oferta e procura. Continuando a citar Luísa Leal Faria, apesar de Owen não ter construído uma teoria sistematizada ou estruturada como Ricardo, o *Report to the County of New Lanark* foi uma tentativa de propor um sistema económico alternativo, que eliminava a competição, o individualismo e o sistema “laissez faire”. (*ibidem*) Como o próprio Owen afirmou, ao introduzir este ensaio, em Maio de 1820, tratava-se:

[o]f a Plan for relieving Public Distress and Removing Discontent, By giving permanent, productive Employment to The Poor and Working Classes, under Arrangements which will essentially improve their Character, and ameliorate their

²³ Malthus (1766-1834), cujas teorias estavam, no início do século XIX, em pleno auge, constituíam artigos de fé para a maior parte dos economistas da época e para muitos dirigentes políticos. Este autor considerava que os pobres deviam ter consciência de que não tinham o menor direito a qualquer tipo de assistência por parte dos mais ricos e que, por sua vez, estes últimos se deviam convencer de que os não deviam socorrer. Desta forma, tendo os pobres consciência de que só poderiam contar consigo para a sua sobrevivência, não casariam e não teriam filhos. Segundo Malthus, o crescimento demográfico era superior aos recursos alimentares existentes na Terra. Assim, todos os que não tivessem meios de subsistência, não tinham qualquer direito de o exigir à sociedade. Se esta não necessitasse do seu trabalho, não tinha a sociedade qualquer obrigação, pelo que estes pobres nada faziam neste mundo. Havia que deixar a natureza encarregar-se de lhes infligir a punição correcta pela miséria. Sobretudo na sequência dos tumultos de 1815 a 1817, para acalmar os operários, os grandes industriais encontraram nas obras de Malthus fortes defesas, pois provavam que os males de que se queixavam os operários não tinham origem nas instituições mas no excesso de população (Amzalak 7-9).

Condition, diminish the Expenses of Production and Consumption, and create Markets co-extensive with Production . (Owen 250)

Apesar de as classes dirigentes começarem a ver em Owen um agitador, New Lanark mantinha-se como um exemplo de uma experiência bem-sucedida.

Abram Combe, tendo sido talvez o seguidor mais fiel de Owen, fundou Orbiston, a primeira comunidade “Owenite” na Grã- Bretanha (1825-28). No ponto de vista de Donnachie, veiculado no seu artigo “ Orbiston: The first British Owenite Community 1825-26”, Combe terá conhecido Owen em 1820, quando visitou New Lanark, e, depois de ter lido *The New View*, produziu numerosos panfletos expondo as suas ideias para a formação de uma comunidade e em 1825, anunciou o recrutamento de membros. A curta existência dessa comunidade ficou a dever-se, e cito Combe, “[a] worse selection of individual ... some had come to avoid the evils of the Old System, rather to seek the advantages of the New” (cit. Donnachie 2006: 7).

Embora a construção dessas comunidades não tenha resultado no “paraíso “ previsto, acabando por ter uma curtíssima duração, o essencial do conceito perdurou na área da arquitectura. De facto, o humanismo de Owen, que viria a ser denominado socialismo utópico, podia ser apreendido na concepção das suas pequenas cidades, já que tudo era pensado para facilitar o acesso dos habitantes às suas necessidades e auxiliar nas tarefas diárias. Porém, em contrapartida, também permitia uma maior supervisão de todos os movimentos dos seus moradores. Era, desse modo, fácil controlar o comportamento e impor a moral vigente.

No artigo “Marxism, utopianism, and modern urban planning”, Roger Paden faz um levantamento das principais fragilidades e críticas que têm vindo a ser feitas a este tipo de planeamento urbano. Começa por destacar a principal crítica de Marx, que se prende com a concepção rígida e autoritária desse modelo arquitectónico. O problema residia sobretudo nesse tipo de moralidade apregoada, que não estimulava o desenvolvimento autónomo dos seus habitantes nem a sua criatividade. Eram espaços estáticos que, por impedirem a mudança, se tornariam espaços distópicos.

Não obstante todas estas críticas, muitos projectos de cidades modernas basearam-se nos princípios do modelo urbano do socialismo utópico. Assim, desenharam-se cidades, cujos edifícios deviam satisfazer o interesse público, dando

ênfase às questões estéticas por se acreditar que cidades bonitas produziam bons cidadãos e, por consequência, sociedades mais perfeitas.

O que faltava então a essas cidades? Friedman acredita que lhes faltavam espaços públicos onde os cidadãos se pudessem cruzar e ter espaços de “intimidade”, bem como diversidade que promovesse dinamismo.

Apesar das fragilidades e algumas incongruências encontradas nas ideias de Owen, há muitos aspectos da sua teoria que se mantêm actuais. Claeys, na sua introdução a *A New View of Society and other Writings* refere que:

Owen’s chief biographer, the Fabian Frank Podmore, once wrote that Owen was neither a reformer nor a man of business, but a prophet. Each generation finds something surprisingly modern in Owen’s writings, and our own is no different. Today his emphasis upon feminism and upon “green” issues, like the balancing of parks and gardens within urban areas, strike us as distinctly contemporary. His demand for the humane treatment of the labour force has never lost its relevance. Nor has his stress on infant education. His ideas on co-operative ownership and profit-sharing are again increasingly popular in an era when over half the world’s population strives to seek a middle way between chaotic and exploitative *laissez-faire* capitalism and inefficient centrally planned communism. (xxxix)

Na verdade, passados cerca de dois séculos, as questões que moveram Owen na procura de soluções pacíficas mantêm-se. Hoje, mais do que nunca, são actuais as preocupações com o desemprego em massa, a assistência social aos mais desfavorecidos, as condições de vida nos bairros sociais das grandes cidades, a assistência na velhice e na doença e, finalmente, as questões da educação que ninguém duvida serem fundamentais para o desenvolvimento das sociedades e para realização individual. Não podemos esquecer que, em 2010, num mundo altamente desenvolvido do ponto de vista tecnológico e científico, em plena era do conhecimento, cerca de setenta milhões de crianças não conseguirão, estando em idade escolar, ter qualquer acesso à escolaridade mínima. David Thomson define Owen da seguinte forma:

[L]ike many other self-made, successful, and spectacular prosperous business men he became more and more a dreamer of dreams. Unlike the Carnegies and the Rockefellers, he had the courage of his convictions enough to sink his whole being and his whole fortune in these utopian experiments. (45)

1. 10 Socialistas utópicos: Owen, Fourier e Saint-Simon

Owen, Fourier e Saint-Simon formam a tríade que Engels apelidou de socialistas²⁴ utópicos, por oposição à sua teoria que apelidava de socialismo científico. É importante referir que os seus primeiros trabalhos foram fortemente influenciados por aqueles três pensadores do início do século XIX, que advogavam um mundo de paz, amor e harmonia (Desbazeille 91). Os mesmos podiam ser descritos como teóricos que combinaram uma fé racional na ciência, “ [...] to argue that society should be radically reorganized to promote social harmony. They did not emphasize political activity, but focused instead on devising plans to make society more cooperative, production more efficient, and distribution more fair”(Paden 1).

Para alcançar esse objectivo, os socialistas utópicos desenvolveram visões de sociedades que consideravam ideais (paraísos terrestres), nas quais as necessidades básicas do ser humano, quer a nível físico, quer psicológico, poderiam ser satisfeitas. De modo a concretizar essas sociedades ideais, preconizavam a construção de pequenas comunidades que eram não só desejáveis, mas também possíveis. No entanto, esta partilha de desejos não significava que as suas visões fossem semelhantes; pelo contrário, discordavam em muitos aspectos.

Henry de Saint-Simon²⁵, que se dizia descendente de Carlos Magno, pertencia a uma família aristocrática. Apesar das suas ideias revolucionárias, parece que estas não o impediram de se ter dedicado a grandes negócios e de levar uma vida mundana. Traficou bens nacionais, foi um grande especulador da época e realizou operações de agiotagem. Este comportamento foi por ele justificado, afirmando que não desejava a fortuna para proveito pessoal: “[j]e désirais la fortune uniquement comme moyen: organiser un grand établissement industriel, fonder une école scientifique de perfectionnement , étaient les objectifs réels de mon ambition”(cit. Bravo 80). Depois de ter ganho e perdido fortunas, dedicou-se à exposição eloquente das suas ideias, por vezes pouco consistentes (Bowlé 102).

²⁴ A palavra *Socialist* parece ter aparecido pela primeira vez no jornal *Co-operative Magazine*, uma publicação de seguidores de Robert Owen, em 1827 e a palavra *socialism*, em 1832 (Busky 81).

²⁵ Aos vinte anos Saint-Simon combateu como oficial do corpo expedicionário francês na América directamente sob as ordens de Washington. Regressou a Paris em 1783, abandonou o exército e dedicou-se a variadas actividades onde ganhou e perdeu fortunas. A partir de 1789, Saint -Simon participou em movimentos revolucionários, com sentimentos vagamente republicanos, mas seguramente anti-feudais. Renunciou aos seus títulos nobres e tomou atitudes de grande hostilidade relativamente às hierarquias eclesiásticas e contra a monarquia (Bravo79).

Em 1803, já com mais de 40 anos, publicou a sua primeira obra, *Les Lettres d'un habitant de Genève à ses Contemporains*, imprimida em Genebra, em número muito limitado e de forma anónima. Nela desenhava o quadro de uma sociedade nova, na qual o governo era confiado às ciências e às artes, os nobres e os ociosos eram combatidos, mas, simultaneamente, persistia uma desconfiança aberta para com os ignorantes e pobres. Em 1813, escreveu *Mémoire sur la Science de l'Homme*, tendo feito sessenta cópias manuscritas, que distribuiu por personalidades eminentes das quais esperava apoio. No ano seguinte, publicou *De la Réorganisation de la Société Européenne*, sendo os escritos posteriores publicados sob subscrição. Depois de ter conhecido August Comte, cuja obra viria a sofrer grandes influências de Saint-Simon, publicaram, em conjunto, *L'Organisateur* (1819 – 20). Nesta obra foi editado a célebre *Parabole*²⁶ que exaltava a ciência e o trabalho contra a inutilidade da aristocracia e defendia o primado da ciência na governação. Em 1822, Saint-Simon escreveu o *Système Industriel*, no qual considerava que o governo não deveria ser confiado aos cientistas, mas aos industriais, que na sua perspectiva eram os principais interessados numa boa gestão da sociedade.

Veio a falecer em 1825, tendo sido publicado, logo de seguida, a título póstumo, *Le Nouveau Christianisme*, compilação onde se encontram os seus textos mais importantes (Bravo 81).

De acordo com Bowle, a originalidade das ideias preconizadas por Saint-Simon residia no facto de este considerar que uma sociedade só podia caminhar para a perfeição por via de elites científicas, a partir das quais deviam derivar as lideranças. Destaca ainda que, embora Saint-Simon seja considerado um dos fundadores do socialismo, ele foi sobretudo um pioneiro da tecnocracia e um revolucionário autoritário (103).

As suas ideias, por vezes incoerentes e superficiais enquanto doutrina, podem ser divididas em quatro fases: na primeira fase²⁷, a romântica, imaginava uma sociedade

²⁶ Saint-Simon defendia que o governo devia ser entregue aos homens das ciências e das artes e considerava que o desaparecimento de figuras relevantes da aristocracia francesa ou mesmo do rei seriam males menores perante o desaparecimento de cientistas e industriais. Nestas afirmações levou às últimas conseqüências as provocações às instituições dominantes, facto que lhe valeu três meses de prisão (Bravo 81).

²⁷No texto *Un rêve* incluído em *Lettres d'un habitant de Genève à ses contemporains*, escreve Saint-Simon: "... Tous les hommes travailleront; ils se regarderont tous comme des ouvriers attachés à un atelier dont les travaux ont pour but de rapprocher l'intelligence humaine de ma divine prévoyance. Le conseil en chef de Newton dirigera les travaux; il fera ses efforts pour bien comprendre les effects de la pesanteur universelle: elle est la loi unique à laquelle j'ai soumis l'univers. Tous les conseils de Newton respecteront la ligne de démarcation qui sépare le pouvoir spirituel du pouvoir temporel" (Bravo 88). Saint-Simon acreditava que para ser filósofo era necessário conhecer as ciências, em especial a

organizada em torno das ciências, das artes e do trabalho; a segunda, influenciada ainda pela Revolução Francesa e pela queda de Napoleão, defendia a unificação da Europa²⁸, com o domínio da França e da Inglaterra, e uma organização parlamentar semelhante ao sistema inglês, tendo sido pioneiro na ideia da constituição de uma união europeia; na terceira fase, dedicou-se ao estudo das vantagens da industrialização e de um governo tecnocrata; na quarta e última fase, empenhou-se no estudo e criação de uma nova religião, cuja fórmula residia na ciência. Proclamou uma religião da fraternidade adaptada à nova sociedade e preconizando o melhoramento material da vida das massas trabalhadoras, pois acreditava que só através de uma melhoria material se poderia atingir o progresso espiritual. Criticou também Lutero por este não ter sido capaz de ver que o verdadeiro cristianismo devia fazer o homem feliz, não apenas no céu, mas também na terra. Aos Católicos acusou de heresia por oprimirem os laicos e ignorarem os progressos técnicos (*idem* 114-5).

Em suma, foram vários os que se tornaram seguidores de *Le Nouveau Christianisme* ou daí retiraram ideias que vieram a desenvolver. Comte, por exemplo, construiu uma sociologia positiva e uma religião antropocêntrica. Outros simpatizantes fundaram uma Igreja Saint-Simoniana²⁹, baseada numa espécie de Panteísmo e no culto da vida.

Fourier tomou conhecimento das ideias de Owen e da sua obra em New Lanark, através da *Revue Encyclopédique*, de Julian de Paris, que tinha visitado aquela comunidade em 1822. Nesse artigo, evidenciava a acção de Owen, dando uma descrição idílica de New Lanark: “[...]Great Britain and particularly Scotland are, in Europe, amongst those privileged countries where it is possible and permitted to work at human

astronomia. Tendo sido Newton o ser humano que à época mais progressos tinha feito nas ciências, nomeadamente através da descoberta da lei da gravidade, Saint-Simon colocava-o no centro do seu novo culto como o homem mais estimável e estando o estudo da filosofia inglesa na base da sua nova construção social.

²⁸ “... Apprends que les Européens sont les enfants d’ Abel; apprends que l’Asie et l’Afrique sont habitées par la postérité de Caïn. Vois comme ces Africains sont sanguinaire; remarque l’indolence des Asiatiques; ces hommes impurs (...) Les Européens réuniront leurs forces, ils délivreront leurs frères grecs de la domination des Turcs. Le fondateur de la religion sera le directeur en chef des armées des fidèles. Ces armées soumettront les enfants de Caïn à la religion, et feront sur toute la terre les établissements nécessaire à la sûreté des membres des conseils de Newton” (Bravo 89).

²⁹ Saint-Simonianismo - ideologia utópica para um sistema de governo socialista que se tornou a política fundadora do socialismo Francês. Baseava-se no princípio de que a humanidade devia esforçar-se por construir uma sociedade orgânica que fosse vantajosa para o maior número de pessoas (Trahair 535). Mênilmontant - comunidade utópica que adoptou as ideias de Saint-Simon. Barthèleme Enfantin, grande dinamizador desta comunidade, autodenominava-se o chefe supremo da igreja Saint-Simoniana e em 1830 colaborou na fundação da comunidade em Mênilmontant. Barthèleme era conhecido como o pai Enfantin. Esta comunidade desintegrou-se com a prisão de Enfantin, bem como de outros membros sob a acusação de incitamento a comportamentos imorais e fraude financeira (Trahair 116-7).

happiness, where many individual thoughts and public acts have something to do with the well-being of all social classes”(cit. Desbazeille 92). Esta descrição fez Fourier acreditar que New Lanark se assemelhava à sua criação dos falanstérios.³⁰ Ambas as comunidades se situavam em colinas, perto de um rio e de terrenos propícios a uma agricultura variada que pudesse satisfazer as necessidades dos habitantes.

Fourier mostrou então interesse em conhecer Owen e, quando em 1823, leu, na *Revue Encyclopédique*, que ele pretendia estabelecer uma comunidade em Motherwell, na Escócia, escreveu-lhe a oferecer os seus serviços e enviou-lhe um exemplar da sua obra *Nouveau Monde Industriel*. Em 1823, Anna Doyle Wheeler, uma feminista próxima dos Owenites e também simpatizante de Fourier, tentou, em vão, aproximá-los. Fourier considerava que poderia melhorar o modelo de sociedade de Owen se este tivesse em consideração os aspectos da paixão e da atracção nas suas vilas cooperativas. Owen recusou quer as propostas quer as sugestões. Estes só se encontraram em Paris, em 1837, num jantar, onde parece nem sequer se terem falado. Owen escreveu, numa carta, na sequência desse jantar com um grupo de socialistas, que “[...] the majority of the French are disgusted by the present system, a Great Revolution is absolutely necessary, but no one knows how to do it without immense suffering as a consequence. This is the great problem I must solve for all nations” (cit. Desbazeille 95). Há nesta afirmação uma espécie de Messianismo e, talvez, tenha sido neste aspecto que Owen foi um sonhador, ao pretender resolver as questões do mundo com as suas propostas. As suas experiências na criação das restantes comunidades falharam. Eram comunidades intencionais, nas quais o paternalismo foi extremado.

Owen, Fourier e Saint-Simon consideravam-se uma espécie de Messias e pioneiros na criação de um novo tipo de sociedade. Estavam convencidos de que a regeneração do ser humano só poderia ser obra de um génio que, por essa razão, tinha o direito de conduzir as massas. Apesar de Owen ser um capitalista, e Fourier e Saint-Simon serem filósofos, todos acreditavam poder resolver os problemas do mundo através da aplicação dos seus modelos a um nível global. As grandes diferenças entre os três socialistas utópicos residiam no caminho e nos conceitos de trabalho e da natureza humana.

³⁰ Os falanstérios eram comunidades de cerca de trezentas famílias, que adoptariam uma nova forma de vida, e onde as artes e ofícios se desenvolveriam a par com a agricultura. O trabalho colectivo aumentaria a produção, resolvendo o problema da pobreza. As pessoas trabalhariam entre os dezoito e os vinte e oito anos. A família e o casamento tenderiam a desaparecer e todos teriam acesso a um rendimento mínimo, bem como a um mínimo sexual. O prazer era tido como um aspecto fundamental e até unificador destes projectos de comunidades.

A grande inovação de Owen residia certamente na crença de que se podia moldar o ser humano e torná-lo melhor através da educação. Acreditava ainda que o ser humano era o produto do meio e da família³¹. Introduziu as ideias de Rousseau e Pestalozzi na educação que providenciava às crianças de New Lanark, embora alguns dos seus críticos considerem que ele, por vezes, confundia educação com doutrinação.

Fourier considerava que a disciplina e as regras impostas em New Lanark eram excessivas e que, em última instância, podiam conduzir à escravatura. Para ele, o prazer devia substituir a obrigação e a disciplina, já que o mal que afecta a humanidade decorria das paixões acorrentadas. O ser humano devia ser respeitado nas suas diferenças, sendo-lhe permitido desenvolver a sua própria personalidade desde que as suas opções não fossem contra os interesses da comunidade (Desbazeille 98-9).

Longe de depreciar o socialismo de Owen, Fourier e Saint-Simon, Marx, não só louvou, como até aproveitou algumas das suas ideias (Smith 104). As críticas por ele efectuadas tiveram por base o imperativo de encontrar na história uma explicação social e científica para as causas da degradação humana, brutalidade e escravatura.

No mesmo artigo, Owen é considerado utópico por ser parcial ao considerar a educação como solução universal para o duplo problema da alienação dos trabalhadores e as hostilidades capitalistas ao socialismo (*idem* 111).

Richard Saage afirma, no seu artigo “Political Utopianism and the demands of the 21st Century”:

Nineteenth century utopian thought saw in the rigid structures of the hierarchical world of work that characterised quite a few utopian blueprints of the Industrial Revolution, “an order of life” that was more stable than the pre-industrial feudal society. The ending of class-warfare, indicative of the absolute dominance of productivity – a classical principle of nineteenth century utopian thought – was confirmed in the social partnership of highly industrialised Western Countries after Second World War. (152)

³¹ Freud veio a provar estes princípios na sua visão psicanalítica do ser humano.

Capítulo 2

Vista Alegre

2. 1 Portugal no século XIX

Em Portugal, no século XIX, as circunstâncias históricas, políticas e económicas eram completamente diversas das da Inglaterra de Owen. A fábrica da Vista Alegre foi fundada num período de profunda crise económica, financeira e política, que se agudizaria ao longo das três primeiras décadas desse século, atrasando consideravelmente o processo de industrialização.

Alguns historiadores, nomeadamente Amado Mendes, consideram que essa crise se deveu, sobretudo, aos seguintes factores: destruições e pilhagens decorrentes das invasões Francesas³²; ocupação britânica; crise económica resultante da liberalização do comércio brasileiro e consequente queda dos rendimentos das alfândegas; manutenção, mesmo em tempo de paz, de um enorme exército que acarretava pesadas despesas para o Erário; instalação de uma enorme instabilidade política, após 1820, que iria desembocar numa guerra civil na década de 30.

José Manuel Tengarrinha, na sua obra *Estudos de História Contemporânea de Portugal*, reforça a importância da dependência de Portugal em relação à Grã-Bretanha e a formação de um capital mercantil anormalmente volumoso em relação ao desenvolvimento económico da sociedade. Este florescimento do comércio mercantil, que envolvia sobretudo dois produtos coloniais, o açúcar e o algodão, ficou a dever-se a uma conjuntura internacional aparentemente favorável.³³ No entanto, na totalidade das nossas exportações, apenas cerca de 25% eram produtos do Reino, sendo o restante valor de produções do Brasil. A Inglaterra continuava a ocupar claramente o primeiro lugar no comércio que Portugal mantinha com a Europa.

Os comerciantes nacionais eram muito beneficiados com o comércio de produtos coloniais, já que apenas navios com bandeira portuguesa poderiam carregar e

³² Segundo António Pedro Vicente no seu artigo “Invasões Francesas”, tendo sido a invasão de Portugal e Espanha “o mais danoso erro praticado por Napoleão”, para além de ter despertado nestes povos um novo espírito nacional, fez também chegar à Península as novas ideias e a vontade de procurar novas formas de governo. Muitos dos que lutaram contra o “opressor Napoleão” iriam clamar contra os seus regimes absolutos, tomando simultaneamente consciência de uma Europa em transformação radical (Vicente 37).

³³ A par da crescente necessidade de matérias-primas da indústria têxtil, há que referir a revolta e guerra de independência das colónias inglesas Norte Americanas que enfraqueceram a rede mercantil dominada pela Inglaterra ao mesmo tempo que se registava também um enfraquecimento do domínio marítimo da França e da Holanda.

descarregar em portos brasileiros. Essa actividade gerava lucros muito elevados, sobretudo no seio dos comerciantes de Lisboa. Muitos viajantes que passavam pela capital surpreendiam-se com o fausto e sumptuosidade em que viviam alguns comerciantes. Tengarrinha questiona se este fenómeno, a que chama “acumulação de capital mercantil”, teria sido benéfico ou, pelo contrário, prejudicial ao desenvolvimento industrial do país. Na opinião deste historiador, o aumento deste capital mercantil não criou sectores produtivos, por se basear no que ele chama de comércio de comissão “*carrying trade*”; em todo o processo o nosso país desempenhava um papel de mero intermediário. Assim, teria sido esse factor, e não a primeira invasão Francesa, o grande responsável pela fraca industrialização do país. Os capitais eram canalizados, não para investimentos produtivos, mas para as mais rentáveis actividades especulativas³⁴ (13). A actividade industrial em Portugal era incipiente, predominantemente tradicional (ferrarias, tecelagem de lã, saboarias, indústria de seda, olaria, ourivesaria, chapéus, tapetes), inserida num quadro rural e, de uma forma geral, não dispunha sequer de mão-de-obra assalariada. Os interesses comerciais dominavam a produção, sendo os movimentos de contestação liderados, sobretudo, por movimentos camponeses.

Tengarrinha define o termo “camponês” como “os que estão directamente ligados à produção – proprietários e não proprietários, grande burguesia e assalariados agrícolas” (*idem* 25). Segundo este autor, nos finais do Antigo Regime, há registos de tensões e conflitos que, embora dispersos, foram importantes para o desenvolvimento de novas mentalidades relativamente aos valores dominantes na sociedade tradicional³⁵. Embora não se possa estabelecer uma relação directa entre esses movimentos camponeses e a revolução burguesa, parece evidente a importância que os mesmos

³⁴ Esta situação poderá explicar o maior desenvolvimento da actividade agrícola, sobretudo da cultura da vinha. A Inglaterra garantia facilidade na comercialização do vinho; introduziram-se novas culturas e utensílios mais aperfeiçoados; surgiu a mão-de-obra assalariada. Assim se tornou a agricultura o motor do desenvolvimento do país, especialmente após a revolução liberal (Tengarrinha 13).

³⁵ Há registos de movimentos contra o Marquês de Marialva; em Aveiro contra o Mosteiro do Lorvão; Em Cantanhede contra o Marquês de Marialva; em Coimbra contra o Mosteiro de Lorvão entre outros. Embora por razões diferentes, estes registos que se baseiam em protestos chegados ao Desembargo do Paço, pressupõem a existência de movimentos com alguma organização e, pelas assinaturas e caligrafia, depreende-se que fossem lideradas por uma burguesia rural com alguma instrução. Entre os motivos mais frequentes destes movimentos anti-senhoriais estavam sobretudo recusas em pagar direitos e pensões consagrados nos forais; abusos praticados através da sisa, bem como atitudes de prepotência e monopólios. No Alentejo, registaram-se os movimentos mais violentos contra os grandes proprietários agrários que se tinham apoderado dos terrenos baldios, deixando os pequenos agricultores sem forma de manter o gado para os trabalhos do campo. O mais violento dos conflitos de que há registo ocorreu em Santarém em 1814. Centenas de assalariados rurais amotinaram-se num levantamento e chegaram mesmo a enfrentar, com os seus instrumentos de trabalho, o exército que os tentava controlar. Os documentos oficiais referiam-se a estes movimentos como “desassossego das populações rurais inquietas” (Tengarrinha 32).

tiveram no enfraquecimento do regime senhorial e no crescente desprezo pelas penas espirituais utilizadas pelos religiosos dos mosteiros para que lhes fizessem os pagamentos exigidos. O conhecimento destes movimentos³⁶, pese embora as suas fragilidades, limitações e até, muitas vezes, contradições, permitirá certamente uma melhor compreensão do comportamento das populações no processo de instalação das ideias liberais em Portugal.

Vítor de Sá sublinha o atraso no despertar do liberalismo em Portugal, afirmando que nem a presença dos exércitos napoleónicos (1807 e 1811), nem as manifestações do liberalismo em Espanha (1808 e 1814) provocaram qualquer mudança nas estruturas políticas e económicas. Portugal foi o país menos atingido pelas ideias da revolução francesa, continuando a vigorar a monarquia absoluta. Contrastando com a resistência inflamada da camada popular, frequentemente dirigida pelo baixo clero, a grande burguesia prestou tal vassalagem a Napoleão e às suas autoridades, e estas não viram necessidade de decretar reformas económicas e constitucionais (37-8).

Do grupo da pequena burguesia iam saindo os eleitos da grande burguesia, que recebiam privilégios de nobreza. Nos princípios do século XIX, os grandes mercadores encontravam-se definitivamente consolidados, lado a lado com os comerciantes de origem inglesa. A camada da grande burguesia estava localizada, quase exclusivamente, em Lisboa e Porto, e, ainda que teoricamente influenciada pelos princípios filosóficos das Luzes, não se mostrou muito interessada em promover grandes mudanças de ordem política e económica. Contrariando os movimentos europeus, mantinha uma tendência obstinada em aliar-se à antiga nobreza, partilhando privilégios e evitando assim as mudanças da estrutura social.

A pequena burguesia mercantil ocupava-se do tráfego ultramarino e metropolitano interno. O seu grau de cultura era baixo; de acordo com o *Dicionário de História de Joel Serrão*, os livros que os burgueses liam eram religiosos. Numericamente, num cálculo do princípio do século XIX, para uma população de cerca

³⁶ Relativamente ao movimento grevista, apesar do elevadíssimo número de jornais consultados, Tengarrinha admite ficar a informação aquém da realidade, pois não terá havido notícias escritas de muitas greves. Desde que as greves tivessem uma duração curta, não constituía acontecimento de relevo, e, por isso, não constavam das notícias tratadas pela imprensa da época ou pelos serviços públicos nacionais. A greve não era, então, um facto socialmente significativo: não era por um lado, matéria interessante para os leitores, por outro lado, haveria a preocupação de não divulgar tais factos para não alimentar a instabilidade social. Há registo de uma greve em Lisboa, em 1829, pelos operários de Arsenal, que deixaram de trabalhar como protesto contra o atraso no pagamento de salários (Tengarrinha 38). Albert Silbert reforça esta opinião afirmando que no início do século XIX não havia uma crise social grave. “Uma nobreza domesticada, uma burguesia ligada ao Estado, um regime feudal aceite, são sinais de tensão fraca” (46).

de 3 milhões de habitantes, determinavam-se 80.000 comerciantes e 130.000 habitantes com ofícios, sendo que cerca de 20% destes últimos se localizavam em Lisboa (404).

A Revolução Industrial inglesa originou uma considerável redução nos preços de custo, melhorando as condições de concorrência dos seus produtos. Este processo, que durou cerca de 50 anos, destruiu a estrutura oficinal e familiar da indústria portuguesa, nomeadamente nas suas áreas tradicionais (ferro e tecidos).

Verdadeiramente, a indústria moderna estabeleceu-se, em Portugal, depois de terminadas as lutas liberais, embora isto não signifique que, antes de 1836, não existissem unidades de produção industrial. Até esta data, eram raras as fábricas³⁷ construídas com capitais privados, predominando as que gozavam de monopólios estatais.

Nos primeiros anos da implantação do liberalismo (1820-1824), começou por ser utilizada a máquina a vapor nos transportes fluviais e marítimos, mas também na própria indústria. Apesar da introdução desta nova forma de produção de energia, não foi generalizada a sua utilização, continuando a prevalecer a energia hidráulica e animal.

Em 1822, foi criada a Sociedade Promotora da Industria Nacional. J. Amado Mendes refere que Lisboa era já o grande centro de indústria (fábricas de algodão e estampanaria), o Porto era considerado a “Manchester Portuguesa” e, por último, devido ao longo alcance que viria a ter posteriormente na economia nacional, “há que relembrar a fundação da Vista Alegre, em Ílhavo (1824) ”:

Estamos aqui, na verdade, perante um fenómeno novo: a transferência dos capitais oriundos do comércio transitário e do contrato do tabaco para um empreendimento industrial arriscado, que exigia para vencer, uma produção de alta qualidade e preços adequados às exigências da concorrência.

Essas exigências são sempre tanto mais implacáveis quanto maior é o nível social em que está colocada a eventual clientela.

Não se pretendia explorar, por arrendamento uma qualquer fábrica. Tratava-se de lançar, em Portugal, uma indústria – o fabrico de porcelana. Ao lado desta, acrescentava a vidraria, a faiança e outros processos químicas. (cit. Mendes 357)

³⁷ Segundo o Mapa Geral Estatístico que resultou de um inquérito da Junta do Comércio, entre 1811 e 1813 haveria (incluindo o Brasil) 512 “fábricas”. Acrescenta ainda que “dominavam as fábricas estagnadas (48) ou em decadência (234) contra as fábricas progressivas (134), fechadas (12), ou cuja montagem se processava (6), atendendo que sobre 77 unidades não há informação clara”. O inquérito levado a cabo pela mesma junta, em 1852 afirma que existiam 362 fábricas com mais de 10 operários, ocupando 15 897 pessoas. Perante estes números é legítimo concluir que no início do século XIX cerca de 88% da população portuguesa era Povo ou arraia-miúda. (Serrão 173).

2. 2 José Ferreira Pinto Basto – breves notas biográficas

José Ferreira Pinto Basto nasceu no Porto, em 1774, e faleceu em Lisboa, em 1839. Foi um dos oito filhos do importante comerciante do Porto, Domingos Ferreira Pinto Basto³⁸, e de D. Maria do Amor Divino Costa. Para além de grande proprietário de terras de Cabeceiras de Basto, foi um comerciante de relevo no Porto. Foi contratador do Real Contrato do Tabaco e Saboarias e accionista da Companhia dos Vinhos do Alto Douro e, quando morreu, em 1820, já o nome dos Pinto Basto se tinha imposto na cena da vida económica portuguesa.

José Ferreira Pinto Basto casou com D. Bárbara Inocência Allen, em 1800, de quem teve quinze filhos. D. Bárbara Allen era filha de Edward William Allen, que foi cônsul inglês em Viana do Castelo, bem como um importante exportador de vinho do Porto para Inglaterra. Parte relevante da influência inglesa que se fez sentir em inúmeros actos e actividades da vida da família Pinto Basto ter-se-á, por certo, devido às origens da sua mulher. Os contactos que José Ferreira Pinto Basto teria, mais tarde, com a realidade da sociedade inglesa, nomeadamente no que concerne ao movimento industrial, e, mais concretamente, às experiências de Robert Owen em New Lanark, poderão ter estado na base da natureza da fundação da Vista Alegre, bem como em outros projectos em que se envolveu.

Tendo em conta o atraso que se verificava no desenvolvimento económico e social do nosso país, é sem dúvida notável a visão do mundo de Pinto Basto, muito à frente para a época, tal como aconteceu com Robert Owen em Inglaterra. É bem possível que José Ferreira Pinto Basto tenha tido conhecimento das teorias de Owen e as tenha até discutido, pois, para além de homem esclarecido, educado e viajado, mantinha uma relação estreita com seu irmão João Ferreira Pinto Basto, que era também seu sócio e colaborador, e vivia em Londres como representante da Companhia dos Vinhos do Alto Douro.

João Ferreira Pinto Basto viveu muitos anos em Londres, onde acabou por falecer em 1854. Durante o período em que viveu em Inglaterra, e, apesar das dificuldades que qualquer estrangeiro teria em ser aceite na alta esfera da sociedade inglesa, bem como nos seus clubes, foi um comerciante prestigiado e respeitado, tendo

³⁸ Foi através de alianças estratégicas que fez com famílias de comerciantes, nomeadamente através do casamento de dois filhos com membros da família Allen, que conseguiu tornar a sua casa comercial forte e reconhecida no Porto (Bobone 22).

mantido excelentes relações com políticos e pessoas importantes nos meios financeiros, bem como com os “portugueses mais distintos que iam a Londres” (Basto 47). Estabeleceu-se primeiro no número 16 de “Old London Street”, onde usava o nome de John Ferreira Pinto e fazia parte da sociedade Pinto, Urquhart & Delmar, passando, mais tarde, a Pinto, Urquhart & Perez. Posteriormente, Teodoro Ferreira Pinto Basto (filho de José Ferreira Pinto Basto) associou-se ao tio como representante da Companhia dos vinhos do Alto Douro em Londres, situação que manteria até pelo menos 1851. Tio e sobrinho eram figuras conhecidas e com grande crédito, quer nos meios comerciais quer na sociedade londrina. Carlos Bobone afirma, em *História da Família Pinto Basto*, que José Ferreira Pinto Basto e os seus filhos visitavam o tio, em Londres, “amiúde”. Acrescenta ainda que convivia com comerciantes londrinos influentes, com quem discutia política nacional. Essas discussões teriam até sido citadas na Câmara dos Pares em Lisboa (24).

José Ferreira Pinto Basto manteve-se em Portugal³⁹ e impôs-se como homem empreendedor, inteligente, activista das causas liberais e, sobretudo, como um precursor e protagonista de grandes mudanças no cenário do desenvolvimento do país. Foi um veemente defensor da industrialização como meio de desenvolvimento económico. Embora sejam desconhecidas as suas habilitações literárias, Laura Pereira da Rosa considera que devia ser “portador de elevada cultura”, quer pelo conteúdo e forma dos requerimentos, quer pelo empenho na educação integral que proporcionou aos seus filhos (79). Foi entre 1810 e 1817 que realizou a maior parte das aquisições de propriedades um pouco por todo o país. De todo o património, destaca-se a Quinta da Vista Alegre⁴⁰, em Ílhavo, pela importância que terá tido na permanência do seu nome e da sua família naquela que virá a ser a mais importante fábrica de porcelanas da Península Ibérica (Rosa79).

³⁹ No elogio histórico a José Ferreira Pinto Basto, José Estêvão Coelho de Magalhães escreveu: “[...] essa mobilização sempre crescente da riqueza, que tirou o mundo das garras do feudalismo, mas que hoje parece crer entregá-lo à prostituição mercantil, que não conhece pátria nem penates. O senhor José Ferreira Pinto Basto, desprezou com superstição patriótica estas perigosas tentações. As viagens parecem-lhe sempre ingratidão ao país: a crença no poder estrangeiro, um insulto ao nosso pudor; o emprego dos capitais fora do solo pátrio, um atentado contra a moral pública; a confiança da inferioridade das nossas coisas, uma fraqueza imperdoável. Nunca se assimilou a essas nuvens ingratas, a quem o nosso bom patriota Vieira exprobrava com tanta graça e severidade o engrossarem-se no Brasil para irem chover a Madrid e a Paris; e prezou sempre o exemplo do Espartano que se regalava com o seu caldo preto, mofando da Persa que não tinha temperado o paladar na defesa das Termópilas” (cit. Gomes 55).

⁴⁰ Na verdade A Vista Alegre tinha feito parte do extinto concelho e couto da Ermida e a origem do seu foral remonta a 1514 (reinado de D. Manuel). Não foi possível determinar a data exacta em que José Ferreira Pinto Basto passou a usufruir da posse plena e efectiva da Quinta da Vista Alegre, já que esta se confirmou apenas com a morte da donatária em 1818 (Rosa 25).

Em 1817, José Ferreira Pinto Basto mudou-se para Lisboa, onde fixou residência, primeiro no Palácio de Loreto e, mais tarde, em 1831, num outro palácio em Santo Amaro. A par das numerosas aquisições que aumentaram consideravelmente o património da família, envolveu-se em imensas actividades de carácter comercial, político e filantrópico. Foi certamente o contrato do tabaco⁴¹, que herdou de seu pai, que mais contribuiu para o seu fortalecimento, tendo sido também o que lhe provocou maiores dissabores. Este era certamente um dos negócios mais cobiçados pelos comerciantes da época, pelos avultados lucros e privilégios excepcionais que proporcionavam aos seus detentores. A disputa pelo domínio deste negócio era elevadíssima e os comerciantes recorriam frequentemente a jogos de pressão e influência junto do poder político.

Em 1820, chegou o liberalismo e, com ele, a primeira grande cisão no seio do clã Pinto Basto. O negócio do tabaco posicionava-os a relativa proximidade do liberalismo⁴². José Ferreira Pinto Basto e o seu primo, Custódio Pinto Basto, integraram-se, de imediato, no movimento, apoiando a causa liberal de forma entusiástica. Em 1823, com o golpe da Vilafrancada e a vitória de D. Miguel, José Ferreira Pinto Basto chegou a receber ordem de prisão por ter auxiliado José da Silva Carvalho, eminente político do regime liberal, a fugir para Londres (Rosa 89). A cisão na família deu-se nesta altura. O irmão António tomou claramente o partido dos miguelistas, pois encontrava-se ligado a muitos dos seus partidários através de relações matrimoniais de alguns dos seus filhos (Bobone 29).

João Ferreira Pinto Basto, embora a viver em Londres, ia seguindo com interesse a situação em Portugal, introduzindo o assunto nas suas discussões com negociantes influentes com quem convivia. Para além desta acção, apoiou a causa liberal, quer com o seu prestígio nos meios financeiros, quer, ao mesmo tempo, com o seu mérito e carácter reconhecidos pelo próprio D. Miguel.

Em 1822, fundou-se a Sociedade Promotora da Indústria Nacional, da qual José Ferreira Pinto Basto se tornou imediatamente sócio, fazendo parte da Comissão de

⁴¹ Em 1816 o pai de José Ferreira Pinto Basto conseguiu arrematar o contrato de tabaco e saboarias, que começaria a vigorar em 1818, tornou-se contratador geral de Tabaco e das Reais Saboarias no Reino, Ilhas Adjacentes e Macau. A atribuição desta renda era fundamental também para o Estado, já que o imposto do tabaco era o mais caro do país e uma fonte de receita vital para o orçamento dos governos. Os contratadores do tabaco eram considerados pelo governo como “benfeitores público”, mas começava a gerar-se um movimento crítico relativamente a este monopólio. Esta campanha denunciava os lucros excessivos obtidos pelos arrematadores, a obstrução da concorrência e o falso carácter de serviço público que lhes era atribuído (Bobone 22).

⁴² Os deputados eram subsidiados através das receitas provenientes do contrato do tabaco.

Fábricas e Comércio. Enquanto Caixa Principal do Contrato dos Tabacos e Saboarias, tinha, sob a sua administração, quatro fábricas (duas de tabaco e duas de sabão), facto que lhe proporcionou visão e experiência na área industrial.

José Ferreira Pinto Basto notabilizou-se por ter sido capaz de rentabilizar os negócios, aproveitando uns para expandir outros, reduzindo assim os riscos e os custos dos mesmos. Aproveitava as viagens dos seus navios para fazer, simultaneamente, o transporte de tabaco e sabão para as Ilhas e Macau, trazendo também grandes quantidades de tabaco do Brasil. Assim que a Vista Alegre começou a produzir porcelana, uma das primeiras encomendas foram caixas de rapé que se destinavam a fazer o seu transporte até Macau. Aproveitando o facto de ter de distribuir tabaco por todo o país, conseguiu que o governo lhe concedesse a venda de papel selado, criando assim, duplamente, uma ocasião de negócio rentável, sem que isso aumentasse as suas despesas (Macedo 17-9).

Entre o período de 1820 a 1828, José Ferreira Pinto Basto ocupou vários cargos de responsabilidade no governo: membro do Conselho de Famílias, membro da Comissão de Melhoramento das Cadeias e da Comissão Encarregada de Preparar a Lei de Franquia do Porto e de Lisboa. A classe política reconhecia, no chefe da família Pinto Basto, múltiplas virtudes, como se pode verificar pela natureza diversificada de funções que lhe foram atribuídas. Com o tempo, as suas preocupações ter-se-iam voltado para o apoio às causas sociais, nomeadamente a educação dos mais desfavorecidos, enquanto Provedor da Casa Pia e Secretário do Conservatório Real de Lisboa, instituição da qual emergiu a actual Academia das Belas Artes.

Quando, em Janeiro de 1828, o infante D. Miguel chegou a Portugal para mudar o regime, o grupo económico dos Pinto Basto sofreu, sem dúvida, um grande abalo, pois a sua principal actividade económica assentava sobre o contrato do tabaco feito precisamente com o Estado. Nesse período, a fábrica da Vista Alegre encontrava-se a produzir apenas vidro, não sendo por isso ainda um negócio rentável.

No Porto, continuava o movimento de resistência à aclamação do rei D. Miguel e José Ferreira Pinto Basto, uma vez mais, recorreria à influência de seu irmão João, que tinha granjeado a simpatia de D. Miguel quando este estivera em Londres. Deste modo, foi conseguindo manter os negócios da família. No entanto, em 1829 sofreu três grandes golpes que poriam em causa a solidez económica do grupo. Perdeu o contrato do tabaco por ser um opositor ao regime, apesar de oferecer mais vantagens para o Estado do que o grupo adversário. Por outro lado, o governo decretou um empréstimo obrigatório

excessivo, comparativamente com outras fortunas, e, definitivamente, cortou relações com o seu irmão António.

Recorrendo à sua reputação, utilizou a imprensa a seu favor, encomendando um artigo a um articulista que era um dos mais fervorosos defensores do regime miguelista. Nesse artigo eram exaltadas as qualidades de José Ferreira Pinto Basto e, vigorosamente, defendido o seu direito à arrematação do contrato, evidenciando a sua importância para as finanças públicas. Porém, o seu adversário, miguelista convicto, garantia que nunca daria emprego a pessoas que não fossem leais à causa e, desta forma, venceu Pinto Basto que, entre outras imputações, era acusado de empregar pessoas comprometidas com a causa liberal. Este foi sem dúvida o momento negro para o fundador da Vista Alegre que se sentiu injustiçado e com o seu bom-nome sujo pela falta de crédito, no momento em que a fábrica da Vista Alegre ainda não produzia porcelana.

Na sequência desta perda, José Ferreira Pinto Basto dedicou-se mais aos seus negócios, que se encontravam, apesar de tudo, protegidos por alvarás emitidos pelo poder régio, protegendo e até ampliando, privilégios da fábrica da Vista Alegre. Por se recusar a entregar a parte estipulada pelo governo, recebeu ordem de prisão, mas refugiou-se a bordo de um navio francês, enquanto a sua mulher reclamava nacionalidade inglesa hasteando a bandeira da Inglaterra. Na sequência deste incidente, ainda escreveu ao seu filho Teodoro (que também se estabelecera em Londres com o tio), equacionando a hipótese de ir para essa cidade (Bobone 25-29) *cf.* Anexo A.

Em meados de 1828, o que restava do governo liberal, cercado no Porto pelo exército miguelista, pôde uma vez mais, contar com a ajuda dos Pinto Basto. A solução passou pela venda do Vinho do Porto, armazenado na Companhia dos Vinhos do Alto Douro, à empresa de João Ferreira Pinto Basto sediada em Londres. A notícia passou para as fileiras miguelistas, que incendiaram os armazéns da Companhia, destruindo assim todo o vinho aí armazenado.

A luta pelo liberalismo continuou e a libertação dos fundos necessários ao seu prosseguimento fez-se em Inglaterra, graças à influência do nome Pinto Basto⁴³ entre os banqueiros ingleses. O Barão de Quintela tinha assinado uma letra a favor do governo

⁴³ Nesse momento, já as relações com António Ferreira Pinto Basto não existiam. No entanto; deve-se referir que este ramo da família se notabilizou no Porto pela sua actividade económica e filantrópica, tendo estado no seio dos fundadores do Teatro S. João.

liberal que só foi credibilizada quando João Ferreira Pinto Basto garantiu o seu pagamento.

A partir de 1834, a fortuna conseguida por José Ferreira Pinto Basto aumentou consideravelmente, tendo-se ele tornado um dos principais compradores de propriedades confiscadas às ordens religiosas que tinham sido abolidas. Segundo José Mattoso, ele foi o sexto maior arrematador desses bens. Tendo em conta o génio empresarial de José Ferreira Pinto Basto, essas aquisições teriam como objectivo renovar a agricultura portuguesa, tornando-a num negócio rentável. Como salienta Carlos Bobone, “Não se pode saber se nos seus investimentos predominava o desejo de lucro, a curiosidade científica ou o desejo de ser útil à sociedade” (30). Por tudo o que se sabe da sua personalidade e actividades, parece que todos estes factores coexistiram. A prová-lo está a sua experiência com o cultivo do arroz, cujas condições de insalubridade eram responsáveis por surtos de doenças mortais. De facto, na sua Quinta do Paço da Ermida, experimentou criar canais de irrigação com permanente circulação da água. Tendo evitado a insalubridade, não conseguiu, no entanto, uma produção de arroz que justificasse o investimento. Este episódio tem a relativa importância de revelar o desejo de ter lucro e, simultaneamente, melhorar as condições de vida das populações, algo que se verificou na Vista Alegre. Igual experiência iniciou na quinta de Foja, transformando um enorme pântano em terreno arável. O mais viável teria sido manter a quinta pouco produtiva e arrendada, já que os investimentos previstos no estudo encomendado eram avultados. Todavia, apesar de ter morrido sem ver resultados, os seus filhos, que lhe herdaram a ténpera, tornaram esses terrenos em áreas cultivadas e com criação de gado, sendo considerado um bom exemplo de exploração agrícola (Basto 56).

O espírito de perseverança de José Ferreira Pinto Basto foi comprovado também na sua fábrica da Vista Alegre. Desde a sua fundação até à produção de porcelana decorreu um período de esforços, experiências e viagens de cerca de 11 anos.

Embora não existam grandes registos escritos dos pensamentos políticos, tanto do pai como dos filhos, não deixa de ser significativa a acção desta família, que constituía um verdadeiro clã, com força quase de partido político. Foram deputados, Presidentes e Vice-presidentes de Câmaras, Senadores e membros de Juntas Governativas, numa altura em que o país atravessava talvez o período mais instável da sua história, sofrendo, quase anualmente, golpes de estado.

Em Julho de 1833, o governo do Duque de Palmela e de Silva de Carvalho nomeou José Ferreira Pinto Basto para o Tesouro Nacional, e ele tornou-se um dos maiores contribuintes para o empréstimo contraído por D. Pedro. Alguns meses depois, reavia, em regime de sublocação, ao conde de Farrobo, o seu negócio de eleição – o contrato dos tabacos.⁴⁴ As relações entre a família e o governo eram as melhores; porém, rapidamente divergências tomaram conta da cena política, na sequência de medidas contestadas e os Pinto Basto lideraram a oposição, apelidada de muitos nomes, (“Vintistas”, “Setembristas”, “Exaltados” ou “Montanheses”).

Era no palácio de Loreto, à época residência de José Ferreira Pinto Basto Júnior, que se reunia a facção esquerdista da oposição, conhecida como o Clube dos Camilos e oficialmente como Sociedade Patriótica Lisbonense. Esta posição iria manter-se com alguns interregnos, sendo a família constantemente vítima de ataques dos cartistas (Bobone 39).

A Guarda Nacional era um importante corpo de intervenção na segurança nacional, sendo também responsável pelo controlo dos tumultos de rua. Era por isso um órgão estratégico na luta pelo poder. Os filhos de José Ferreira Pinto Basto candidataram-se a postos de oficiais em diversas corporações desta guarda, tendo quatro deles, Duarte, Teodoro, Justino e Domingos, anunciados pela imprensa como os “anarquistas”, sido eleitos em diferentes batalhões. E foi desta forma que esta família desempenhou um papel determinante na detonação da revolução de Setembro, tendo grande parte da imprensa nacional e estrangeira considerado o fundador da Vista Alegre como o líder daquela sublevação.

Os jornais ingleses fizeram descrições bastante pormenorizadas dos acontecimentos, sendo disso exemplo a notícia do *Spectator* do dia 17 de Setembro, citado por Bobone e abaixo transcrita:

A Military revolution has been effected at Lisbon. The Constitution of 1820 has been proclaimed, and the Ministry dismissed. This was effected early in the morning of Saturday last. Some Opposition Deputies from Oporto, who arrived on the previous evening, and whose election it was intended to dispute, and Pinto Basto,

⁴⁴ Como foi referido, já o imposto do tabaco era o mais caro do país e constituía uma fonte de receita fundamental para o governo, sendo os contratos feitos em regime de monopólio por um período de três anos, mediante o pagamento ao Estado de uma prestação fixa. Os contratadores eram duplamente favorecidos, já que faziam as vendas contra dinheiro metálico, fazendo os pagamentos ao Estado em papel-moeda que chegava a atingir metade do seu valor nominal. Rui Ramos considera que “O contrato do tabaco era um dos bastiões da especulação” e que “A revolução de Setembro abriu a idade de ouro da especulação” (Rosa 85).

the late tobacco-contractor, appear to have been the chief agents in corrupting the military. The Queen is strictly guarded. The decree proclaiming the Constitution was procured almost by actual force. Baron Sa da Bandeira and Count Lumières, two Peers, have undertaken to form a Ministry, under the Constitution, which abolishes the Peerage. (41)

A 9 Setembro, estava prevista a chegada, a Lisboa, dos deputados eleitos pelo Douro e que representavam a maioria da oposição ao governo. Os Basto preparavam uma recepção, pretendendo com isso mostrar o poder que tinham. O governo tentou evitar tumultos, proibindo o lançamento de foguetes, mas a multidão que esperava os deputados desafiou as ordens, lançando-os; ao mesmo tempo que entoou o hino de 1820, os revoltosos dominavam as ruas da cidade. O batalhão número dezanove da Guarda Nacional, comandado por Justino Ferreira Pinto Basto, e o regimento número um, comandado por José Ferreira Pinto Allen, seu primo percorriam as ruas de Lisboa aclamando a Constituição de 1822.

Em Abril de 1838, foi jurada uma nova Constituição, com uma nova Câmara, sendo José Ferreira Pinto Basto um dos seus Membros. Foi este o seu último cargo político, pois faleceu em Setembro de 1839.

Os filhos continuaram, no entanto, a acção do pai, tendo mantido a família unida em volta de D. Bárbara. Carlos Bobone considera que, embora esta família não fizesse a apologia do “povo eleito”, gostava certamente de destacar as características excepcionais que os levava a casar no seio da própria família e a serem reconhecidos como auto-suficientes. Apesar de a Vista Alegre ser, sem dúvida, a jóia da família, e, sobretudo, o verdadeiro motivo da sua união, todos os irmãos se encontravam em posição de destaque em explorações agrícolas, nos sectores comerciais, seguros, transportes, importação e exportação, representações e desportos.

José Ferreira Pinto Basto Jr. substituiu o seu pai na liderança dos negócios da família e a firma “Viúva Ferreira Pinto e Filhos” agrupava todos os herdeiros de José Ferreira Pinto Basto, perdurando até 1859, ano em que a sua viúva morreu.

2. 3 Precusores do socialismo utópico em Portugal: a voz de Francisco Solano Constâncio

No parecer de Vítor de Sá⁴⁵, Francisco Solano Constâncio foi pioneiro na expressão do socialismo utópico, que, na segunda metade do século XIX, se difundiu entre escritores e pensadores portugueses. Escreveu sobre o socialismo, cerca de duas décadas antes de Alexandre Herculano e trinta anos antes dos primeiros pensadores socialistas portugueses.

Não tendo sido os seus escritos exclusivamente dedicados a temas da realidade económica portuguesa, foi certamente com o objectivo de esclarecer a opinião pública nacional que difundiu as novas ideias, pondo Portugal em contacto com a cultura científica europeia. Na opinião de José Luís Cardoso, a contribuição de Francisco Solano Constâncio para a divulgação crítica da economia política no espaço europeu foi apreciável. Pela importância que teve na introdução das ideias precursoras do socialismo utópico em Portugal, praticamente em tempo real, parece pertinente desenvolvermos um pouco o seu percurso.

Francisco Solano Constâncio nasceu em Lisboa, a 24 de Julho 1777. Beneficiando de uma bolsa de estudo, partiu, aos catorze anos, para Edimburgo, a fim de estudar medicina e cirurgia, tendo aí permanecido durante cerca de seis anos. Nos últimos anos envolveu-se em actividades diversas, que o desviaram das tarefas académicas, mas que o terão dotado de um enorme espírito crítico e de conhecimentos que, mais tarde, o tornariam um “estrangeirado” de elevado valor intelectual⁴⁶.

À semelhança do que aconteceu com numerosos estudantes estrangeiros, também Francisco Solano Constâncio visitou New Lanark. Mais tarde, estudará o processo de industrialização em Inglaterra, bem como as suas consequências para os milhões de trabalhadores britânicos que viviam na miséria, tendo-se tornado um

⁴⁵ Na obra *A Crise do Liberalismo e as primeiras manifestações das ideias socialistas em Portugal (1820-1852)* Victor Sá dedica o capítulo V a Francisco Solano Constâncio, analisando o seu pensamento político e económico, integrando-o no movimento liberal português e reconhecendo neste a introdução do pensamento socialista utópico em Portugal (163 – 173).

⁴⁶ Foi admitido como membro das sociedades científicas: Royal Medical Society e Natural History Society. Dedicou-se ainda a actividades literárias através da publicação *The Ghost e Watson Refuted*. Ao estudo detalhado das actividades literárias e diplomáticas dedicou-se Maria Leonor Machado Sousa várias obras: *The Ghost e Francisco Solano Constâncio; Um Ano de Diplomacia Luso Americana Francisco Solano Constâncio (182-1823); Solano Constâncio: Portugal e o mundo nos primeiros decénios do século XIX*

apoiantes das teorias de Robert Owen, a quem se referirá em artigos que serão mencionados mais adiante neste trabalho.

Ian Donnachie faz-lhe referência no seu artigo “International Dimensions of Owenism 1815-1830”:

Francisco Constâncio was a leading figure of the later Enlightenment in Portugal and France. He studied medicine in London and Edinburgh, also indulging in literary activities. In Portugal, he pioneered vaccination, particularly of children, so it is an interesting speculation that he might have become interested in this thanks to his visit to New Lanark. He achieved considerable fame as the author of a series of dictionaries and for his translations of Ricardo, Malthus and Godwin, all of whom influenced Owen. He is also remembered for his observation, typically Enlightened, that in Catholic countries all who dare think are heretics; among Protestants they are atheist. (2009:187)

Francisco Solano Constâncio regressou a Lisboa em 1799, onde exerceu medicina até 1807, tendo sido o responsável pela introdução e propagação da vacinação no nosso país.⁴⁷ O seu espírito irreverente e as notórias simpatias pelos ideais jacobinos poderiam ter sido a razão pela qual decidiu deixar o país, aquando da entrada em Portugal de Junot e do exército de Napoleão. Mudou-se para Londres⁴⁸, onde viveu um ano e, em 1810, foi viver definitivamente para Paris. Aqui dedicou-se a numerosas actividades e fez de tudo um pouco; contudo, foi, sem dúvida, na divulgação de novas ideias em temas diversos e, sobretudo na área da economia política, que realmente se distinguiu.⁴⁹

⁴⁷ Embora se saiba pouco sobre este período, sabe-se que Francisco Solano Constâncio publicou vários artigos sobre os progressos da medicina, onde era possível encontrar ideias que mais tarde sistematizará em *Anais das Ciências, das Artes e das Letras*. Sabe-se ainda que conviveu com Bocage e que pertenceu à “Arcádia das Parras” (Sousa 87-92).

⁴⁸ Em Londres, Francisco Solano Constâncio publicou na revista *The Monthly Repertory*, o artigo “On the State of Portugal during the last thirty years”, no qual é clara a sua visão negativa e pessimista do estado do país, a par de uma vontade emergente de reforma e de mudança que viria a ser levada a cabo pelo movimento liberal. Publicou ainda dois artigos no periódico *Statesman* sob o pseudónimo Las Casas, defendendo os movimentos independentistas das colónias espanholas da América Central. Em 1822 foi nomeado pelo governo liberal Encarregado de Negócios Políticos e Comerciais Portugueses nos Estados Unidos, tendo sido demitido do cargo um ano depois na sequência da Vilafrancada. Permaneceu em Nova Iorque durante dois anos, durante os quais exerceu medicina, tendo sido membro de diversas sociedades científicas americanas. Em 1826 regressou definitivamente a Paris, onde se fixou até 1846, ano em que morreu (Cardoso, XII-XXI).

⁴⁹ Francisco Solano Constâncio traduziu para o francês as obras de Malthus, David Ricardo e William Godwin, tendo tornado estes grandes clássicos do pensamento económico britânico conhecidos do público europeu (Amzalak 2). Em 1815 publicou o periódico *Observador Lusitano*, escrito em conjunto com outros portugueses no exílio, e que tinha o objectivo de dar notícias sobre a situação política das potências mundiais. O seu público preferencial era o corpo comercial, e foi nesta publicação, que, de uma

Entre 1818 e 1822, foram publicados, quadrimestralmente, *Os anais das Ciências, das Artes e das Letras*, em Paris e em língua portuguesa. Desta vez, Francisco Solano Constâncio associou-se a Cândido Xavier, José Diogo Mascarenhas Neto e Luís da Silva Mousinho de Albuquerque. Apesar dessa colaboração, foi Francisco Solano Constâncio quem mais se envolveu nessa publicação, tendo participado em todos os números e sido responsável por todos os artigos de economia e política. Contudo, abordou também assuntos de natureza científica nas áreas da medicina, receituário, física, química, botânica, matemática, economia e educação.

Se, por um lado, Francisco Solano Constâncio pretendeu alcançar um público mais exigente e mais culto, por outro não esqueceu a necessidade de formar os leitores de instrução mediana, fornecendo-lhes informação e conselhos práticos que pudessem contribuir para alertar consciências e melhorar os caminhos do país.

Para a publicação em causa, angariou previamente assinantes que garantissem o seu financiamento. Infelizmente, não foi possível confirmar se José Ferreira Pinto Basto fazia parte da lista de assinantes. Sabe-se, sim que em 1822, foi fundada a Sociedade Promotora da Indústria Nacional, da qual José Ferreira Pinto Basto não só se tornou associado, como também fez parte da Comissão de Fábricas e Comércio. Não será, por conseguinte, excessivo relacionar decisões do fundador da Vista Alegre com informações contidas nessas publicações que terão sido, por certo, significativas e relevantes para as suas decisões.

Num artigo de 1819, Francisco Solano Constâncio, referindo-se a Portugal, ao sistema de morgadio e à concentração da propriedade nas mãos de poucos, preconizava a necessidade de dividir a propriedade como um remédio para uma maior justiça social e um verdadeiro desenvolvimento económico: “Um Estado é tanto mais feliz e poderoso quanto maior é nele o número de proprietários, ou, o que vem a ser o mesmo, quanto menos concentrada está a propriedade nas mãos de poucos, e quanto mais próspera a indústria e o comércio” (Constâncio 170). Mais tarde, voltaria ao mesmo assunto, pronunciando-se contra a acumulação de riqueza transmitida por herança e afirmando ser indispensável que ninguém seja ocioso e que cada um coopere, em prol da riqueza nacional (*idem* 264).

forma sistemática, Francisco Solano Constâncio começou a expressar as suas opiniões sobre economia e política, sendo já evidentes as influências de Robert Owen. De toda a sua obra destacam-se os periódicos *Os Anais das Ciências, das Artes e das Letras (1818-1822)*; *Novos Anais das Ciências e das Artes (1828)*; *Armazém de Conhecimentos Úteis nas Artes e Ofícios (1838)*. Neste trabalho será dada especial atenção às publicações entre 1818 e 1820.

Embora a abolição dos morgados só tenha sido decretada em 1863, José Ferreira Pinto Basto fundou a Vista Alegre em nome de todos os seus filhos. Após a sua morte, em 1839, aquela continuou como propriedade da sua viúva e filhos.

Num artigo de Abril de 1821, Francisco Solano Constâncio, para além de criticar duramente as teorias de Malthus, partilhando a opinião de vários economistas e pensadores da época (Godwin, Robert Owen, Jean-Baptist Say e Sismonde-de Sismondi), censurou-o por ele considerar que a miséria das classes trabalhadoras se devia exclusivamente ao aumento excessivo da população, responsabilizando-as pelas condições de miséria em que viviam. Para além disso, considerava, tal como Godwin e Robert Owen, que tais princípios eram verdadeiramente imorais e errados do ponto de vista político e económico⁵⁰ (Constâncio 187-8). Neste contexto, elogiou as experiências preconizadas por Robert Owen⁵¹, partilhando a sua visão generosa e até utópica de um modelo de organização social que ia de encontro a ideais de realização da felicidade humana. Essas publicações surgiram em pleno período de fundação do projecto da Vista Alegre.

Também a educação foi uma preocupação particular para Francisco Solano Constâncio, que perfilhava as ideias de Rousseau. Escreveu um artigo dedicado à educação em Portugal (Julho de 1821), criticando sobretudo o estado do ensino superior e a necessidade de investir nas áreas da química, farmácia, botânica e agricultura: “O nosso objecto neste ensaio é fazer ver que, quanto às ciências referidas, a actual educação em Portugal é insuficiente, incompleta e árdua; que a poucos aproveita, e a esses, menos do que conviria” (Constâncio 195). O referido artigo termina com a promessa do autor de vir a abordar o tema do ensino primário. No entanto, não deixa de enfatizar a importância do ensino para todos, evidenciando a pertinência do ensino da Geografia e da História, bem como o ensino mútuo, tão utilizado em Inglaterra e em New Lanark:

[m]étodo tão profícuo para facilitar a aquisição de todo o género de conhecimentos, e por isso mesmo tão detestado e combatido por todos os inimigos do aperfeiçoamento moral dos povos, cuja ignorância e vícios são as mais sólidas

⁵⁰ O artigo foi publicado em Abril de 1821 sob o título “An Inquiry Concerning Population, etc., Ou Investigação Acerca da População e da Faculdade de Multiplicação na espécie Humana; Obra Destinada a Refutar a Doutrina do Ensaio de M.Malthus Sobre Este Assunto. Por W.Gdwin.Londres, 1820.”

⁵¹ As referências a Robert Owen são frequentes nas suas publicações. *cf. Leituras e Ensaios de Economia Política 1808-1842.*

bases em que se estriba a opressão que as classes privilegiadas pretendem fazer pesar sobre as classes industriais e úteis (Constâncio 203)

É de considerar que, também neste aspecto, José Ferreira Pinto Basto pareceu ter prestado atenção a Francisco Solano Constâncio, pois persuadiu os seus filhos a estudar na Inglaterra, na Alemanha e na França. A educação foi um tema caro ao fundador da Vista Alegre, não só no que respeita à educação que providenciaria aos seus trabalhadores, como também no papel que viria a desempenhar como Provedor da Casa Pia, onde se destacou pelo desenvolvimento da qualidade do ensino nesta instituição.

Francisco Solano Constâncio morreu em França, país que escolheu para viver, mas toda a sua obra reflecte um profundo conhecimento da Grã-Bretanha e do seu sistema industrial, bem como dos seus filósofos, economistas e políticos.

Vítor Sá analisou o pensamento político e económico de Francisco Solano Constâncio, reconhecendo-o como o responsável pela introdução das ideias de Robert Owen em Portugal, assim como o precursor das teorias que viriam a ser conhecidas por socialismo utópico (163-73). As correntes socialistas, quer a utópica, quer a pequeno-burguesa⁵², influenciaram a nossa burguesia liberal mais culta e esclarecida. Foram essas correntes que lhe deram novas visões sobre a sociedade capitalista, abrindo horizontes no que se refere à importância da instrução e da educação e favorecendo os movimentos da total alforria da terra que levaram, por exemplo, à eliminação dos morgados.

Os socialistas de 1850 (Casal Ribeiro⁵³ e Lopes Mendonça⁵⁴) não preconizavam o socialismo como um sistema colectivista. Como afirma Victor Sá, estes seguidores

⁵² Foi sobretudo este tipo de socialismo que atraiu partidários em Portugal. Representava o interesse dos pequenos e médios comerciantes que desta forma reagiam à tendência dos grandes capitalistas em esmagar os pequenos. Encorajavam o comércio miúdo, a pequena indústria e a pequena exploração agrícola. Esta corrente pretendia evitar as consequências sociais da concentração capitalista. Esta foi talvez a corrente mais forte de todo o liberalismo português (Sá 122-133).

⁵³ José Maria Caldeira do Casal Ribeiro nasceu em 1825 em Lisboa. Formou-se em Direito em Coimbra, tempos em que manteve uma intensa actividade política militando na esquerda Setembrista, tendo integrado a Junta Governativa que se formou em 1846 na sequência da revolução da Maria da Fonte e da Guerra Civil da Patuleia. Fixou residência em Lisboa, tendo-se dedicado ao jornalismo, fundando o jornal *A Civilização*, e colaborou no *Atheneu* (1850). Entre 1848 e 1850 publicou várias obras entre elas *O Soldado e o Povo*, *Hoje Não é Ontem* e *A Imprensa e o Conde de Tomar*. Nessa fase identificou-se claramente com os ideais da ala esquerda do Setembrismo. A partir de 1851 alistou-se no Partido Regenerador, tendo-se aliado aos seus antigos adversários políticos. Assim, ingressou na Câmara dos Deputados onde se revelou um excelente orador. Teve diversos cargos nos diferentes governos. Como par do reino, foi em 1884 um dos principais opositores à lei eleitoral proposta por Fontes Pereira de Melo, que pretendia alargar o sufrágio a um maior número de eleitores.

⁵⁴ António Pedro Lopes de Mendonça nasceu em 1826. Foi jornalista, romancista, dramaturgo, tendo-se destacado como activista e defensor de um socialismo utópico e romântico. Apesar de toda esta

socialistas portugueses, apesar de não apoiarem o colectivismo, acreditavam no efeito preventivo que este ideal podia ter no controlo de movimentos operários violentos.

A tendência para utilizar as correntes socialistas como via reformadora verificava-se sobretudo nos grandes pensadores do liberalismo português, mais do que ao nível de organizações proletárias. José Estêvão⁵⁵, fervoroso adepto do desenvolvimento industrial do país, no curso de economia política, não se cansava de repetir a sua fórmula preferida: “moralizar, desacumular, repartir, produzir” (cit. Sá 131). Uma das características da burguesia liberal era o repúdio pelo apoio das camadas populares. A tendência residia na aliança à antiga nobreza, evitando assim as grandes mudanças da estrutura social, e tentando antes uma ascensão aos privilégios da antiga classe dominante.

Como ficou demonstrado, todos esses homens se cruzaram com José Ferreira Pinto Basto e seus filhos no percurso das actividades políticas e, sobretudo, como liberais setembristas. José Estêvão, amigo pessoal de José Ferreira Pinto Basto, a quem chamou “utupista”, seguiu de perto a obra do fundador da Vista Alegre e, na inauguração do conservatório criado por Garrett em 21 de Dezembro de 1841, proferiu um enorme discurso, *Elogio histórico de José Ferreira Pinto Basto*, exaltando o seu espírito inovador e pioneiro no processo de industrialização do país, bem como a sua acção nas lutas liberais. Desse longo discurso⁵⁶ transcrevem-se os seguintes excertos:

O Snr. José Ferreira Pinto Basto pertence à escola da reforma, exerceu nela o magistério com distinção, ensinou as belezas com esmero, e deixou neste género obras de grande valia. [...]

Dominado profundamente das tendências do seu tempo, convencido da proficiência desses princípios, o snr. José Ferreira Pinto Basto votou todo o caudal

actividade literária notabilizou-se sobretudo como crítico literário. Também participou como combatente na revolução da Maria da Fonte e na Patuleia. Colaborou na redacção do periódico *A revolução de Setembro*. Publicou o romance *Memórias de Um Doido* e *Ensaio de Crítica e de Literatura*. Em 1850 fundou o periódico socialista *Eco dos operários*, um dos primeiros jornais de defesa do socialismo em Portugal. Defendia sobretudo as ideias de Proudhon.

⁵⁵ José Estêvão Coelho de Magalhães nasceu em Aveiro, em 1809. Foi um notável jornalista, político e orador parlamentar, tendo sido entre 1836 e 1862 a figura dominante da esquerda na Câmara dos Deputados. Formado em Direito pela Universidade de Coimbra, participou nas lutas liberais e viveu exilado em Inglaterra e na Ilha Terceira. Sempre mais radical nas soluções que propunha do que os partidos políticos da época, foi obrigado várias vezes a sair do país. Participou activamente na Patuleia. Repudiava o republicanismo, afirmando *amar os tronos*, porque *despojados de todos os poderes* gozariam *sempre das simpatias populares*. Aderiu entusiasticamente ao governo do Marechal Saldanha no período da Regeneração. Foi Grão-mestre da Confederação Maçónica Portuguesa, organização em que se tinha iniciado durante o exílio em Plymouth, em 1828. Cf.

⁵⁶ Cf. Anexo B.

do seu espírito, toda a cópia dos seus meios, às empresas industriais e exercitou nelas com entusiasmo a sua paixão pelo engrandecimento público, e os seus sentimentos de beneficência. [...]

Não se ordenava uma empresa conhecida, criava-se uma indústria. Era necessário estudar os seus métodos, reunir os socorros da ciência, levantar tudo dos elementos primitivos. O homem que concebe esta ideia, busca preencher todas aquelas indicações, e no seu empenho em dar vulto a um pensamento predilecto, entrega-se a trabalhos estranhos à sua educação.

Todas as artes auxiliares daquela indústria são ali ensinadas e praticadas: talentos condenados a guiar o arado vão ali dar documento da nossa aptidão universal, e a sociedade recebe com novos meios de subsistência uma educação colegial. [...]

Esta feliz ligação das teorias com os melhoramentos materiais; este carácter das existências sociais de agora, é devido exclusivamente às grandes indústrias. [...] na multiplicidade dos trabalhos industriais, o meio de repartir as suas belezas por todas as classes de sociedade .[...]

Esta ligação absoluta da fortuna com a sorte do país, não torceu no senhor José Ferreira Pinto Basto a força das suas convicções. Pregou mais as imunidades do seu carácter do que as conveniências da sua situação, e foi cidadão do seu paiz sem deixar de ser homem das suas opiniões. (cit. Gomes 50-58)

Continuando a citar Victor Sá, Owen terá sido pouco apreciado em Portugal pela burguesia liberal, uma vez que preconizava as cooperativas e até a colectivização da propriedade. Ora, esta visão verifica-se já no final da vida de Owen, nomeadamente na fase em que põe estas ideias em prática na comunidade que criou em New Harmony. Na verdade, o período a que se refere o interesse do pensamento de Owen para o projecto de José Ferreira Pinto Basto está expresso nos seus escritos de *A New View on Society* e, sobretudo, na experiência desenvolvida em New Lanark. É neste modelo industrial que se irão estabelecer paralelos e pontos de convergência com a Vista Alegre.

2. 4 Vista Alegre – fundação de uma fábrica e de uma povoação

A Vista Alegre, situada no concelho de Ílhavo, uma bela zona do país, fica na margem esquerda de um dos braços da ria de Aveiro, cidade da qual dista apenas sete

km⁵⁷, num espaço ideal para o estabelecimento de uma utopia realizada ou realizável no século XIX.

José Ferreira Pinto Basto comprou a quinta da Ermida em 7 de Março de 1812 e, em 26 de Outubro de 1816, as terras e a capela da Vista Alegre. As origens deste local perdem-se no tempo⁵⁸, mas é certo que, antes da fundação da fábrica, a Vista Alegre não tinha foros de povoação (Rosa 25).

Desde logo, vários autores se têm questionado, quer acerca do interesse que a porcelana terá suscitado em José Ferreira Pinto Basto, já que este tinha larga experiência na fabricação de produtos ligados à saboaria e ao tabaco, quer sobre as razões que terão estado na base da escolha do local, quando Pinto Basto possuía propriedades distribuídas por todo o país. Dizia-se, até com algum exagero, “que viajando em Portugal podia ficar-se em cada noite numa casa sua” (Basto 58). Porquê então a escolha de um local isolado e sem população e uma área de indústria completamente nova e sem garantias de vir a ter sucesso do ponto de vista financeiro?

Alguns autores, nomeadamente Marques Gomes (39), consideravam que José Ferreira Pinto Basto se teria interessado pela porcelana por influência de um seu amigo, José Pedro Celestino Soares, proprietário de uma fábrica de faiança em Lisboa⁵⁹ e possuidor de algumas peças produzidas por Bartolomeu da Costa⁶⁰ (Rosa 18). Assim,

⁵⁷ À semelhança das comunidades preconizadas quer por Robert Owen, quer por Fourier, também a Vista Alegre está situada numa pequena colina, perto de uma cidade, Aveiro, junto de um rio e rodeada de terras agrícolas que seriam utilizadas para garantir a subsistência dos habitantes da povoação.

⁵⁸ Pormenores relativamente às suas origens, à construção da capela e do palácio, aos anteriores proprietários, bem com às lendas aqui associadas podem ser consultados na obra *Vista Alegre – Memória Histórica* de Marques Gomes 1924.

⁵⁹ Desde muito cedo que o fabrico de porcelana despertou o interesse entre os portugueses. Por toda a Europa as várias tentativas conduziram à descoberta de vários tipos de porcelana. Em 1673, Louis Poterat, produziu porcelana tenra em Rouen, e graças aos artistas franceses que foram trabalhar para o estrangeiro, esta técnica foi divulgada em vários países da Europa. Os Alemães dominavam a técnica de fabricar porcelana dura desde 1706 e a sua origem é atribuída a Johann Friedrich Böttger e Ehrenfried Walther von Ischinnhausen. Esta técnica passou a ser utilizada pelas fábricas francesas e em 1756 foi criada a fábrica de Sèvres (Rosa 13-16). Na Grã-Bretanha, a segunda metade do século XVIII foram anos cruciais na história da indústria de porcelana. Paralelamente ao que acontecia no Continente, a Grã-Bretanha tentou encontrar formas de produzir porcelana, recorrendo no entanto a matérias-primas diferentes nomeadamente ao fosfato tricálcico dos ossos, obtendo assim porcelana branda ou fosfática. Em pleno processo de industrialização e de produção em massa, foi inventada por volta de 1753 uma técnica de decorar as peças sem recorrer à pintura à mão. A técnica consistia na impressão do desenho directamente na peça. Foi este método que permitiu a produção em massa e parece dever-se a Robert Hancock, que mais tarde prestou serviços a The Worcester Porcelain Manufactory.

⁶⁰ Datam do último quartel do século XVIII os primeiros ensaios realizados em Lisboa pelo Brigadeiro Bartolomeu da Costa na fábrica do Rato. Aqui ou em qualquer outro lugar se terão feito experiências diversas na tentativa de produzir porcelana, como é referido num documento existente no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, citado por Marques Gomes (36). Bartolomeu da Costa dedicou-se também a experiências na tentativa de produzir a porcelana, e terá deixado alguns trabalhos (medalhas na sua maioria) destinados a ser utilizadas em anéis produzidos na fábrica do Rato. Estas informações são referidas na obra *Recordações* de Jacome Raton, publicada em 1813 e citada por Marques Gomes (37).

terá instalado um pequeno laboratório químico em sua casa, por volta de 1819. Embora os resultados das suas experiências não tenham sido animadores, resolveu fundar a fábrica da Vista Alegre. Consciente das dificuldades que poderia vir a enfrentar com a obtenção de porcelana, pensou no fabrico de vidro que manteria a actividade fabril até que a porcelana fosse rentável.

Nesta fase, tinha, como já vimos, uma sólida fortuna imobiliária. Não estamos, por isso, perante um empresário insensato, mas antes perante alguém que se queria notabilizar, vencendo no campo da indústria e numa área da actividade industrial completamente nova em Portugal e, de resto, também relativamente recente na Europa.

O gosto pela louça utilitária requintada que se começava a generalizar aumentava a importação de vidros e porcelanas⁶¹, abrindo à Vista Alegre um nicho comercial no país. Acresce mencionar que, tendo sido necessário proceder-se à descoberta de matérias-primas, e das técnicas necessárias à produção de porcelana, a iniciativa terá gozado de protecção real⁶². Para além do gosto pessoal, poderá então estar explicada a escolha deste produto que se revelaria inovador e sem concorrência.

Quanto ao espaço, Marques Gomes considera que a razão da escolha de Ílhavo se explica nas pretensas descobertas de caulino por Bartolomeu da Costa. Na verdade, outros autores consideram que nas razões desta escolha esteve a existência de lenha em grandes quantidades nas imediações da Vista Alegre ou a possibilidade de aí se poder aproveitar a energia do vento através da construção de mais moinhos, para além dos já existentes. Para além destes motivos, havia ainda a considerar a questão das facilidades de transporte, dada a proximidade da ria. Não existe qualquer documento que refira este assunto, pelo que todas as hipóteses levantadas são meras especulações. Não se sabe se terão sido estas as razões que levaram à escolha desse lugar para a instalação da fábrica. Com efeito, José Ferreira Pinto Basto era proprietário de vastos terrenos em Lisboa que se estendiam até ao Tejo. Aqui tinha instalado os seus estaleiros

Para informações mais detalhadas sobre experiências feitas na tentativa de produzir cerâmica remete-se para a leitura de *A Vista Alegre - Memória Histórica* de Marques Gomes e *A Fábrica da Vista Alegre - O Livro do Seu Centenário 1824-1924; A Porcelana em Portugal*, de D. José Pessanha.

⁶¹ Apesar de terem sido os portugueses a divulgar a porcelana chinesa na Europa, esta já era conhecida dos europeus antes de os portugueses estabelecerem contactos com os chineses, na Índia e em Malaca no início do século XVI. A partir desta data, tornou-se um produto muito procurado pelas casas reais e aristocracia, e a crença popular atribuía-lhes poderes mágicos. Dizia-se que os objectos dela fabricados rachavam no caso de conterem veneno. Em vários portos da China, os portugueses iam estabelecendo postos comerciais, encomendando porcelanas com gravações e motivos a seu gosto ou dos clientes, servindo de intermediários entre a China e a Europa (Rosa 11-12).

⁶² O alvará de 1809 concedia privilégios aos introdutores de novas máquinas ou aos inventores ou descobridores, fixando a duração desses privilégios em catorze anos.

e armazéns, que serviam de apoio aos seus navios de mercadorias que faziam, entre outras, as rotas para Macau e Brasil. Quanto à energia, a animal foi a única utilizada até meados dos anos 40. Estes aspectos podem significar que, no que concerne apenas aos recursos e logística, a fábrica poderia ter sido localizada em outras propriedades de José Ferreira Pinto Basto.

Como refere Manuel Ferreira Rodrigues em *Documentos Para a História da Fábrica de Porcelana da Vista Alegre*⁶³, a dificuldade em escrever uma história desta fábrica ou comunidade deve-se ao facto de não existir um arquivo histórico. Apesar de esta unidade fabril se ter mantido nas mãos da mesma família desde a sua fundação, a dispersão documental, bem como o incêndio nas suas instalações, dificultam o acesso a documentação que possa servir de fonte a trabalhos de investigação (Rodrigues 1-2).

Porém, há certamente aspectos que nos fazem acrescentar outros fundamentos que justifiquem a aposta de José Ferreira Pinto Basto. Efectivamente, a fábrica foi fundada com a intenção de dela fazerem parte os seus quinze filhos em partes iguais. De acordo com os seus estatutos, era indivisível. Se considerarmos que foi necessário construir uma povoação para servir uma fábrica numa área em que não existia população, então podemos talvez considerar que o fundador teria em mente qualquer coisa realmente grande, inovadora, diferente, que mantivesse a sua família na ribalta durante várias gerações – Laura Pereira da Rosa refere-se à “Dinastia Pinto Basto” (76). Esta espécie de Messianismo era comum a alguns pensadores utópicos da época, nomeadamente a Robert Owen, ele próprio convencido da excepcionalidade da sua família. Ainda hoje, na Vista Alegre, é cultivado o «mito» do fundador Pinto Basto, no seio dos próprios funcionários da empresa, como se pode verificar pela entrevista a João Santiago⁶⁴ (cf. Apêndice A), ou pela leitura da história da fábrica apresentada no seu sítio da Internet.

Este não foi um projecto que surgiu do nada e é claro que o fundador tinha consciência das dificuldades e do período pouco produtivo por que iria passar. Como é referido na obra *Vista Alegre – Porcelanas*, apesar de todos os contratemplos, nomeadamente a incapacidade inicial de produzir porcelana, a actividade desta fábrica

⁶³ Esta obra referencia e transcreve documentos inéditos, que integram os Fundos Notarial e Paroquial do Arquivo Distrital de Aveiro. “É um conjunto de escrituras de actos e contractos de natureza muito diversa;” alguns dos documentos estão mal redigidos, com imprecisões denunciando por vezes nas “suas omissões ou referências, uma clara intencionalidade de quem os requereu, a conviência de quem os lavrou e até de quem os testemunhou (Rodrigues 2).

⁶⁴ Funcionário da empresa desde 1978, trabalhou em vários departamentos como fornos, compras, financeiro e, mais recentemente, como guia no Centro de Visitas da Fábrica.

estava bem defendida pela proposta que apresentava, através de requerimento, para a instalação de “uma grande fábrica de loiça, porcelana, vidraria e processos químicos” (Arez *et al* 14).

Uma análise cuidada dos documentos compilados por Manuel Ferreira Rodrigues revela que, entre 1826 e 1828, todos os contratos foram celebrados por Augusto Ferreira Pinto Basto, sempre com procurações passadas por seu pai. De acordo com *A Fábrica da Vista Alegre – O livro do seu Centenário*, Augusto manteve-se na direcção da fábrica até 1830, tendo-se dedicado também à realização de experiências (93-4). Devido às dificuldades técnicas na obtenção de porcelana dura, em 1830 foi estudar para França, onde trabalhou e aprendeu com o mineralogista e geólogo Alexandre Brongniart, director de Sèvres.⁶⁵ Embora na época já existisse a fábrica de Limoges, foi com Brongniart, elogiado e referido por Francisco Solano Constâncio⁶⁶, que Augusto Ferreira Pinto Basto aprendeu a técnica de fabricar porcelana.

A fábrica ia, entretanto, produzindo vidro, apesar de José Ferreira Pinto Basto ter consciência dos problemas no sector causados pela forte concorrência, já deveras sentidos por João Diogo Stephens⁶⁷ na sua fábrica da Marinha Grande. As primeiras contratações de vidreiros datam de Janeiro de 1826 e, no final desse ano, já se encontravam a trabalhar setenta e três pessoas. Alguns destes operários migravam da Marinha Grande, dadas as dificuldades vividas na fábrica de vidros de João Diogo Stephens. José Acúrcio das Neves fez, a este propósito, o seguinte comentário: “José Ferreira Pinto Basto tinha outra fábrica em que se manufacturam e lapidam vidros com tanta perfeição, como os melhores, que vêm dos países estrangeiros” (cit. Rodrigues 9). Dos registos de contratos de trabalho, conclui-se que, para além de Samuel Hungles, lapidário e mestre de aprendizes, e José Scorder da Saxónia, foram ainda contratados

⁶⁵ Embora na época já existisse em França a reputada fábrica de Limoges, Sèvres é, como vimos, um exemplo de sucesso apresentado por Francisco Solano Constâncio, e Brongniart é referido entre os melhores nas técnicas de trabalhar a porcelana. Só em 1854 é que Alexandre Brongniart publica *Traité des Arts Céramiques*, no qual expõe o processo pelo qual se podem produzir diferentes tipos de porcelana, fazendo referência à fábrica da Vista Alegre.

⁶⁶ Em Julho de 1819 Francisco Solano Constâncio publicou no periódico *Os Anais das Ciências e das Letras* um artigo no qual analisa o estado das indústrias em França, fazendo especial referência ao fabrico da porcelana, no qual a França competia com a Inglaterra. “As fábricas de porcelana têm singularmente aumentado em número, e todos os processos da fabricação e da pintura destes objectos têm sido notavelmente aperfeiçoados por M. Brongniart, director da fábrica de Sèvres. [...] Antigamente os descobrimentos dos sábios ficavam estêreis fechados nas suas papeleiras, ou sepultados nas memórias das Academias, sem que o fabricante suspeitasse que na aplicação lhe poderiam ser úteis às suas operações. [...] Hoje o fabricante consulta o sábio, e lhe submete as dificuldades que encontra, adopta os seus conselhos com toda a confiança, e ambos caminham de acordo com o fito no aperfeiçoamento das artes” (Constâncio 123- 124).

⁶⁷ João Diogo Stephens foi dono da Real Fábrica de Vidros da Marinha Grande até 1826, data da sua morte. Nesta fábrica havia aulas de instrução primária, desenho aplicado à vidraça e música.

um espanhol, um italiano e um inglês, não se tendo recorrido a técnicos da Marinha Grande para a introdução dos métodos de fabrico, lapidação e decoração de vidro.

2. 5 A Vista Alegre - uma utopia realizada

O espaço físico⁶⁸ desta povoação foi sendo organizado de uma forma que claramente se assemelha ao modelo das aldeias cooperativas preconizadas por Robert Owen. No centro, existe um enorme terreiro à volta do qual vão sendo construídas as instalações fabris, as oficinas, o teatro, a casa das merendas, a escola, a casa da administração e a primeira fase das casas dos operários.

Esta comunidade, ou povoação, começou por ser formada através da contratação de operários e aprendizes, já que, nas duas décadas anteriores, não há qualquer registo de baptismo, casamento ou morte. Os primeiros habitantes da povoação foram assim, sem dúvida, vidreiros e ceramistas contratados pela fábrica e de proveniências muito diversificadas. Embora um grande número tivesse vindo da Marinha Grande, havia também gente de Lisboa, Oliveira de Azeméis, Porto, Coimbra, Valença, Viseu, Ovar e Castelo Branco. Os trabalhadores originários de Ílhavo eram, no início, em número muito reduzido (Rodrigues 27).

José Acúrcio das Neves, em 1827, na sua obra *Noções históricas e económicas*, descreveu a Vista Alegre da seguinte forma:

[u]m edifício de Quatrocentos palmos de frente sobre seiscentos de comprido, formando um pátio correspondente, contém as casas de habitação com uma ermida ricamente edificada; as oficinas próprias da fábrica de porcelana; um laboratório químico para os produtos, e outro farmacêutico; e casas de habitação para os empregados artistas, e aprendizes; estes vivem em comunidade, aprendem as primeiras letras pelo método de ensino mútuo e também música, e tocar alguns instrumentos.

Tudo forma um edifício contíguo; além deste há casas para hospedarias e currais de gado, e um cais obre o rio.

O director das fábricas é Augusto Ferreira Pinto Basto, filho do proprietário, moço de dezanove anos, que debaixo das ordens de seu pai tem tomado com gosto esta administração. (cit. Gomes 44)

⁶⁸ cf. Anexo C.

Da análise dos contratos de trabalho, é ainda possível determinar as intenções do tipo de comunidade a construir à volta da fábrica, nomeadamente o perfil desejado para os habitantes da povoação. Este aspecto reflecte as teorias de Robert Owen de que o carácter humano era moldado pelo meio e sobretudo pela educação, bem como a vontade paternalista de realizar uma comunidade que obedecesse aos princípios da vontade utópica de realizar uma sociedade capaz de solucionar males diagnosticados. A fim de serem contratados, os aprendizes tinham obrigatoriamente de ter adquirido conhecimentos na arte de trabalhar o vidro ou a porcelana, o domínio de um instrumento musical e a aquisição de uma “educação delicada”. Todas estas aprendizagens eram fornecidas pelo próprio patrão⁶⁹, mentor da comunidade.

De acordo com os assentos de baptismo, casamento e óbitos, entre 1826 e 1839, trabalhavam na fábrica entre cento e cinquenta a duzentas pessoas. O bairro operário construído devia contar inicialmente com cerca de cinquenta casas unifamiliares. Também ficámos a saber que os filhos dos trabalhadores casavam entre si, dando assim origem a uma comunidade muito especial. A reforçar o carácter filantrópico desta comunidade, quer Augusto, quer o seu irmão Alberto Ferreira Pinto Basto, foram padrinhos de diversas crianças, embora se fizessem representar na cerimónia (Rodrigues 30). Esta família nunca deixou de figurar no cume da árvore hierárquica. Continuando a referir os mesmos documentos, também se pode concluir que a família se fazia rodear de uma rede de colaboradores na região, dado que praticamente todos os contratos eram celebrados por colaboradores da fábrica.

Dos contratos constam ainda reconhecidos direitos dos trabalhadores, pouco habituais para a época, como o direito a ganhar em caso de doença:

[e] com a condição de que não trabalhando a Fábrica só receberá cada um deles Outrogantes a metade do preço nesta declarado, assim como se estiverem duentes, com tanto que as moléstias ou duenças que tiverem não sejam adqueridas pello seu mau comportamento, porque neste cazo se abaterá a cada hum delles que desta forma aduecer o seu jornal na forma que se costuma aos que faltão às Vellas; mais de que se não trabalhar a fábrica por cauza de factura de Fornos, ou de qualquer motivo deverão elles outrogantes ocupar o tempo nos trabalhos inherentes à mesma Fabrica de Vidro, conforme os talentos, e forças de cada hum, e mais disserão elles

⁶⁹ Os contractos referiam as seguintes condições: “servir como offeial ajudante da real Fabrica da Vista Alegre em atençaõ a que aquilo que sabe tanto da offecina de Vidraria como de Muzica, e à educaçaõ que reconhece ser fora e mais delicada da que tinha antes de entrar para a aprendizagem” (cit. Rodrigues 13).

Outrogantes que se obrigavão por suas pessoas, e bens a cumprir exactamente com as Obrigaçoens, Condiçoens, e Clauzulas aqui declaradas. (cit. Rodrigues 43)

Este texto, encontrado em todos os contratos de trabalho, revela o carácter regulador da sociedade a criar, nomeadamente no que se refere às situações de “mau comportamento” – que, depreendo, se reportem a casos de embriaguez, violência ou ócio – e à intenção de moldar comportamentos, como também a protecção que seria sempre garantida aos trabalhadores. Para a época era uma situação invulgar. A previdência social só foi assumida em Portugal na sequência da publicação do Estatuto do Trabalho Nacional, em 16 de Março de 1935⁷⁰.

O patronato era exercido de uma forma paternalista, sendo evidenciadas, ao longo das diferentes gerações, as relações especiais entre patrões e operários. Luiz de Magalhães, amigo da família e frequentador da Vista Alegre, num artigo que consta de *A Fábrica da Vista Alegre – Apêndice ao Livro do seu Centenário*, escreveu:

Não eram duas classes ligadas apenas pelo interesse material, e, sim tantas vezes, por motivo dele, em hostilidade e dissídio. Não, os patrões e operários formavam uma família, hierarquizada, sim, mas animada dum alto espírito de íntima concórdia, de confiança recíproca. Os patrões eram pais, os operários filhos. Essa fábrica não era uma seca empresa industrial, cujo objectivo, de parte a parte, se cifrasse no lucro. Era com efeito, uma associação de interesse, mas também uma comunidade moral. [...] Aqui nunca houve exploradores nem explorados. Por isso também nunca houve revoltas, nunca greves. (9)

Apesar de as instalações iniciais terem sofrido melhoramentos ao longo dos anos, a verdade é que os princípios foram os que inicialmente se instituíram. Os cuidados de higiene e saúde foram uma preocupação desde a fundação. Ainda existe um edifício em madeira, junto à ria e mesmo à entrada da Vista Alegre, onde todos quantos entrassem na povoação teriam de tomar banho. Segundo o testemunho oral de João Santiago, as senhoras tinham direito a água aquecida. Através destas medidas,

⁷⁰ Com a fundação da Casa Pia de Lisboa, nos finais do século XVIII, ensaiou-se o primeiro passo no sentido da instauração da assistência pública que o liberalismo se propôs estimular, sem grande sucesso. Após a implantação da República, só na primeira metade dos anos quarenta se aprova o Estatuto de Saúde e Assistência, apontando para a responsabilidade do Estado neste campo. Ao longo da segunda metade do século XIX, assistiu-se a um importante movimento mutualista nos principais centros industriais urbanos. Os principais fins destas instituições mutualistas (também conhecidas por montepio) abrangiam a prestação de cuidados médicos e o fornecimento de medicamentos, a atribuição de subsídios nas situações de incapacidade temporária ou permanente para o trabalho (<<http://www2.seg-social.pt/left.asp?01.01.01>> acedido em 12 Maio 2010)

evitava-se a propagação de doenças contagiosas, criando-se simultaneamente hábitos de higiene que melhoraram significativamente a qualidade de vida dos habitantes. Não se pode esquecer que os operários eram altamente especializados e que demorava muito tempo a qualificar gente capaz de desempenhar funções nesta fábrica.

O século XIX foi a época das últimas grandes vagas de epidemias que dizimaram populações, sobretudo as mais desfavorecidas. A propagação era muito rápida, sobretudo por causa da mobilidade de soldados, marinheiros, feirantes e mendigos. A cólera era uma doença extremamente agressiva e devastadora, responsável por um elevado índice de mortalidade. Os seus efeitos eram potenciados pelas deficientes condições higiénicas das ruas e das casas, a utilização de água imprópria, a má alimentação e a viciação do ar. Esta doença propagou-se rapidamente, tendo afectado sobretudo os distritos de Aveiro e Viseu. O mesmo sucedia relativamente à febre tifóide e tífos, à tuberculose e à varíola⁷¹ (Cascão 431).

A sífilis, embora muito raramente mortal, estava também muito generalizada no Portugal do século XIX. Esta doença era quase sempre associada à prostituição. Na verdade, o alcoolismo, o deficiente regime alimentar, a falta de educação física, a sífilis e a prostituição eram considerados, por muitos autores⁷², os responsáveis pelo “definhamento da raça lusitana”.

Este contexto justificava, então, quer as medidas de higiene quer as que visavam mudar os comportamentos. Era proibido andar descalço nas instalações da fábrica⁷³, as casas tinham de ser limpas pelo menos uma vez por semana e pintadas uma vez por ano. Era expressamente proibido ter animais nas casas ou atirar lixo para as ruas. Os quintais deviam manter-se cuidados. Quanto aos comportamentos, os alcoolizados eram severamente castigados, bem como os que “faltassem ao respeito” a uma senhora. O exemplo era dado, mais uma vez, pela família Pinto Basto, que valorizava e respeitava a figura de D. Bárbara, reconhecendo-lhe até um papel importante, quer na Vista Alegre, quer no apoio dado ao seu marido. Ainda hoje, João Santiago se lhe refere

⁷¹ As populações resistiam à vacinação, apesar da precocidade da introdução da vacina em Portugal. A vacinação foi introduzida por Francisco Solano Constâncio. A insuficiente quantidade, a ignorância de muitos médicos acerca da correcta aplicação retardaram o impacte destas medidas profiláticas (Cascão 437).

⁷² Já no final do século XIX Ramalho Ortigão na sua obra *As Farpas* fez a seguinte descrição do Lisboaeta: “pacífico, tolerante, indolente, mole, incapaz dos fortes exercícios físicos, sem iniciativa, sem perseverança, sem método, sem ideias fundamentais, sem convicções de espécie alguma, sereno mas enervado” (cit. Cascão 439).

⁷³ De acordo com as declarações de João Santiago, havia um funcionário que fabricava o calçado (uma espécie de socas) aproveitando o couro das correias usadas das máquinas (cf. Apêndice A).

como “uma senhora de esmerada educação inglesa e com uma personalidade invulgar para a época”. Todas essas regras existiam também na New Lanark de Robert Owen.

A qualidade da alimentação era fomentada através da cooperativa, onde se vendiam, a preços baixos, os produtos da quinta (Basto 154).

A preocupação com a assistência social continuou na Vista Alegre, nas gerações seguintes, através de instituições internas de assistência médica e instituição de reformas ao seu pessoal, coadjuvando o montepio. As condições de vida dos operários iam melhorando substancialmente, estando sempre muito à frente do seu tempo. Por outro lado, o cuidado com a manutenção da habitação visava, não só manter a higiene e ordem pública, mas também melhorar a mentalidade dos operários. Quase cem anos depois, escreveu João Teodoro Ferreira Pinto Basto, a propósito dos melhoramentos realizados nos bairros da Vista Alegre:

Os novos lares serão uma semente civilizadora, que muito contribuirá para a elevação do nível moral dos seus habitantes. Nesse novo bairro abriram-se ruas largas e avenidas arborizadas e ajardinadas. Construíram-se chafarizes e fontes para abastecimento de água. (...) Todos os serviços municipais se vão montando sob a direcção de uma Comissão de Melhoramentos constituída por empregados e operários. Há uma corporação de bombeiros, uma secção de higiene tendo a seu cargo a limpeza e conservação das ruas, remoção de lixos e esgotos, uma secção de abastecimento de água e luz, (...) Uma outra secção de desportos e recreios, já em funcionamento, procura desenvolver o gosto pelos desportos, dirigir os espectáculos no teatro, os concertos da banda e a vida do grémio e da sua biblioteca. (...) No grémio faz-se box e pushing-ball, e ao ar livre faz-se o lançamento do disco e outros exercícios de desportos olímpicos. (Basto 155-6)

Para distracção dos habitantes, desde a fundação que se criou, uma banda da música, também um teatro, onde representavam operários da fábrica que levaram a cena numerosas comédias e operetas, começando os principiantes por recitar poesias e monólogos. A banda parece ter alcançado qualidade, já que foi muitas vezes contratada para actuar em festas (no Palácio de Cristal e em Lisboa, por ocasião do casamento do rei D. Carlos).

Na New Lanark de Robert Owen, era dado especial destaque ao canto e à dança e, na Vista Alegre de Pinto Basto, à música e ao teatro. A ideologia liberal reconhecia

grande utilidade ao teatro⁷⁴, que, para além do mero aspecto recreativo, era visto como um dos principais antídotos contra a taberna e os vícios. Também nesta área, a Vista Alegre se apresentava inovadora. Os seus proprietários consideravam que, quer o teatro quer a música, constituíam um bom passatempo para o pessoal, sendo também uma forma de instrução e educação eficazes.

A esta povoação não faltou também um exército, no qual se alistaram os operários que, sob o comando de Alberto Ferreira Pinto Basto, formaram o Batalhão da Vista Alegre e participaram com os setembristas na Patuleia⁷⁵, no Norte, para lutar ao lado da facção de Sá da Bandeira, que liderava o movimento de resistência ao novo governo nomeado em Lisboa e que fazia prevalecer a facção de Costa Cabral (Bobone 47). Durante esta nova fase das lutas da Patuleia, que iriam durar cerca de nove meses, e embora a gente miúda das cidades e dos campos se continuasse a bater, foram os burgueses que assumiram o comando da situação. No decorrer deste período, o suborno de chefes militares era frequente e muitos oficiais, na realidade, comportavam-se como mercenários, passando-se para a facção que melhor lhes pagasse. Não foi o caso do batalhão da Vista Alegre, que se manteve fiel aos seus princípios, tendo regressado à fábrica após a assinatura da Convenção de Gramido em 1847 (Sá 231-5). Este foi o único período em que a Vista Alegre fechou e parou a sua produção.

Laura Pereira da Rosa, na sua dissertação de mestrado, refere as condições relativamente humildes das instalações fabris e das primeiras casas dos operários. No entanto, para uma correcta avaliação, é imperativo ter em consideração que, na época, a

⁷⁴ A partir de 1845, o gosto pelo teatro expandiu-se. Em muitas cidades e vilas começaram a surgir teatros onde compareciam, quer como actores, quer como espectadores, pessoas de diversas proveniências sociais (Cascão 532).

⁷⁵ De acordo com Vítor Sá em *A crise do Liberalismo*, o início do levantamento popular confunde-se com circunstâncias fortuitas, como o impedimento de sepultar os mortos no interior das igrejas, que não eram o verdadeiro motivo da insurreição. A verdadeira causa era mais grave, como consta de uma carta do Padre Casimiro, datada de Julho de 1846 e dirigida à Rainha D. Maria II: “O povo Português sobrecarregados de tributos, como nunca desde a sua origem, tem visto reunir todos os seus cabedais nas casas dos funcionários públicos. Desesperado finalmente pela fome e carência de dinheiro, resolveu-se ou a morrer ou a sacudir o pesado e tirânico jugo que tanto o tem afligido” (cit. Sá 218). Continuando a citar Vítor Sá, a revolta popular generalizou-se, constituíram-se batalhões, onde se alistavam todos os que podiam pegar em armas. Atacaram municipalidades e lançaram fogo aos arquivos para destruir as folhas de impostos. Esta crise demonstrou que as reformas socioeconómicas do liberalismo tinham sido verdadeiramente insuficientes. Foi nessa altura que os políticos da oposição, surpreendidos com a amplitude da revolta, procuraram controlar os acontecimentos. Em Outubro de 1846, através de um Golpe de Estado, foi reposta a facção dos Cabrais, mas sem os Cabrais e com o marechal Saldanha. Começaram os actos de repressão, que foram eficazes em Lisboa, mas não na província. Quando o duque da Terceira, representando a rainha, desembarcou no Porto, os setembristas voltaram a assumir o comando da revolta. Começou uma nova guerra civil que terminou com a capitulação da burguesia liberal através da assinatura da Convenção de Gramido na qual “ a junta confiava a sorte do País à boa-fé dos Governos aliados”. Tudo se conjugou de forma a terminar com as aspirações populares (220-35).

maioria da população portuguesa era pobre. Como considera Maria Antónia Lopes, no seu artigo “Os pobres e a assistência pública”, “pobreza” é um conceito impreciso que só se clarifica se inserido num momento histórico, num espaço geográfico e tendo sempre em consideração que as necessidades humanas variam com o tempo (501).

Como era então o pobre no século XIX?

O trabalho manual era mal pago, não se realizavam contratos que assegurassem a continuidade do trabalho nem existiam mecanismos que permitissem subsistir sempre que ocorria um acidente, a doença, a velhice, o despedimento ou as quebras de consumo que tantos artífices deixavam na penúria. [...] Assim, podemos afirmar que o trabalhador era sempre potencialmente um pobre. E era-o verdadeiramente quando, com tanta frequência, os rendimentos auferidos não bastavam para se alimentar, vestir e alojar a si e aos seus dependentes. Mundo flutuante este, representando uma grossa fatia da população portuguesa, que o tempo conhecia por «Classes desvalidas». [...] Os pobres são massas anónimas que escapam quase totalmente ao esforço interpretativo do historiador. Que sabemos nós sobre os seus anseios, as suas crenças, os seus valores? Que podemos saber sobre as suas dificuldades e alegrias quotidianas? O não pobre, aquele que se situa fora do mundo da pobreza, interpreta, escreve, legisla, actua sobre ele, e é através destes testemunhos externos que o pulsar desse mundo nos aparece aqui e ali. (Lopes 501)

Durante séculos, o Cristianismo considerou o pobre a imagem de Cristo e a esmola o símbolo de amor ao próximo. Assim, o pobre era uma necessidade à salvação dos ricos, pois estes redimiam, dessa forma, os seus pecados. Era esta a assistência prestada aos pobres uma forma peculiar de exercer a caridade, já que, sem esta possibilidade, não poderiam os ricos obter a remissão dos seus pecados.

É sobretudo por esta realidade que acredito que a Vista Alegre se pode considerar uma utopia realizada. Ela foi um espaço onde se conjugaram os interesses do seu mentor com uma clara melhoria de condições de vida para a totalidade dos seus habitantes. Uma solução foi encontrada e aceite por uma comunidade para problemas concretos.

A Vista Alegre⁷⁶ foi assim concebida para ser uma comunidade auto-suficiente, com uma quinta agrícola, uma cooperativa, uma corporação de bombeiros, uma cantina, uma escola, uma creche, um museu, uma equipa de futebol, uma banda de música, uma

⁷⁶ À semelhança de New Lanark, a Vista Alegre tornou-se um local de interesse turístico contando com cerca de 1100 visitantes em 1923 (Basto 31).

companhia de teatro, moeda própria, uma capela, uma santa padroeira e até um exército! Não foi um sonho, nem um projecto, foi uma utopia realizada, pois resultou numa sociedade claramente melhor do que a do seu tempo.

2. 6 A educação na Vista Alegre

Em 1826, foi estabelecido, por José Ferreira Pinto Basto, um colégio com internato com o objectivo de educar e formar, do ponto de vista profissional, mas onde também se ensinava a ler, escrever, aritmética, desenho, doutrina cristã e música aos aprendizes de ambos os sexos. Esta escola funcionou até 1842 (Gomes 65).

Logo no início da fundação da fábrica, foi contratado um professor, José Vicente Soares⁷⁷, natural de Penafiel, para se ocupar da educação das crianças, tendo começado com cerca de vinte e sete aprendizes. Em 1837, D. José Urcúllu constatava: “Cinquenta aprendizes, repartidos pelos diversos ramos, aprendiam um ofício ou uma profissão como se estivessem num colégio com disciplina militar” (cit. Rosa 186). Na verdade, esta constatação lembra alguns comentários e críticas por vezes feitas ao tipo de regras demasiado rígidas existentes em New Lanark, nomeadamente por Robert Southey. Na comunidade da Vista Alegre, foram-se criando melhores condições de trabalho para os operários, ao mesmo tempo que era fomentada a disciplina e obediência a regras rigorosas. O ócio era combatido, tal como em New Lanark. A este respeito, volto a citar D. José Urcúllu, em *Tratado Elementar de Geografia*:

Há no mesmo estabelecimento uma escola fundada sob as bases do ensino mútuo. O estudo da música ocupa uma parte dos momentos que em outros colégios se destina a não fazer nada; e nos dias de preceito celebra-se a missa, e cantam-se hinos religiosos ao som duma música executada pelos empregados da fábrica. Outros dedicam o dia inteiro ao desenho, dirigidos pelo hábil professor francês M. Rousseau, que é quem tem ao seu cuidado tudo quanto se refere à pintura e dourado da porcelana. Muitos dos seus discípulos, segundo ele mesmo nos tem assegurado, manifestam as melhores disposições para a pintura. (Basto 151-2)

⁷⁷ Sendo indicado como “Mestre das Primeiras Letras dos Aprendizes desta Fábrica”, José Vicente Soares terá sido testemunha em inúmeras escrituras de contratação de aprendizes e no caso da admissão de menores sem pais é procurador do escrivão dos órfãos (Rodrigues 12).

Na escola da Vista Alegre, era dada especial atenção ao ensino das artes decorativas – desenho, escultura e a pintura –, cultivando-se também o gosto pela música, canto e declamação. O próprio Rousseau⁷⁸ dava aulas de desenho e pintura. Entre 1826 e 1828 foi contratado um inglês, Samuel Hunles, para ensinar lapidação (Basto 85).

A aula de desenho foi interrompida em 1894, devido à fundação da Escola Industrial de Aveiro. Porém, e apesar do material fornecido pela administração da Vista Alegre, a qualidade do ensino não estava ao nível das necessidades da fábrica, pelo que, no início do século XX, a formação voltou a ser dada na fábrica.

Com o passar do tempo, a Vista Alegre passou a ser encarada como um exemplo por pessoas influentes, tais como Acúrcio das Neves, e era com admiração que se reconhecia que, num local isolado e longe da capital, “em pouco tempo se obtém bons aprendizes para a cerâmica artística” (Basto 31).

Era ainda feito um recolhimento de órfãos. Relativamente a estes, os contratos de admissão de aprendizes referem as responsabilidades que a administração da Vista Alegre assumia com o seu sustento, bem como com a sua educação: “serem à minha custa vestidos, mandados ensinar a ler, escrever, e contar, comer, cama e isto todos os anos da sua aprendizagem” (Rodrigues 50). As raparigas órfãs tinham um colégio separado, onde, para além do polimento de ouro sobre porcelana, tarefa destinada apenas às raparigas, aprendiam também costura e a desempenhar tarefas domésticas. João Santiago refere que, ao Sábado à tarde, as raparigas tinham de aprender a bordar e que essas sessões terão sido dinamizadas pela esposa do fundador, D. Bárbara Allen, juntamente com as filhas. (cf. Apêndice 2)

Dos vinte e cinco aprendizes inicialmente contratados, apenas dez foram promovidos a oficiais ajudantes. Para a sua promoção e conseqüente admissão na fábrica, o aprendiz tinha de atingir conhecimentos reconhecidos na arte do vidro ou da cerâmica, dominar um instrumento musical e adquirir uma educação “delicada”. Deveriam ainda tocar na missa da capela da Vista Alegre, bem como “em todos os mais lugares e ocasiões que pelo Senhorio, ou seus Illustres filhos lhe for ordenado, com o

⁷⁸ Victor François Chartier Rousseau era um pintor francês exilado em Inglaterra, que foi contratado por Alberto Pinto Basto em Londres, para trabalhar como artista decorador de porcelanas na Vista Alegre. O seu passado artístico é desconhecido. Foi muito importante na criação de um estilo que veio a caracterizar a Vista Alegre. Os seus desenhos foram recuperados e readaptados por gerações posteriores de artistas. Tornou-se amigo íntimo de José Ferreira Pinto Basto e deu nome a uma das ruas da povoação da Vista Alegre.

instrumento de que está prático” (Rodrigues 13). Em 1826, fundou-se a filarmónica privada da fábrica constituída apenas por operários da mesma.

O ensino na própria fábrica era uma necessidade sentida, já que, para a correcta manipulação das pastas, era necessário treinar e educar gente habituada a outro tipo de trabalho mais duro e menos diferenciado.

À semelhança de Robert Owen, que pretendia trabalhadores dóceis, José Ferreira Pinto Basto pretendia operários com uma “educação delicada” para, desta forma, conseguir melhor e mais produção e uma comunidade pacífica que obedecesse aos seus padrões morais.

Laura Marques Pereira da Rosa, na sua dissertação de Mestrado, considera que o trabalho dos operários era penoso e que crianças e adolescentes trabalhavam longas horas por dia (120-1). Mas, à época, viver na Vista Alegre, para uma criança da primeira metade do século XIX pertencente ao povo, era certamente um privilégio, podendo até significar o direito à vida.

No século XIX, o abandono de crianças era permitido por lei. Paradoxalmente, esta era uma forma de as proteger, isto é, ao facilitar a exposição⁷⁹, evitava-se um mal maior, tendo em conta que o infanticídio grassava por todo o país.

Quanto ao estado da instrução da burguesia⁸⁰, o país apresentava um quadro de grande atraso.

⁷⁹ As câmaras e as misericórdias pagavam a amas que criavam os “expostos” até à idade de sete anos. Nesta altura, o juiz nomeava um tutor que os receberia como empregados a troco de alimentos, vestuário e dormida. As amas tinham direito de preferência no caso de estarem interessadas nos serviços das crianças. No caso de não surgirem interessados, o juiz colocava editais apregoando “o auto de arrematação” da criança. Este acto praticava-se para expostos e para os órfãos. Francisco Xavier de Almeida Pimenta é a este respeito citado num artigo da historiadora Maria Antónia Lopes, dizendo: “É costume introduzido em muitos juízos de órfãos arrematar estes miseráveis como quem vende uma besta em praça pública (...) e um tostão que se lançou mais pelo serviço de um ano foi bastante para ficar sem o filho a viúva, que se não achava com meios de lhe pagar tão grande soldada” (504). Aos vinte anos, os expostos tornavam-se livres e emancipados.

A roda tinha também um papel moralizador de costumes, que se prendia com a necessidade de preservar a honra de mulheres consideradas honestas a quem um momento de fraqueza desonraria para sempre, bem como às suas famílias.

O hábito de expor acentuou-se, a administração pública não conseguiu acolher todas as crianças e atingiam-se níveis de mortalidade infantil elevadíssimos. Alguns municípios remetiam secretamente expostos da sua roda para concelhos vizinhos por não terem amas suficientes. Só no ano de 1862 foram abandonadas 16294 crianças, correspondendo uma exposição por cada oito nascimentos (*idem* 505).

⁸⁰ Num registo de bibliotecas realizado na segunda metade do século XVIII, num total de 2420 só 5% pertencem a elementos da burguesia comercial e quase só de Lisboa e Porto. Esses livros ou eram de carácter religioso ou edificante. A camada culta da época estava muito mais ligada a clérigos, juristas e pequenos nobres do que à classe burguesa. Isto explica de certa forma a falta de esclarecimento e atraso relativamente às questões suscitadas pela Revolução Francesa ou pelo movimento de desenvolvimento industrial que grassava pela Europa. As suas manifestações políticas são muito inferiores à dos seus congéneres europeus (Serrão 403).

A educação e instrução foram temas caros ao movimento liberal. Luís Mouzinho de Albuquerque, amigo de Francisco Solano Constâncio e co-autor dos *Anais das Ciências, das Artes e das Letras*, enviou, de Paris, para as Cortes Liberais portuguesas, o seu projecto de instrução pública, que considerava como primeiro dever dos representantes da nação desenvolver o ensino, uma vez que a ignorância tornava os homens perversos. As suas palavras foram as seguintes: “O vosso primeiro cuidado, depositários da confiança de um povo livre, deve ser dissipar as trevas e fazer raiar o mais cedo e o mais amplamente possível a luz brilhante da verdade própria, para patentear toda beleza da liberdade e da Justiça” (Torgal 609).

Apesar da Constituição de 1822 exprimir concretamente o direito à “instrução primária e gratuita a todos os cidadãos” (art.º 145), o certo é que, só depois de 1834, surgiram as primeiras tentativas de reforma geral do ensino⁸¹. Apesar da lei, a taxa de analfabetismo manteve-se altíssima. Segundo um estudo de António Nóvoa, em 1878 82,4% da população mantinha-se analfabeta. Ainda de acordo com o mesmo investigador, baseado em documentação de uma inspecção de 1867, “Os alunos das escolas primárias, apesar de uma proveniência social heterogénea, tinham predominância urbana e pertenciam geralmente às classes abastadas” (Torgal 619).

É neste quadro que temos de analisar a acção visionária de José Ferreira Pinto Basto, seguida e realizada pelos seus filhos. Em 1890, na Vista Alegre, entre os seus trabalhadores do sexo masculino, 231 sabiam ler, 22 eram menores de 12 anos, 53 tinham entre os 12 e os 16 anos e 156 tinham mais de 16 anos. O mesmo inquérito refere a existência, na Vista Alegre, de duas escolas, uma de instrução elementar e outra de música, ambas de frequência obrigatória (Rosa 189).

O interesse de José Ferreira Pinto Basto pela educação pode ser comprovado pelo cuidado que manifestou na educação dos filhos, tendo sempre em vista a qualidade das aprendizagens e sobretudo a utilidade que as diversas áreas teriam para o desenvolvimento do seu projecto iniciado na Vista Alegre, e que ele certamente pretendia perpetuar na família. Um dos seus descendentes referiu que um dos cargos públicos que José Ferreira Pinto Basto desempenhou com mais satisfação foi o de

⁸¹ Seria uma grande falha não referir o primeiro grande projecto de “Instrução primária” anterior ao liberalismo que o matemático Francisco de Borja Garção Stockler apresentou em 1799 à Academia das Ciências. Este projecto dividia já o ensino em quatro graus: o primeiro de conhecimentos básicos, “as pedagogias”; outro mais prático e destinado a agricultores, artistas e comerciantes, “os Institutos”; terceiro ligado às ciências e outros tipos de erudição, “os liceus” e por último as “academias”, ensino superior dedicado a todos os saberes desde as ciências naturais, matemáticas e médicas, às ciências militares e náuticas, jurídico -sociais e belas-artes (Torgal 610).

provedor da Casa Pia, onde fez uma brilhante administração, tendo demonstrado mais uma vez o seu entusiasmo pela educação (Basto 55).

A educação continuaria a ser determinante nas gerações seguintes. Por ocasião do centenário, acreditava-se que a Vista Alegre tinha atingido um nível de educação e de comportamentos excepcional (Basto 56).

2. 7 A Igreja e a religião na Vista Alegre

As grandes mudanças do século XIX não deixaram a Igreja incólume. O Iluminismo demonstrava que a sociedade resultava da acção do homem que passava a ser o principal motor do seu desenvolvimento. Este princípio veio alterar a relação que os Estados tinham com a Igreja.⁸² Os movimentos liberais que grassavam por toda a Europa e se baseavam no ideal do progresso e do desenvolvimento das sociedades por via da ciência e das inovações clamavam a necessidade de autonomização do poder temporal. A industrialização favorecia a concentração urbana, mudando radicalmente também as relações entre as diferentes instituições. Esta passagem da soberania de Deus para os cidadãos foi-se fazendo progressivamente. Numa primeira fase, conservou-se a referência a Deus, sendo o povo seu mediador; na segunda fase, a sociedade civil passou a ter a exclusividade da soberania (Fernandes 14-5).

Em Portugal, este processo, embora lento, iniciou-se com o Marquês de Pombal e ganhou consistência com a revolução liberal.⁸³ Segundo o artigo 25.º da Constituição de 1822, “a religião da Nação Portuguesa é a Católica Apostólica Romana, permitindo-se contudo, aos estrangeiros o exercício particular de respectivos cultos”. Iniciou-se assim o período do Regalismo.⁸⁴

⁸² Na sociedade medieval a relação entre a Igreja e o poder era muito estreita. O princípio do poder divino dos reis colocava a Igreja numa posição de supremacia relativamente ao poder temporal. Desta forma, a igreja era detentora única do poder sagrado, detendo simultaneamente o poder de anuir ou destituir reis.

O Iluminismo, e especialmente J. J. Rousseau, foram os grandes responsáveis pelo espaço que o homem passou a ocupar no mundo, tendo entrado assim em ruptura clara com o Antigo Regime.

⁸³ Num outro artigo da mesma constituição refere-se que compete ao rei “apresentar para os bispados, precedendo proposta tripla do Conselho de Estado. Apresentar para os benefícios eclesiásticos de padroado Real curados ou não-curados, precedendo concurso e exame público perante os Prelados diocesanos”. A Constituição de 1826 reconheceu uma certa liberdade de consciência pois ninguém podia ser perseguido por motivos religiosos desde que respeitasse o Estado e não ofendesse a moral pública (Fernandes 20).

⁸⁴ Doutrina que concedia aos reis o direito de interferência em questões religiosas. Para informações mais detalhadas sobre este tema remete-se para a obra de António Teixeira Fernandes *Igreja e Sociedade na Monarquia e na Primeira República* (2007).

Com a interrupção do Cartismo, através da tomada do poder absolutista de D. Miguel, o clero que o apoiou retomou por algum tempo a sua predominância e velhas regalias. Mas esta traição aos ideais liberais não foi esquecida e, em 1832 com a afirmação do poder burguês, os direitos senhoriais do clero foram definitivamente abolidos por decreto em Maio de 1834.

Apesar destas grandes mudanças em Portugal, o regalismo liberal não rompeu com a Igreja, isto é, o Estado não se tornou laico: continuou a assumir-se católico e o rei prestava juramento de manter a fé católica.

É neste enquadramento histórico e político que devemos situar José Ferreira Pinto Basto, homem de grandes convicções religiosas, mas que se assumiu claramente um liberal. De resto, como vimos, ele foi o sexto arrematador nacional de bens do clero.

A Vista Alegre era, em termos religiosos, uma comunidade semelhante à maioria das povoações portuguesas, tendo uma capela no centro da povoação e uma santa padroeira, a quem a população pedia protecção: “Na sua antiga capela, a fábrica mantém o culto permanente, havendo missa dominical e instrução de moral católica” (Basto 30). O culto e a educação moral e religiosa estavam a cargo do capelão da fábrica desde a sua fundação.

As festas religiosas em honra de Nossa Senhora da Penha de França, padroeira da Vista Alegre, instituíram-se no primeiro domingo de Julho, por ter sido no dia 1 de Julho de 1824 que o rei D. João VI concedeu o alvará às fábricas de Porcelanas da Vista Alegre. José Ferreira Pinto Basto pediu, no seu testamento, que o aniversário da fábrica e a festa da padroeira fossem sempre celebrados no primeiro fim-de-semana de Julho. Esse pedido tem sido respeitado até aos nossos dias.

Para além do carácter religioso, também havia arraial popular com iluminações, récitas no teatro e concertos. Ainda hoje se mantêm estas tradições, continuando essa festa a ser um misto de culto religioso e tributo prestado à família Pinto Basto que se digna juntar aos seus operários para com eles celebrar o funcionamento da fábrica. Em suma, a fábrica, o trabalho, trabalhadores e família Pinto Basto, numa espécie de harmonia familiar, na qual a ordem hierárquica nunca é esquecida, são o centro destas festividades.

Actualmente, ainda é notório o paternalismo alimentado pela manutenção de tradições e a conservação de rituais em que e religião católica se cruza, e até se confunde, com uma espécie de messianismo desta família.

Na missa campal, todos agradecem a Deus, perante a imagem da santa protectora da povoação, o privilégio de trabalhar nesta fábrica, e relembram-se todos os trabalhadores e colaboradores que faleceram. Por seu lado, a administração, que ainda se confunde com a família Pinto Basto, agradece aos seus colaboradores, juntando-se-lhes nestes festejos. A comunhão e proximidade de patrão e empregados é uma constante nesta comunidade sempre centrada na fábrica.

As celebrações atingem o seu ponto mais alto com a procissão. Pode pensar-se que não há aqui nada de novo. Como em todas as aldeias e cidades de Portugal, é assim que terminam os festejos em que se juntam o religioso e o profano. Depois de folgar, vem o clímax do tributo religioso em sinal de humilde agradecimento pelas graças recebidas e pedidos para o ano vindouro. Este é o momento mítico das procissões e, na Vista Alegre, este instante continua a ser o da grande comunhão à volta da fábrica. Nesse domingo, as portas dos jardins da residência da família Pinto Basto estão abertas ao povo.

Na Vista Alegre, a pequena imagem da Senhora da Penha de França sai do pedestal que ocupa no topo do altar-mor da capela para as celebrações da missa campal. A procissão inicia-se à porta da capela, atravessa as instalações da fábrica, seguindo pelo bairro operário ainda habitado por trabalhadores. Por fim, termina nos jardins da família. Alguns elementos da administração e da família recebem a procissão dos operários como se fossem uma só família em torno do mesmo objectivo - a fábrica. A fé em Deus confunde-se com a fé no trabalho e na união desta comunidade, sempre em volta dos mesmos símbolos: fundador, fábrica de porcelana, família do fundador e operários e respectivas famílias.

Embora o aspecto religioso pareça ser o que mais distingue Pinto Basto de Robert Owen, o facto é que, como se disse no capítulo anterior, este último reflectiu e escreveu sobre o carácter universal da fé Cristã, pondo em causa a sua validade enquanto verdade absoluta. Não podemos, no entanto, esquecer a realidade religiosa da Grã-Bretanha, tão diversa de Portugal, pois o catolicismo era, na época, a única religião aceite no nosso país. Na verdade, José Ferreira Pinto Basto não foi, de forma alguma, uma figura controversa em termos religiosos, já que se assumiu como um católico convicto. Porém, não devemos esquecer todo o ataque político feito à Igreja portuguesa, enquanto instituição poderosa, levado a cabo pelo movimento liberal. João Santiago refere-se a José Ferreira Pinto Basto como um “católico mas liberal”. Questionando o

significado deste conceito de catolicismo talvez se encontre explicação nas palavras de José Estêvão Magalhães no elogio histórico a José Ferreira Pinto Basto:

Extintos os meios artificiais de enriquecer os Estados, debilitada a fôrça dos recursos religiosos para a moralização pública, as sociedades, como o pródigo no fim das suas dissipações, socorreram-se ao trabalho, e deste livre e rico património, que lhes deu a natureza, procuraram tirar subsistência e virtudes.

Esta transformação social, aceita pelos Governos, passada para as leis, degenerou hoje em uma paixão frenética, alistou-se debaixo das bandeiras da insurreição, e no meio dos seus delírios busca a fortuna e a paz, em uma reconstrução da família e da sociedade. (cit. Marques 51)

Continuando a estabelecer um paralelo com a comunidade de New Lanark, também Robert Owen proporcionava aos seus trabalhadores serviços religiosos, bem como a possibilidade de festejar eventos do calendário religioso. De resto, o seu cuidado nesta área levou-o a contratar pregadores que falassem a língua dos seus trabalhadores. A religião poderia desempenhar um papel de relevo na formação moral dos operários, colaborando na manutenção de um ambiente de alguma resignação e consequente paz social.

Na Vista Alegre, a religião poderá ser vista como um meio de união entre todos os elementos da comunidade, certificando, de certa maneira, a hierarquia segundo a qual estava organizada a comunidade.

O fundador e os seus filhos eram as figuras máximas da pirâmide social. Se tivermos em conta as palavras de João Santiago, há uma atitude de quase deificação do fundador, quando este refere que, na procissão da festa, “a cruz simboliza o fundador” e, como tal, só poderia ser transportada pelo representante máximo da administração da fábrica ou por um membro da família (*cf.* Apêndice A).

Conclusão

No fundo, as utopias nos séculos XVIII e XIX abandonaram o domínio literário restrito para penetrarem nos âmbitos da política, da pedagogia e até da filosofia sem, contudo, romperem com a ideia de uma liberdade harmoniosa a realizar-se na história através das suas próprias leis. A utopia assim considerada, convicta de que detém a globalidade do saber sobre a alteridade social situada no futuro, acaba, com certeza, por alimentar a quimera de que, com ela, se esgota o âmbito da alteridade. A partir daí, cumpre ao utopista desdobrar-se em pedagogo, esbatendo as fronteiras entre o espaço político e o espaço pedagógico até estes se confundirem num projecto de transformação de homens oriundos do passado em homens novos.

Adalberto Dias de Carvalho

Este trabalho, como certamente ficou claro, pretendeu apenas ser uma reflexão sobre utopias realizadas a partir de dois casos concretos: New Lanark e Vista Alegre.

No estudo comparativo que efectuei sobre essas duas comunidades, tive em consideração a singularidade das suas “espacialidades”, bem como o génio inventivo dos dois construtores utópicos: Robert Owen e José Ferreira Pinto Basto. Partindo do princípio aceite de que New Lanark foi a materialização de um projecto utópico de Robert Owen e que se tornou tão famoso ao ponto de ser visitado por ilustres de todo o mundo, poder-se-á constatar o quão importante a vila se tornou enquanto modelo para os reformadores e pensadores do século XIX.

A propaganda de New Lanark como exemplo a seguir apresentava soluções para uma gestão lucrativa, e para a prevenção de situações de insustentabilidade social. Mostrava, sobretudo, a necessidade de corrigir o caminho da ganância desmesurada provocada pelos lucros do período industrial, de forma a atingir alguma justiça social.

José Ferreira Pinto Basto, que é apresentado, por muitos autores, como um seguidor de Saint-Simon, pelas evidências apresentadas neste trabalho, parece muito mais próximo de Robert Owen e do seu modelo de New Lanark.

O tempo da propaganda intensa de Robert Owen (1812 a 1820), em Londres, cidade com a qual José Ferreira Pinto Basto mantinha contactos estreitos, como ficou também demonstrado, aumenta consideravelmente as hipóteses de este ter tido conhecimento das propostas de Owen, bem como da existência de New Lanark. Foram ainda apresentadas provas da entrada, em Portugal, dessas ideias, através das publicações periódicas de Francisco Solano Constâncio. Por último, e talvez um dos factores mais relevantes nas hipóteses sustentadas, estão as ligações familiares de José Ferreira Pinto Basto. Foi casado com uma senhora de origem inglesa e pertencente a um ramo da influente família Allen; o seu irmão, João Ferreira Pinto Basto, estabeleceu-se em Londres como comerciante de reconhecido mérito; os seus filhos estudaram em Inglaterra. Teodoro Pinto Basto ficou a viver com o seu tio em Londres, tendo-se tornado seu sócio, casou com uma inglesa de quem teve filhos que, por sua vez, foram também educados no mesmo país.

Quanto à possibilidade de José Ferreira Pinto Basto se ter deixado influenciar pelas ideias de Saint-Simon, também parece claro que tal teria sido pouco provável. As obras de Saint-Simon publicadas ainda em sua vida, foram impressas em número muito reduzido e distribuídas num meio bastante restrito. Com efeito, a sua obra parece ter sido divulgada, a uma escala maior, com a publicação póstuma de *Le Nouveau Chistianisme* (1825). Se, por um lado, a disparidade cronológica entre esta publicação e a fundação da Vista Alegre me faz afirmar que Saint-Simon não poderia ter tido grande influência na sua concepção, por outro, pelo estudo apresentado da personalidade e actividade de José Ferreira Pinto Basto, não se me afiguram grandes pontos de convergência entre o pensamento de ambos.

Na referência que Jorge Borges de Macedo faz às influências do Conde de Saint-Simon, destaca, em particular, a sua paixão pela indústria como forma de resolver os problemas da época, tendo por base no “Elogio histórico a José Ferreira Pinto Basto” de José Estêvão Magalhães. Ora, na Vista Alegre, não se verifica apenas o primado da indústria como se pôde constatar no desenvolvimento deste trabalho. Tratou-se sobretudo de um projecto muito mais arrojado, que envolveu a criação de uma comunidade auto-suficiente. Ficou, penso eu, esclarecido que a Vista Alegre terá sido uma utopia realizada que sobreviveu à vida do fundador, tendo continuado a sua construção sob a direcção dos seus filhos até atingir o auge cerca de cem anos depois.

Tão importante como a criação de uma indústria, foi o relevo dado a aspectos caros a Robert Owen e que se prendiam com a educação dos operários, com o intuito de

atingir a felicidade ou a “educação delicada”, o melhoramento das condições de vida dos operários, nomeadamente no direito ao trabalho, a assistência médica e pensão de velhice e a formação de uma espécie de grande família, na qual todos colaboravam para o mesmo fim: o funcionamento da fábrica e a sobrevivência da comunidade.

Quanto ao tipo de utopias realizadas, parece-me não subsistir dúvida quanto ao seu carácter paternalista, tanto no caso de New Lanark como no da Vista Alegre, cabendo aos seus “criadores” toda a responsabilidade das opções tomadas e do caminho a seguir.

Obras Citadas

- Amzalak, Moses Bensabat. *Francisco Solano Constâncio e o economista inglês William Godwin*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 1940
- Arez, Ilda et al. *Vista Alegre: Porcelanas*. Lisboa: Edições Inapa, 1989
- Basto, João Theodoro Pinto. *A Vista Alegre – O Livro do seu Centenário*. Lisboa: 1924
- Bobone, Carlos. *História da Família Ferreira Pinto Basto*. Lisboa: Livraria Bizantina 1997
- Bowle, John. *Politics and Opinion in the Nineteenth Century: An Historical Introduction*. New York: Oxford University Press, 1954. *Questia*. Web. 26 June 2010.
- Briggs, Asa. *História Social de Inglaterra*. Lisboa: Editorial Presença, 1998
- Cardoso, José Luís "Introdução". Constâncio, Francisco Solano. *Leituras e Ensaios de Economia Política – 1808-1842*. Lisboa: Banco de Portugal, 1995
- Constâncio, Francisco Solano. *Leituras e Ensaios de Economia Política – 1808-1842*. Lisboa: Banco de Portugal, 1995
- Claeys, Gregory. "Introduction". Owen, Robert. *A New View Of Society And Other Writings*. England: Penguin Books, 1991
- Desbazeille, Michèle Madonna. "Owen and Fourier: Collusion and Collision". *Spaces of Utopia: An Electronic Journal*, nº 2. Summer 2006. pp. 91 - 100
- Donnachie, Ian and George Hewitt. *Historical New Lanark: The Dale and Owen industrial community since 1785*. Edinburgh: University Press, 1999
- Donnachie, Ian. "A New Moral World? International Dimensions of Owenism 1815-1830" Russell, Elizabeth (ed.) *Trans/Forming Utopia: Looking Forward to the End*. Vol.1. Bern: Peter Lang AG, International Academic Publishers, 2009
- (---). *Robert Owen: Owen of New Lanark and New Harmony*. Scotland: Tuckwell Press, 2000
- (---). "Utopian Designs: the Owenite communities" *Spaces of Utopia: An Electronic Journal*, nº 6. Autumn/Winter 2007. pp. 19 – 34
- Faria, Luísa Leal de. "Introdução". Owen, Robert. *Uma Nova Conceção De Sociedade*. Braga: Textos Filosóficos, 1976
- Fernandes, António Teixeira. *Igreja e Sociedade na Monarquia Constitucional e na Primeira República*. Porto: estratégias criativas, 2006

- Friedman, Yona. *Utopies réalisables*. Paris: Editions de l'éclat, 2008
- Gomes, Marques. *A Vista Alegre – Memória Histórica*. Aveiro: Tipografia Minerva 1924
- Lopes, Maria Antónia. “Os pobres e a assistência pública”. Mattoso, José (dir.). *História de Portugal* Volume V. Portugal: Círculo de Leitores Lda., 1993
- Maurois, André. *História de Inglaterra: Época Moderna*. Lisboa: Editorial Aster 1976
- Mendes, J. Amado. “Etapas e limites da industrialização”. Mattoso, José (dir.). *História de Portugal* Volume V. Portugal: Círculo de Leitores Lda., 1993
- Miliband, Ralph. “The Politics of Robert Owen” *Journal of the History of Ideas*. Vol.15, No.2 (April 1954), pp. 233 – 245. University of Pennsylvania Press
- Nicolson, Margaret and Ian Donnachie. “The New Lanark Highlanders: migration, community, and language” *Family and Community History*. Vol. 6, May 2003. pp. 19 – 32
- Paden, Roger. “Marxism, Utopianism and Modern Urban Planning”. *Utopian Studies*. Vol. 14, Issue 1. 2003. pp. 82+
- (---). “Marx’s Critique of the utopian Socialists”. *Utopian Studies*. Vol. 13, Issue 2. 2002. pp. 67+
- Rosa, Laura Marques de Figueiredo Peça Pereira da. *A Vista Alegre- Uma Instituição Diferenciada no Âmbito da Indústria Portuguesa do Séc.XIX (1824-1900) - Dissertação de Mestrado Universidade Nova de Lisboa: Lisboa, 1995*
- Rostow, W.W. and Michael Kennedy. *Theorists of Economic Growth from David Hume to the Present*. New York: Oxford University Press, 1990
- Saage, Richard. “Socio-political utopianism and the demands of the 21st Century”. *Spaces of Utopia: An Electronic Journal*, nº 2. Summer 2006. pp. 150 – 164
- Sargent, Lyman Tower. “Themes in Utopian Fiction in English before Wells”. In <<http://www.depauw.edu/sfs/backissues/10/sargent10art.htm>> acedido em 26-02-2004
- Serrão, Joel (dir.). *Dicionário da História de Portugal*. Livraria Figueirinhas.
- Silbert, Albert. *Do Portugal de Antigo Regime ao Portugal Oitocentista*. Lisboa: Livros Horizaonte, Lda, 1981
- Silva, Paulo Ascenso Pereira. *Temas, Mitos e Imagens de Portugal Numa Revista Inglesa do Porto- The Lusitanian (1844-1845)*. Fundação Calouste Gulbenkian, 2001

- Smith, Paul B. "Utopia and the Socialist Project" *Spaces of Utopia: An Electronic Journal*, nº 2. Summer 2006. pp. 101 – 120
- Soja, Edward W. *Postmodern geographies: The reassertation of space in critical social theory*. London: Verso, 1999
- Sousa, Maria Leonor Machado. *The Ghost e Francisco Solano Constâncio*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1978
- (---). *Solano Constâncio: Portugal e o mundo nos primeiros decénios do sec. XIX*. Lisboa: Arcádia, 1979
- (---). *Um Ano De Diplomacia Luso-Americana*. Maia: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1988
- Spiegel, Henry William. *The Growth of Economic Thought*. 3rd ed. Durham, NC: Duke University Press, 1991
- Tengarrinha, José Manuel. *Estudos de História Contemporânea de Portugal*. Lisboa: Editorial Caminho – Coleção Universitária, 1983
- Thomson, David. *England in the Nineteenth Century*. England, Penguin Books, 1978
- Torgal, Luís Reis. "A instrução pública". Mattoso, José (dir.). *História de Portugal* Volume V. Portugal: Circulo de Leitores Lda, 1993
- Trahair, Richard C. S. *Utopias and Utopians: An Historical Dictionary*. Westport, CT: Greenwood Press, 1999
- Trevelyan, G.M. *A shortened History of England*. New York: Penguin Books, 1977
- Vicente, António Pedro. "Invasões Francesas". Medina, João (dir.) *História de Portugal*
- Woodward, Llewellyn. *The Age of Reform- England 1815-1870*. Oxford University Press, 1962

Apêndices

Apêndice A

Entrevista a João Santiago

1- Ao apresentar a fábrica, começa por uma breve apresentação do espaço envolvente, destacando o facto de ainda prevalecer a vontade do Fundador. De que forma é que se sente esta “presença” de José Ferreira Pinto Basto?

João Santiago – Esta presença traduz-se por exemplo, no respeito pela vontade do fundador mantendo-se o terreiro e toda a estrutura das habitações, que estão hoje, praticamente ocupadas, excepto as do largo, onde estão instalados os *ateliers* para crianças. Tudo o que o nosso fundador nos deixou, se mantém, tornando efectiva e permanente a sua “presença”.

2- Esta fábrica destaca-se pela diferença, em Portugal, da comunidade que a envolve. A Vista Alegre tornou-se uma povoação por causa da fábrica cá instalada em 1824. Sabemos que chegou a ter cerca de 500 habitantes. Pode falar-nos deste aspecto inovador?

João Santiago – Fomos a primeira empresa a construir em banda para otimizar o terreno. Desde o início foi destacada uma parte do terreno (cerca 225000 m²) para uma quinta onde se produzia legumes, fruta, carne e leite, de acordo com as necessidades dos trabalhadores.

É à volta da fábrica, que o nosso fundador vai construir tudo o que é importante para os trabalhadores: o teatro, a escola, a cantina, mais tarde uma corporação privada de bombeiros. Temos a mais antiga corporação privada do país.

O nosso futebol veio mais tarde, mas o primeiro desafio de futebol que houve em Portugal foi a VA que organizou. Ainda hoje temos a equipa da VA. Tivemos o Montepio logo desde o início. Tivemos cantina e uma cooperativa. O nosso fundador, e depois os seus sucessores, compravam a outras empresas tudo o que era necessário para o bem-estar dos trabalhadores, depois eram-lhes vendidos praticamente a um preço de custo, o que era muito pouco usual na época.

Cunhámos moeda própria, que circulava apenas na povoação e servia para se comprarem os bens dentro da VA. Se calhar os jovens hoje nem acreditarão, mas nós tínhamos aqui tudo o que precisávamos. Embora hoje em desuso, ainda me lembro de várias famílias se juntarem para comprarem a safra de uma, ou várias árvores de fruta inteiras que depois dividiam. Estava tudo aqui. Era uma espécie de cooperativismo.

Ainda hoje se nota, pelo menos eu noto, que é um gosto pertencer a esta empresa, é o gosto de estar nesta casca que nos protege. As pessoas estão aqui com prazer por isso, pelo menos que eu tenha conhecimento nunca houve problemas laborais, os operários sentem-se satisfeitos. Em 186 anos, a fábrica nunca deixou de trabalhar. Só no período das lutas liberais, a fábrica fechou parcialmente. Na altura, o filho do fundador dirigiu-se para o Norte com um exército constituído por trabalhadores da Vista Alegre, a fim de se juntar às forças liberais.

3- Os trabalhos da quinta eram efectuados pelos operários da fábrica?

João Santiago – Não, as pessoas que trabalhavam na quinta não tinham nada a ver com a fábrica. Algumas pertenciam à família de trabalhadores ou então eram trabalhadores sazonais contratados para o efeito. No entanto, a administração era feita pela empresa. Eu ainda me lembro de um episódio engraçado, o desaparecimento da vaca Cornélia (aqui os animais tinham nome) – O funcionário responsável pela contabilidade andava preocupadíssimo com a falta deste animal. O que realmente tinha acontecido é que a vaca tinha sido vendida, e não se tinha dado baixa da sua venda. O controlo era feito com papel, lápis e uma borracha, mesmo no armazém onde se ia buscar material muito caro, como era o caso de ouro ou prata para a decoração das peças, era assim que se fazia o controlo. Hoje tudo se processa com o computador. Esta comunidade era auto-suficiente. Aqui havia tudo.

4- Como era regulada a ordem e disciplina nesta comunidade?

João Santiago – Tudo era muito claro, no que dizia respeito à ordem e à disciplina. Eu estou cá há pouco mais de trinta anos, embora vivesse aqui muito perto antes de ter vindo para cá (vivia em Ílhavo, a três km daqui), nunca tinha ouvido falar desta realidade, não imaginava que as coisas funcionassem assim.

As regras passam de geração em geração. A ordem e limpeza das casas e das zonas comuns eram rigorosas. Cada dona de casa tinha a obrigação de manter a sua “direcção” limpa e asseada. Era expressamente proibida a criação de porcos ou galinhas que pudessem sujar ou dar maus cheiros nas zonas residenciais.

Havia até de vez em quando concursos do melhor quintal (era obrigatório que estivessem sempre cuidados e muito arranjados). As árvores tinham um valor muito especial, tinham de estar muito cuidadas e ainda hoje, como se pode observar, continuam a ser muito importantes. O nosso fundador escolhia as árvores criteriosamente. As oliveiras davam azeitonas, as tílias, para além de bonitas e do cheiro, davam para fazer chá. Tudo tinha uma orientação e uma utilidade.

5- E relativamente ao consumo do álcool?

João Santiago – O nosso fundador proibia o transporte, circulação e consumo de álcool dentro da empresa. Ainda hoje não se pode ingerir bebidas alcoólicas na nossa cantina. Se alguém fosse apanhado alcoolizado era severamente castigado. O nosso fundador dava com uma mão, mas exigia também responsabilidade.

Outra situação que não era tolerada era o abuso às senhoras, também eram severamente castigados. Bastava uma queixa para ser complicado. Estas regras estavam muito à frente daquela época. Eu conheci senhoras, que já ”partiram”, e contavam que se alguém fosse acusado de usar de violência ou outra forma de abusos para com as mulheres ou mães era severamente punido.

Ele teve 15 filhos, a quem obrigava a trabalhar neste projecto. Os trabalhadores sentiam-se acarinhados e tinham um exemplo a seguir.

6- Como era mantida a ordem e a disciplina dentro da fábrica?

João Santiago – Agora a ordem já não é imposição. Somos nós que queremos. Nesta empresa o lema é que “ninguém é criado de ninguém”. Quem suja limpa. Se partirmos qualquer coisa apanhamos e colocamos em recipientes para voltar a ser reutilizado. Nós trabalhamos com matéria-prima muito cara, por isso é tudo reciclado.

Muitas vezes me perguntam se um funcionário partir alguma peça (algumas são muito caras) se tem de a pagar. Não. A única coisa que tem de fazer, e de acordo com as orientações que temos do nosso fundador, é dizer ao chefe – Fui eu! Nunca colocar a peça direitinha à espera que a culpa vá parar a alguém. Este é um princípio que nos foi

ensinado pelos nossos colegas mais velhos. Qualquer pessoa pode vir visitar as instalações da fábrica e vê que está tudo limpo. Os ensinamentos vêm da educação e da formação que aqui recebemos. As pessoas são educadas nestes princípios.

7- A educação parece ter sido muito importante na formação das gerações?

João Santiago – Sim, claro. Desde o início desta empresa que aqui se aprendia a ler e a escrever, bem como pintura. As raparigas aprendiam a ler, escrever, aritmética e a bordar.

Ao Sábado, no princípio da fábrica, o ensino da costura e dos bordados era ministrado pela esposa do fundador às raparigas da Vista Alegre e às filhas. Elas aprendiam a ler, a contar e a bordar, o que era importante para uma mulher naquela época. A mulher do nosso fundador foi uma senhora muito dedicada à VA. Depois da morte do marido ela assumiu, juntamente com os filhos, a administração da empresa.

8-Embora uma parte das instalações já seja antiga, a limpeza é notória. Quer esclarecer algo acerca da higiene?

João Santiago – A Vista Alegre tem uma secção para os trabalhadores mudarem de roupa. Ninguém vai almoçar com a bata de trabalho. Dentro do local de trabalho, usamos uma bata que não levamos para fora, e não é por imposição, somos nós que fomos ensinados a cumprir estas “regras”. Todos nós temos muito orgulho no nosso fundador, por isso, temos orgulho e prazer em passar estes ensinamentos aos mais novos.

Nos tempos da fundação havia muitas pestes, então havia muita preocupação com as regras de higiene com todo o pessoal que para cá viesse. Todos os trabalhadores que viessem de fora da povoação, e que por isso tivessem estado em contacto com populações de fora, tinham de tomar banho antes de entrar na povoação. Ainda existem as duas casas em madeira, junto ao rio, na entrada para os terrenos da fábrica, que eram usadas, uma para homens, outra para mulheres. Os trabalhadores que vinham de fora tinham de tomar banho todos os dias, os homens em água normal e as senhoras em água aquecida. A creolina era usada para lavar os pés e as mãos.

Era proibido andar descalço dentro das instalações da fábrica, por isso havia um funcionário que fazia o calçado. Eram uma espécie de socas, com a sola de madeira e depois uma tira que era feita com o cabedal das correntes das máquinas. Eu ainda tive o privilégio de assistir ao fabrico deste tipo de calçado e tenho os meus guardados.

Nos tempos difíceis, havia trabalhadores que tiravam os sapatos à porta da fábrica para não os estragar, havia muitas para quem fosse apanhado descalço dentro das instalações da fábrica. Isto na época era único.

Nós reciclamos tudo e protegemos tudo o que é natureza. Se alguém tiver dúvidas é ir aos jardins do Museu e ver o musgo no chão. Sabemos que se houver poluição os musgos não aguentam e morrem.

O espaço do largo da fábrica foi pensado há 180 anos e continua a manter-se como foi pensado.

9- Que ligação “a família” continua a estabelecer com os trabalhadores para com eles se criarem relações mútuas?

João Santiago – O fundador tinha 15 filhos e fazia questão de mostrar que os educava para trabalharem. Eram assim um exemplo e um estímulo para os trabalhadores. Havia muita proximidade entre a família e a VA.

Para mostrar o seu apreço pelos serviços prestados pelos operários, o fundador mandou conceber duas jarras, peças únicas, para os trabalhadores que completassem vinte e cinco e depois cinquenta anos de serviço. Hoje são já muito difíceis de acontecer. Hoje começa-se a trabalhar com mais idade e, então esse tempo foi reduzido para os quarenta anos. Essas jarras são expressamente feitas para os trabalhadores, têm o seu nome e a data em que entrou para a empresa e não podem ser vendidas ou atribuídas a qualquer outra pessoa. A entrega é feita com alguma solenidade no dia da nossa festa. Normalmente é nomeado pelo senhor presidente, alguém da administração ou da família para que, em nome do nosso fundador, entregue a peça, o que eu considero uma ternura.

Na Festa, a família está cá sempre. A cruz é sempre levada pelo senhor presidente. A cruz representa o nosso fundador. A nomeação do juiz da festa é feita anualmente nos jardins da residência

Era habitual um administrador dizer a um funcionário: “então já não vamos comer fora há muito tempo”, ou “hoje é você a pagar o café”. Esta aproximação era muito gratificante para todos nós.

10-Sempre tiveram Assistência Médica e pensão de Velhice desde a fundação?

Temos médico e enfermeiro permanente. Todas as semanas, às quartas-feiras, vêm cá funcionários de um laboratório. Para além de ser muito cómodo para o trabalhador, é evidente que evita a falta ao serviço. Os exames periódicos hoje em dia são obrigatórios em todas as empresas, mas antigamente não eram habituais.

Se uma pessoa se reforma e o ordenado é baixo, a nossa administração completa com um complemento de reforma. Foi criado o Montepio que, numa situação de doença completava o ordenado. Na nossa aula de pintura, nos tempos da fundação, as crianças tinham direito ao almoço e a um pequeno subsídio.

Aqui, na Vista Alegre, estimula-se a continuidade dos trabalhadores. Quando vim para cá não fui bem visto porque os lugares eram para as pessoas da família dos que já cá trabalhavam. Eu não tinha ninguém de família cá. Há um sentido de pertença que não se verifica noutras empresas, pelo menos que eu conheça.

Agora vamos ter as comemorações da nossa capela, que foi considerada monumento nacional. Estamos a organizar um pequeno evento, um pequeno concerto e um Porto de Honra e, para além dos convites institucionais, já enviámos convites aos nossos trezentos e vinte reformados. Os trezentos e vinte reformados, são nossos, não são de mais ninguém. Todos vão receber uma cartinha com o convite, pois continuam a pertencer à nossa comunidade,

Entrevista gravada em 8 de Abril de 2010.

Anexos

Lisboa 19 de Janeiro 1832

Theodoro

Agora mesmo recebo a tua carta do 1º do corrente estimo muito as boas noticias da tua saúde, e da do Thio João a quem me recomendarás. Recebi a cópia da carta que te tinha pedido: vejo que o Thio João não tem feito empregos, e lhe dirás que tenha em segurança aqueles fundos, no que fico descansado.

A tua esperança de que mui breve me verei descansado, Deos o permita; eu ainda estou na mesma. Vejo que nenhum desses meus senhores darão carta de protecção, para alcansar passaporte: eu também assim o creio; porém poderia, ou poderá ser que algum escreva a meu favor ainda que não se declare a minha pertença porque eu depois cá arranjarei, e hua carta de recomendação se dá a quem quer: Eu não tenho crimes, nem remorsos; e toda a birra que o Rey tem commigo he voluntaria, e só por fazer a vontade aos que me julgão que sou liberal: No entanto estou certo se o Thio João lhe escrevesse a elle Rey, que dava cavaco, por que quando elle dahi veio me dizia, e às Infantas que o Thio João hera bom homem, e que ele muito deu Amigo. Porem não quero arriscar o caprixo do Thio João, e por isso não insisto. See com tudo elle lhe quizer escrever a pedirlhe me conceda o passaporte para o hir ver a Inglaterra, nem será coisa desairosa, nem ficará grande pena se não fizer cazo da carta.

Sim é verdade que dezejo viver livre, e amo as instituições que me deixão gozar do que he meu, e isto o sabe D. Miguel: mas ao mesmo tempo sabe que he hua injustiça castigarme pelos meus pensamentos, porque nem pelas palavras, nem pelas obras tem motivo para o fazer: Cocluo em dizer que Deos me livre dos meus inimigos. Agradeçote o que participas dos teus negócios com a tua liquidação, e de que se não tem cumprido no Porto as ordens. Deos permita que tu sejas felis, eu lho pesso, e que te dê saúde, e guarde por muitos annos

Teu Pay Amigo

JFPB.

P:S. – Esta na nossa caza O Lord William Russel, e tem feito vários offercimentos. Lembro me (neste instante) se tu julgas concluídos os negócios de Portugal, que eu deverei apparecer aos meus amigos, e dar hum brinde de bailes, ou cêa. Eu tenho lousa, e alguma prata: mas pode ser que se podesse comprar ahi em 2ª mão, e bom uso, algum plató, ou enfeite para a meza coiza de casquinha e então ser metido em algum navio de guerra a entregar a Lord Russel porque poupava os direitos: porem não quero gastar muito.

Anexo B

Discurso de José Estêvão

“ Senhores: Nêste falso movimento da vida, em que as paixões se agitam dentro da sua própria impotência; neste desvio intelectual, em que todo o pensamento se absorve em uma só ordem de ideas; nesta época em que todos os olhos se cravam inquietos no futuro; ilustrações passam diante de nós sem homenagens, os exemplos de virtude sem louvores, os serviços sem comemorações.

Este fado deplorável quebramo-lo hoje. A história dos homens que associamos ao nosso culto, escrita sobre os seus túmulos, é um testemunho de respeito pela sua memória, um padrão de glória nacional, uma lição civilizadora.

Entre a aridez de que o sopro das lutas políticas tem coberto o nosso país, como a árvore triunfante do deserto das tempestades, levanta-se felizmente esta guarida aberta generosamente pelas artes a todos os merecimentos, este génio em que se apagam as divisões do mundo agora. Romeiras de diversas crenças aqui se acoutam, aqui se tratam, aqui se honram.

Chamado pela vossa bondade a esta doce comunhão, abraço com gosto esta prática ilustrada. Também amo as invocações do vosso rito; mas quási estranho às doutrinas dele, não posso glorificar o meu nome nos vossos trabalhos.

Entregastes a esta devoção instintiva o mandato fúnebre que pertencia aos sacerdotes da literatura. O esplendor dos vossos anais pagará este erro da liturgia.

De um modo todavia, acertastes na escolha. Facilita-me ela o satisfazer uma necessidade do meu espírito. Conheço o túmulo que destinais à minha oração. Ao começá-la, as lágrimas da amizade molharão o ramo de cipreste, que me mandais depositar sobre a campa.

Todas as profissões da vida são partes do grande edifício social, mas nem sempre delineou bem a juntura de tantas peças – e em tam vasta arqutétura foram desconhecidas por muito tempo as forças, que verdadeiramente o sustentam. Algumas destas profissões avultam na fachada do edifício, rematam-lhe as cimalthas, são ostentações da sua magnificência: outras quási ficam sumidas entre os ornatos, rastejam pelos socos dos pilares, e até jazem aterradas nos fundamentos, onde a inteligência as adivinha, mas onde os olhos não podem descobri-las.

Naquela primeira ordem de profissões sociais, há modelos brilhantes, favores de opinião, benefícios do poder, destinos gloriosos. Aqui a trivialidade é desdita e talvez martírio, a ilustração interesse. Na segunda, os destinos são mais acanhados, a opinião menos cortês, o poder benévolo, e os exemplares menos excitantes. Aqui é em seguir a uzança que está o interesse; na distinção, além do perigo de diligências baldadas, há só dolorosas fadigas.

Este quadro pertence ao passado. A civilização moderna deu nova luz ao corpo social, melhorou-lhe a perspectiva, reformou-o com cores mais verdadeiras.

O Snr. José Ferreira Pinto Basto pertence à escola da reforma, exerceu nela o magistério com distincção, ensinou as belezas com esmero, e deixou neste género obras de mais-valia.

Entregue à vida comercial no tempo, em que ainda os nossos portos recolhiam os frutos pouco disputados da ousadia de nossos Avós, em que os negociantes, pela maior parte, repeliam com desconfiança a sociedade que os protegia e considerava o país como uma vasta feitoria do seu tráfico, na qual só constrangidos derramavam o benefício dos capitais, pressentiu logo a índole civilizadora do comércio. As suas tradições primitivas de liberdade, o alcance dos seus trabalhos, a esfera das suas virtudes, a achou assim nas inspirações do seu génio as tendências do século em que vivia.

Na longa e penosa restauração da Sociedade, cada época traz suas exigências, e os espíritos mais utupistas não podem seguir as combinações variadas do poder regenerador. Tudo, que se apresenta com as aparências de prodígio, é dentro em pouco um acontecimento ordinário; cada ano se ri da incredulidade do ano anterior, e cada geração seria sempre um desengano para as gerações que morreram, se estas pudessem contemplá-la.

Se os governos dominam todo o corpo das sociedades, os raios desta luz que semelhante ao fogo de Vesta, quando se acende é para não mais se apagar, ou são absorvidos em massas de opressão entrepostas por um arbítrio cego, ou passam para o mundo decompostos e quebrados no prisma da discricção administrativa.

Extintos os meios artificiais de enriquecer os Estados, debilitada a força dos recursos religiosos para a moralização pública, as sociedades, como o pródigo no fim das suas dissipações, socorreram-se ao trabalho, e deste livre e rico património, que lhes deu a natureza, procuraram tirar subsistência e virtudes.

Esta transformação social, aceita pelos Governos, passada para as leis, degenerou hoje em uma paixão frenética, alistou-se debaixo das bandeiras da insurreição, e no meio dos seus delírios busca a fortuna e a paz, em uma reconstrução da família e da sociedade.

Esta necessidade moderna chegou também ao nosso país: os princípios de administração, que ela exigia, conquistaram muitas convicções e fizeram-se repetidos ensaios destas novas doutrinas.

Até agora, porém, ainda não rebentou essa febra de trabalho nem as agitações políticas apareceram inoculadas deste contágio. Parece que um destino superior abrande e purifica as inundações da civilização, antes de chegarem ao nosso território, e, se não é grande a fertilidade que estas nos trazem, também são menores os estragos que nos causam.

Dominado profundamente das tendências do seu tempo, convencido da proficiência desses princípios, o snr. José Ferreira Pinto Basto votou todo o caudal do seu espírito, toda a cópia dos seus meios, às empresas industriais e exercitou nelas com entusiasmo a sua paixão pelo engrandecimento público, e os sentimentos de beneficência.

A minha terra natal foi logar escolhido para estes grandiosos trabalhos.

A saúde e gratidão de um povo ousado e livre não deslustra esta respeitável cerimónia. Permitti, pois, que à oblação destes sentimentos se misture também os acentos da vossa dor.

A estrela cadente da prosperidade dêste povo brilhou com renovada luz: as suas tradições comerciais reanimaram-se: as carreiras da sua navegação pareciam abrir-se de novo, e este pequeno simulacro de Veneza pelo seu solo retalhado de águas navegáveis e contraste dela pelas propensões de seus filhos, ia já cobrir-se das suas antigas galas.

Tudo isto foi um sonho passageiro. As diligências do homem civilizador foram contrariadas por causas insuperáveis, e os seus estabelecimentos comerciais sucumbiram ao peso delas com as nossas esperanças⁸⁵.

Junto ao logar desta tentativa infeliz eleva-se logo um grande estabelecimento industrial. Não se ordenava uma empresa conhecida, criava-se uma indústria. Era necessário estudar os seus métodos, reunir os socorros da sciência, levantar tudo dos elementos primitivos. O homem que se concebe esta idea, busca preencher todas

⁸⁵ José Estêvão referia-se à fábrica de Soda no Albói e aos Moinhos do Côjo que nunca chegaram a funcionar.

aquelas indicações, e no seu empenho em dar vulto a um pensamento predilecto, entrega-se a trabalhos estranhos à sua educação.

Todas as artes auxiliares daquela indústria são ali ensinadas e praticadas: talentos condenados a guiar o arado vão ali dar documento da nossa aptidão universal, e a sociedade recebe com meios novos de subsistência uma educação colegial. A`custa de perseverança indomável, são coroados tamanhos esforços, e funda-se assim a nossa independência em um ramo de indústria destinada não só a satisfazer precisões e cómodos domésticos, mas até os extremos da civilização material.

As escolas especulativas ilustraram, desvairaram e cansaram o mundo.

Os seus erros foram confundidos com a verdade, e as suas doutrinas convertidas sem as depurações da crítica em paixões frenéticas. Os homens depois de demoradas lutas, inventariando no primeiro remanso da paz os seus sacrifícios e os seus crimes, acharam em recompensa de tantos sofrimentos os nomes já aborrecidos dos seus chefes e as bandeiras já rasgadas que os tinham levado a esses renhidos combates.

Depois de tantos flagícios, de tanto sangue vertido, de tanta fortuna arruinada, - não sentir senão remorsos e miséria!

O momento era desanimador e propício à idolatria. As tábuas de salvação não descem do Sinai; o povo tumultua e sacrifica de novo ao bezerro de ouro.

Não Senhores, naquelas doutrinas filosóficas estão os princípios da verdadeira lei: o tempo nos dará o fruto dela; aqueles crimes e desgraças hão-de tornar-se virtudes e prosperidades. Aguardemos um pouco, e seguremos a nossa fé pela graça da esperança.

Chegou enfim esse futuro. A nova religião civilizadora depois de ter profligado os erros e heresias que a tinham deshonrado, depois de pregar a tolerância e paz, celebra o grande mistério da sua encarnação, unindo o pensamento sem prejudicar a divindade da sua origem. A`s grandes formas materiais em que o substancia, enche de imagens os altares da sua igreja, e ministra aos seus fieis, como a cristandade primitiva nas suas Ágapes, o pão da vida e a palavra da razão.

Esta feliz ligação das teorias com os melhoramentos materiais; este carácter das existências sociais de agora, é devido exclusivamente às grandes indústrias. Podem algumas artes humanas, recordando-se de suas variedades antigas, de sublimidade dos pensamentos que exprimem, do modo por que se associaram aos grandes factos do mundo, reivindicar para si, para os séculos em que brilharam este privilégio da época actual; mas a sua proeminência nêste ponto não pode equipar-se à grande fortuna das

indústrias; nem roubar-lhes o grande pensamento moral que elas representam. Pelo contrário, essas artes presunçosas acham nas vastas conquistas da indústria um grande campo de triunfos, e uma larga exposição para as maravilhas; e, na multiplicidade dos trabalhos industriais, o meio de repartir as suas belezas por todas as classes de sociedade e de tirar do gesto, que assim se generalizam, muitas indicações para o seu aperfeiçoamento. Como não são as obras delicadas, nem as organizações exquisitas, mas a majestade da criação, em que elas se confundem, os grandes testemunhos do poder da natureza, também os documentos do nosso poder civilizador são antes os grandes foros do trabalho humano do que essas artes de espírito e sentimento que hoje são antes a poesia da sua história do que a história de sua força.

Mas a razão dos nossos dias tem composto todas estas disputas de rivalidade. A civilização actual como um experimentado paleógrafo, chama em volta de si todos os códices por onde se acha dividida a genealogia das diferentes artes, limpando as nódoas que as revoluções, o tempo, e as preocupações tem lançado sobre a sua escritura; procurando de geração em geração achar a ligação de sangue que as prende a todas; e apontando-lhes a inteligência como mãe comum, indica-lhes a importância da sua missão pela nobreza da sua origem. Vós sabeis, senhores que o comércio juntou em grande parte as notícias históricas para êste belo trabalho. Contemplemos da altura destas considerações o homem cuja morte deploramos; lancemos depois os olhos para o nosso país, e veremos como êsse homem avulta no meio da modéstia da sua vida.

Todas as suas grandes fundações foram feitas por entre os perigos das turbulências políticas: a sua paixão pela indústria dominava todos os cálculos de prudência a sua ousadia empreendedora, não se esquivava na confiança do próprio poderio, mas na confixão do seu aferro à sólida ventura da pátria.

E em toda a vida do senhor José Ferreira Pinto Basto aparece retratado êste grande sentimento. O seu patriotismo não era um affecto de orgulho, um interêsse e consideração pessoal, uma afeição poética, uma inspiração de conveniência, um reflexo de recordações domésticas; mas um sentimento esclarecido e feito, em que se reuniam maravilhosamente uma espécie de crença na predestinação oriental, o amor inocente de ingénuo à terra natalícia, e o conhecimento exacto dos deveres do cidadão – sentimento profundo e indestructível em que se misturava tudo quanto há de proveitoso na ilustração do século com o que a alma tem de mais nobre e até às preocupações do mais generoso e respeitável.

Quando, Senhores, se observam os timbres das nações humilhadas a memória dos grandes feitos apagada as letras deshonradas e o ondear das chamas que se alevantam das fogueiras acêzas pela superstição e fanatismo; quando se considera a ingratitude das repúblicas e o reger férreo das monarquias; o ostracismo do areópago e a lanceta dos Imperadores Romanos; quando o homem acordado do seu sono de ilusões patrióticas por êsses fantasmas de sangue, pergunta a si mesmo por que lado amar a pátria, responde-lhe o coração – que ela é o berço, e brada-lhe e religião que ela há-de ser a sua sepultura.

E é necessário sentir as afeições patrióticas nesta sua ingenuidade para resistir a duas forças poderosas e sedutoras que hoje trabalham em aluir o espírito das nacionalidades. E` a primeira delas êsse cosmopolitismo jactancioso, triste exageração do século filosófico que a gravidade das ideas modernas vai corrigindo e que apenas se conserva como um sofisma anacrónico e artificioso contra a liberdade dos povos pequenos: è a segunda essa mobilização sempre crescente da riqueza, que tirou o mundo das garras do feudalismo, mas que hoje parece crêr entregá-lo à prostituição mercantil que não conhece pátria nem penates. O senhor José Ferreira Pinto Basto, desprezou com superstição patriótica estas perigosas tentações. As viagens pareceram-lhe sempre ingratitude ao país: A crença no poder estrangeiro, um insulto ao nosso pundonor; o emprego dos capitais fora do solo pátrio, um atentado contra a moral pública; a confiança da inferioridade das nossas coisas uma fraqueza imperdoável. Nunca se assimilou a essas nuvens ingratas, quem o nosso bom patriota Vieira exporbava com tanta graça e severidade o engrossarem-se no Brasil para irem chover a Madrid e a Paris; e prezou sempre o exemplo do Espartano que se regalava com seu caldo preto, mofando do Persa que não tinha temperado o paladar na defeza das Termópilas.

Esta ligação absoluta da fortuna com a sorte do país não torceu no senhor José Ferreira Pinto Basto a força das suas convicções. Pregou mais as imunidades do seu carácter do que as conveniências da sua situação, e foi cidadão do seu país sem deixar de ser homem das suas opiniões.

Quando por duas vezes, êrros governativos, desinteligências pessoais, influências do estrangeiro, algumas paixões mais, e muita ilusão honesta, deram às pretensões do poder arbitrário uma força, que das velhas leis da monarquia e dos nossos bons usos não podia receber, o senhor José Ferreira Pinto Basto fiel às crenças políticas, sem odiar as dos adversários, afectuoso para com as suas amigas da infância, sem faltar às ligações do partido fêz da sua robustez de ânimo um martírio dos seus

perseguidores e do seu martírio, o opróbio dêles e opõe assim a estes governos de circunstância, a resistência de impossibilidade, de que todos os poderes vertiginoso não triunfam nunca, senão para concorrerem a uma morte mais afrontosa. Pugnou pela glória e liberdade do seu país dentro dêle mesmo. Não podia acreditar no oráculo, que punha a salvação de Atenas no abandono dela.

Veio afinal a restauração como um tremendo e último desengano para os entusiastas. Um trono erguido pelos braços do paíz simboliza esta grande lição. Numeroso é o cortejo que cêrca o poder afortunado.

Uns vêm-lhe prestar homenagens contrafeitas outros fazer alegações de falsos serviços, outros soprar o facho das vinganças, outros sustentar solicitações importunas. O senhor José Ferreira Pinto Basto em nenhum dêstes grupos aparece: saúda – sem baixeza e sem remorsos na restauração as esperanças da prosperidade pública, e recolha a guardá-la na sua posição independente.

A desconsideração com o mérito comedido e honesto, que a justiça de todos os tempos parece ter reservado para os governos, é uma triste condição, da índole dos homens. Nas luctas políticas desenvolve-se com mais fôrça, porque a mesma petulância das ambições subjuga os espíritos, e a modéstia foge destas competências ostentosas; mas, se as mãos do poder não vão procurar o mérito retirado para lhe vestir a púrpura – também nos comícios mal se vê o candidato, a quem uma boa clientela não cerca e corteja.

Entre nós desde os primeiros ensaios da liberdade faltaram por largo tempo na representação pública muitos caracteres destintos, muitas ilustrações principais. Privando com os homens influentes de todas as épocas ligados a todos os grandes acontecimentos do paíz, vítimas de todos os desastres políticos, só depois de um rigoroso noviciado aparecem admitidos à ordem parlamentar. Não são as leis disciplinares dos partidos que dificultam estas honras – è a abnegação dos adeptos, que sem as desprezar as não solicitam.

O senhor José Ferreira Pinto Basto é um daqueles antigos e sempre leais cavaleiros da liberdade a quem as melhores distinções dela só couberam no último quartel da vida, e depois de assinalados serviços. Dois colégios eleitorais se encarregaram dêste acto de justiça, um exprimindo a influência agrícola e industrial, o outro a importância do comércio e as relações de antigas amizades – e ambos o respeito ao carácter firme, a um juiz são, a uma grande vontade pelo bem público, e à reconhecida liberalidade de princípios políticos.

Há frases comuns, que têm uma grande significação, e que até por triviais não deixam perceber a sua importância. Quando se chamam sentimentos políticos às diversas convicções sobre a economia dos Estados; quando esta expressão teve entrada nos círculos da inteligência, e da boa educação, substituiu-se o ódio das classes aos interesses sociais, o furor dos agitadores à verdade das Escolas. O crime apresentou-se com o carácter de justa represália: a violência nunca mais foi considerada como uma arma de defesa e as tendências apaixonadas da política, que era mister combater, foram solenemente auctorizadas, dando-se-lhes, com erro de doutrina e dano público, uma origem sentimental, que ela não tem nem deve ter.

As opiniões parlamentares do senhor José Ferreira Pinto Basto não nasceram deste vicioso princípio. Não lhas inspiraram nem pretensões malogradas, nem ambições astuciosas, nem vinganças posilânimes, fracas, nem êsse ódio de preceito e obrigação contra as tradições hereditárias, que foi a vergonha e a fraqueza da democracia do século passado, de que ela se lavou já nas águas do seu novo baptismo. Os seus princípios políticos foram um reflexo ingénuo e puro dos seus princípios sociais; e o seu voto exprimiu sempre a relação lógica que, segundo o seu juízo prendia êsses mesmos princípios. Ainda não houve posição parlamentar nem mais coerente, nem mais segura.

Também em duas épocas distintas foi o senhor José Ferreira Pinto Basto chamado ao serviço público pela confiança do poder e aceitou sem hesitação essas comissões, de que o paíz podia tirar avultado interesse.

O pôrto de Lisboa, principalmente, pelos favores da nossa navegação colonial, tinha feito desta bela cidade um grande empório do comércio; mas parte das nossas colónias, tendo chegado à idade da lei, emanciparam-se, e outros foram-se abrindo, por desleixo, à bandeira estrangeira. Pretendeu-se restabelecer por princípios de liberdade a obra das exclusões; projectou-se franquear o pôrto de Lisboa.

Este pensamento pertencia à revolução de 1820; o governo que se lhe seguiu, adoptou e diligenciou executá-lo. A reacção de vinte e três proclamou o seu princípio governativo, fez perseguições por satisfazer, usou de uma grande severidade fraseológica contra os princípios da revolução; mas conhecida, como grande acontecimento, deixou sempre impressões e interesses que se não podem atacar, pelo menos, sem delicadeza.

O senhor José Ferreira Pinto Basto, nomeado membro da comissão encarregado de preparar os trabalhos para a lei de franquia, distinguuiu-se ali como um colaborador inteligente e zeloso na confecção dela.

Finalmente, o senhor José ferreira Pinto Basto foi incumbido de administrar a Casa a Pia de Lisboa, e aqui teve o seu génio extenso campo de exercício.

Com poucos dias de trabalho do seu novo cargo, entregou-se todo aos cuidados dêle. As suas ocupações domésticas foram abandonadas; aos seus meios de serviço particular aplicados para aquêlo estabelecimento. Considerou o diploma que o mandava cuidar daquela orfandade desvalida, como Alvará de perfilhamento, e recebeu na sua família os filhos de tantas outras famílias.

A instrução organiza-se com a maior propriedade para aquêlo instituto; As reformas mais úteis executam-se sem danos particulares; as rendas fiscalizam-se e tornam-se mais lucrativas; a fazenda regulariza-se pelos melhores métodos da pública gerência, e administra-se com as práticas da economia doméstica; os hábitos de limpeza mantêm-se com rigor como princípios importantes da educação; a disciplina colegial firma-se com eficácia e sem rudeza; o Estado descansa por muito tempo na generosidade do seu funcionário, e, nêste pequeno círculo de govêrno o homem zeloso e activo deixa documentos de magnanimidade de coração, e prova de muito talento administrativo.

Depois da notícia dos factos mais notáveis que esta intelligência sôbre a terra, depois dêstes traços capitais que representam o homem nas relações da vida, quereis vós ver os desenhos intermédios que enchem êste quadro? Quereis conhecer os exemplos daquêle espírito protector que se não cansa com a ingratição, as obras daquela caridade misteriosa que se paga com o alívio dos aflitos, o trato de urbanidade delicada, que não pesa como uma gravidade estudada, nem fenda com uma firmeza rude, aquela lealdade nobre com que se entrega sem reservas à confiança dos seus amigos, aquela generosidade profunda com que só não perdôa na ofensa da torpeza dela? Há homens que deixam nos costumes da sua vida as instruções para o seu panegírico. Esquecê-las é ofender as suas cinzas com as revelações do epitáfio.

Eis aqui, Senhores, uma vida predominada por um só princípio e êste princípio satisfazendo todas as exigências sociais: eis aqui os deveres domésticos ligados à devoção cívica; a moral do homem particular reforçado pelo sentimento do homem público, e realizada assim a idolatria patriótica sem o bárbaro sacrifício dos sentimentos mais suaves do coração, sem o culpável desprezo dos negócios da vida.

As artes, de que Vós fostes dignos intérpretes, acharam já no leito da morte o homem que procuravam honrar com as suas distinções e ainda ouviram dos seus lábios moribundos um adeus de saúde e votos de prosperidade. Agora mesmo da louza

dessa sepultura recebem elas uma inspiração nobre e fúnebre; ainda dessas cinzas se alevanta a chama misteriosa que só lhe pode dar animação, vida e glória.

O génio das artes domina com o seu poder criador todas as formosuras da natureza, todos os feitos dos homens. O seu império termina com o império de Deus; Mas estas vastas possessões quási são estéreis, se a inteligência inerte não é acendida pelo sentimento da nacionalidade.

Quando o coração do artista não bate por estas grandes paixões, quando êle não bebe as suas inspirações nas amenidades da terra que o viu nascer, nos costumes da raça que o educou, na história da nação em que vai cumprir com os seus destinos; quando não estima como prémio dos seus estudos os louvores sempre queridos dos seus compatriotas; quando ao menos, vítima do desprêzo e da injúria, não aspira à glória de fazer honrar a sua sepultura com as lágrimas do arrependimento e da vergonha; o pensamento artístico debilita-se por falta de poesia, a execução torna-se imperfeita e as artes corrompem-se com a degeneração dos Estados.

Vêde Senhores, as artes gregas e romanas associadas ao fôro, á guerra, aos jogos, á religião, salvarem dos naufrágios do mundo o mais fiel retrato de aquêles povos e chamarem todos os séculos pela voz seductora do gôsto a admirarem seus feitos. Vêde as sombras daquelas duas heróicas nacionalidades parecerem ainda orgulhosas por entre as ruínas dos seus edifícios, as formas das suas estátuas, os traços dos seus quadros, e as páginas dos seus poetas.

Consagremos também ao culto venerando do nosso paíz o sinzel, a palheta, a pena e a voz: Honremos os túmulos de todos os homens que o têm honrado, e esta nossa nacionalidade frutificada pela religião dos mortos, santificada pela milagrosa unção das artes, lançar-se- á confiada nos braços do destino futuro do mundo, tomando por símbolos s sua honra e pundonor as aventuras do magriço e as vitórias do condestável. Disse.” (cit. Gomes 50-58)

Anexo C



Edifício Principal da Fábrica da Vista Alegre



Bairro Residencial dos operários da Vista Alegre



Museu e lojas da Vista Alegre



Teatro da Vista Alegre



Antiga escola da Vista Alegre



Refeitório actual da Vista Alegre



Casa dos Farnéis – Antigo refeitório



Antiga casa de banhos junto ao rio



Nossa Senhora da Penha de França



Capela da Vista Alegre



Andor da Senhora da Penha de Fraca à saída da Capela sita na fábrica da Vista alegre.



Procissão atravessando a fábrica da Vista Alegre



Rua Rousseau na Vista Alegre



Sporting Clube da Vista Alegre



Perspectiva do edifício principal da Vista Alegre.

Índice

Nota de Abertura	9
Introdução	10
Parte 1 – New Lanark	
1.1 Inglaterra no século XIX	13
1.2 Robert Owen – breves notas biográficas	20
1.3 Influências políticas e filosóficas no pensamento de Robert Owen	25
1.4 New Lanark de Dale	27
1.5 New Lanark de Owen – uma utopia realizada	29
1.6 Owen o propagandista	32
1.7 Owen e a educação	35
1.8 Owen e a religião	38
1.9 Owen o teorizador – Owenites	41
1.10 Owen e o socialismo utópico	47
Parte 2 – Vista Alegre	
2.1 Portugal no século XIX	52
2.2 José Ferreira Pinto Basto - breves notas biográficas	56

2.3 Precusores do socialismo utópico em Portugal: a voz de Francisco Solano Constâncio	64
2.4 Vista Alegre – fundação de uma fábrica e de uma povoação	70
2.5 Vista Alegre – uma utopia realizada	75
2.6 A educação na Vista Alegre	82
2.7 A Igreja e a religião na Vista Alegre	86
Conclusão	90
Obras citadas	93
Apêndices	96
Anexos	103